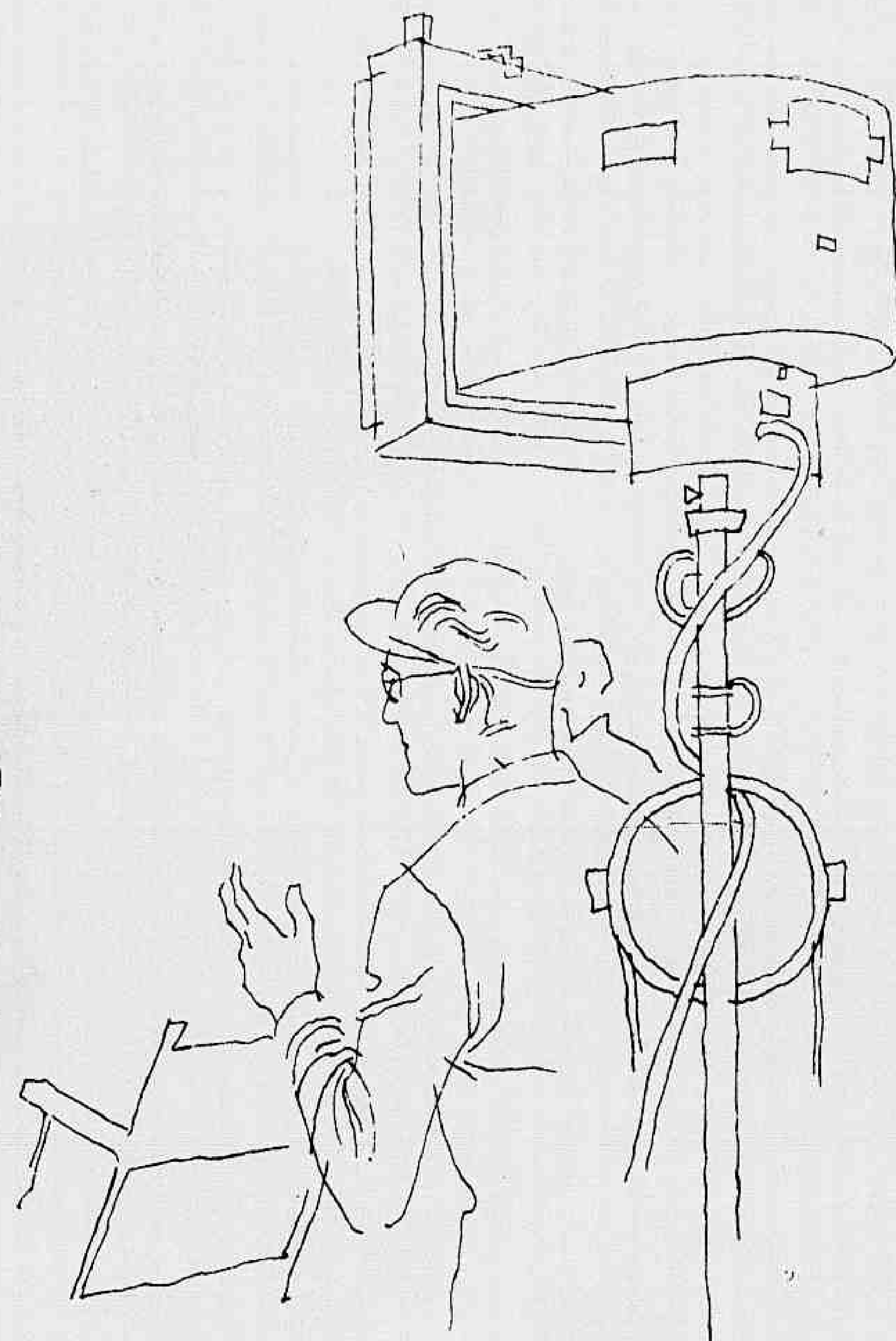


de S. Pau

SO NO

MUSSOLINI"



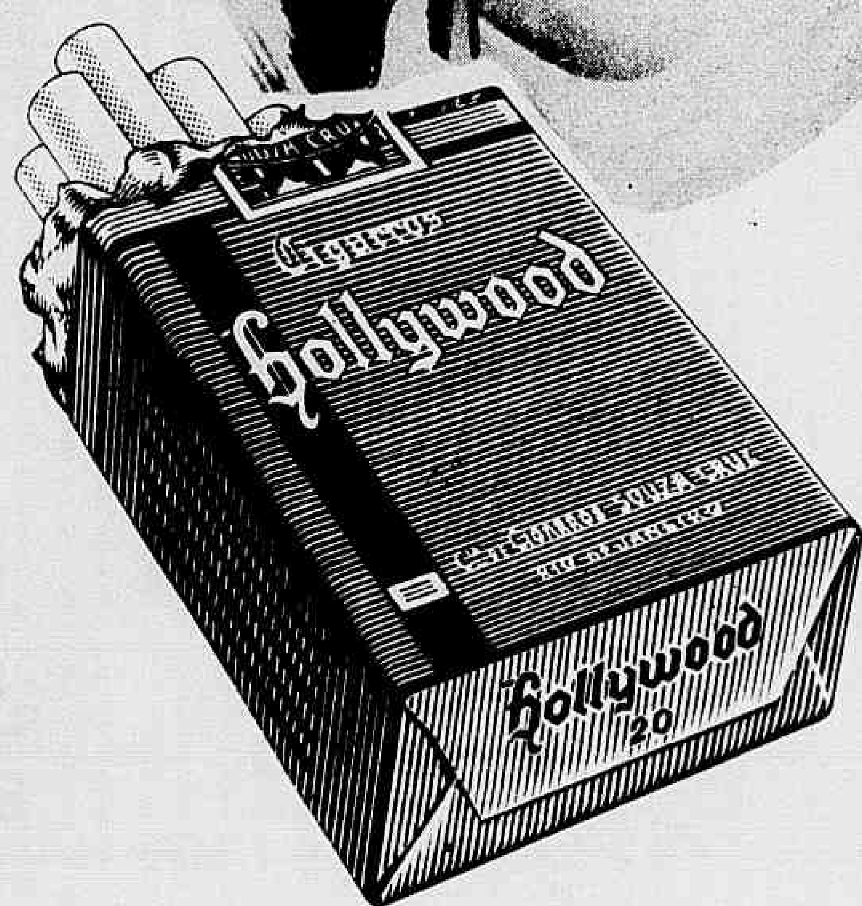


"Uma grande estrêla"...

... é aquela que, graças à sua arte e sensibilidade, sabe distinguir os caminhos para as emoções das grandes platéias. Essa mesma sensibilidade é que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

11-88.264

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 28 RIO DE JANEIRO 10/7/54

SUMÁRIO

Brasil x Hungria 4/6
A «torcida» chorou no meio da rua 7/9
Escândalo na Cexim 12/15
Monique, a menina modêlo 20/21
Já tem 5 anos a proeza dos Condés 22/23
Fôrças brasileiras partem para a Europa 38/39
A moda de 1911 deixava os homens tontos 40/41
Dino Grandi intervém no debate 44/47
«Miss Brasil»: cabelos louros, pele queimada 50/53

HUMORISMO

O riso dos outros 24/25
Cuco 59

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Rádio-Opinião 11
Show 17
Plantão noturno 26/27
Por êsse mundo de Deus 36/37
Literatura 43
Cinema 47
Flash paulista 48
Champanhota 50
A semana acabou assim 57
Último «Flash» 58

CAPA

Monique, modêlo, numa foto de Paulo Muniz

Redator-chefe ..... Joel Silveira
Assistentes ..... Hélio Abreu e Leon Eliachar
Paginação ..... Victor Tapajós
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor ..... Gratuliano Brito
Redator ..... Ronato de Alencar
Desenho ..... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .. J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores ..... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. — Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

O MUNDO FABRICA (TÔDA SEMANA) EMOÇÕES NOVAS



PÁG. 4 ZEZÉ VOLTA GELADO DA SUIÇA



PÁG. 12 A BELEZA CRIMINOSA

Prezado leitor:

A grande novidade dêste número é o romance "Maria", da autoria de Jorge Isaacs, cuja publicação iniciamos. Isaacs é considerado um dos clássicos da literatura hispano-americana, e "Maria", magnífico poema de amor e de singeleza, muito justamente considerado a sua obra-prima. Chamamos também a sua atenção para o depoimento de Dino Grandi (ex-ministro do Exterior da Itália) a respeito do "dossier" secreto de Mussolini, documentos que, falsos ou autênticos, estão apaixonando a Europa e o mundo inteiro.

A redação



PÁG. 44 DINO GRANDI: "TUDO FALSO"



PÁG. 51 A BELEZA VITORIOSA

FOI EFÊMERA A ALEGRIA DO PRIMEIRO "GOAL"

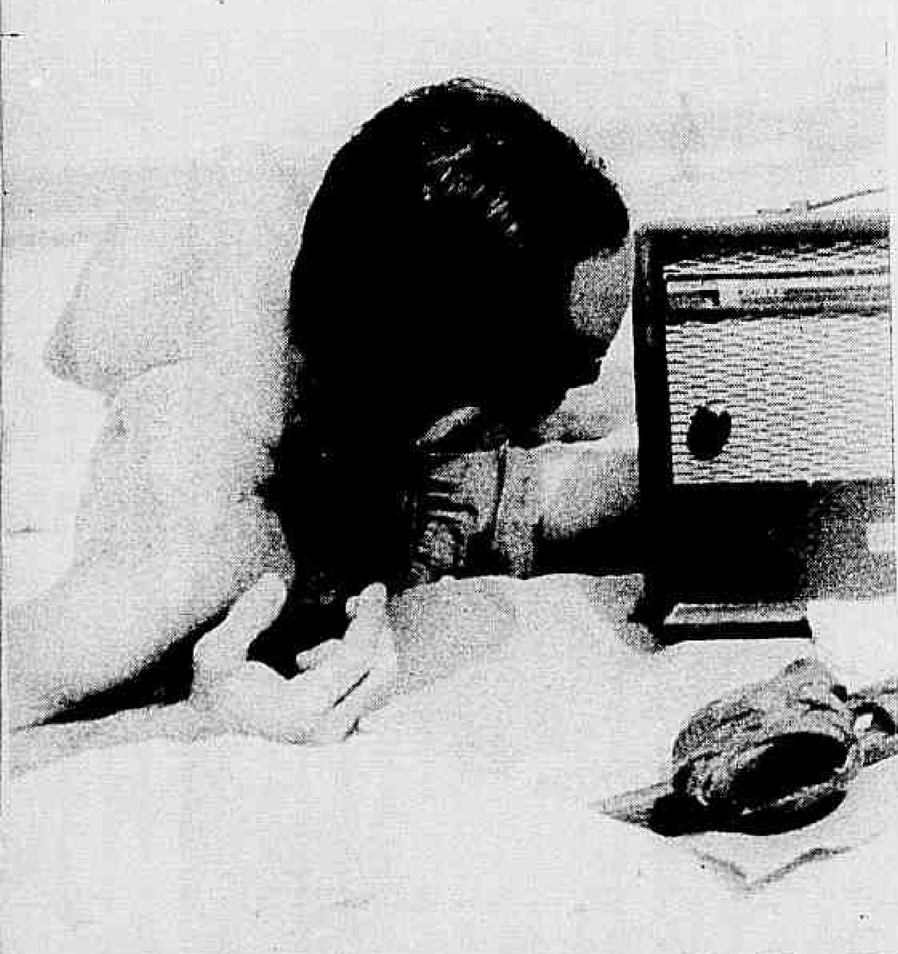




A "TORCIDA" CHOROU NO MEIO DA RUA

Fotos de **ALBERTO FERREIRA** e **NEWTON VIANA**

CIDADE barulhenta por natureza, acontecera, no entanto, naquele domingo fatídico, o incrível milagre: um manto de silêncio expectante se abatera sôbre o Rio e só explodiria meia-hora depois, quando o Brasil conseguia o seu primeiro tento contra os húngaros. Então fôra um rompante de entusiasmo e de esperança. Nem tudo estava perdido. Mas veio o terceiro «goal» dos magiares, e novamente a cidade inteira (talvez mesmo o país todo) se fechava no seu mutismo nervoso e desolado. O segundo «goal» dos nossos repetira a explosão; mas, depois, foram os instantes piores: o jôgo resvalava para a agressão e a violência, e o quarto «goal» dos húngaros só viria acirrar ainda mais os espíritos e predispô-los às lamentáveis cenas verificadas após a partida. Aqui, no Rio e no Brasil,, a «torcida» acompanhava tudo isso de coração compungido, alguns, e mesmo de lágrimas nos olhos, outros. História triste que os instantâneos destas duas páginas contam melhor do que quaisquer palavras.







Mas logo seria a negra realidade. Êstes rostos, acabrun


O "goal" de Djalma Santos era uma grande esperança. Nem tudo estava perdido.







...runhados, resumem o drama que viveu o "torcedor" carioca



Após o jôgo, nova tormenta se desencadeava. Uma brincadeira de mau gôsto por



parte do «crack» húngaro Puskas fêz explodir a guerra extra. Resultado: até o téc-



nico brasileiro, Zezé Moreira entrou na briga. E Pinheiro ficou de cabeça quebrada.



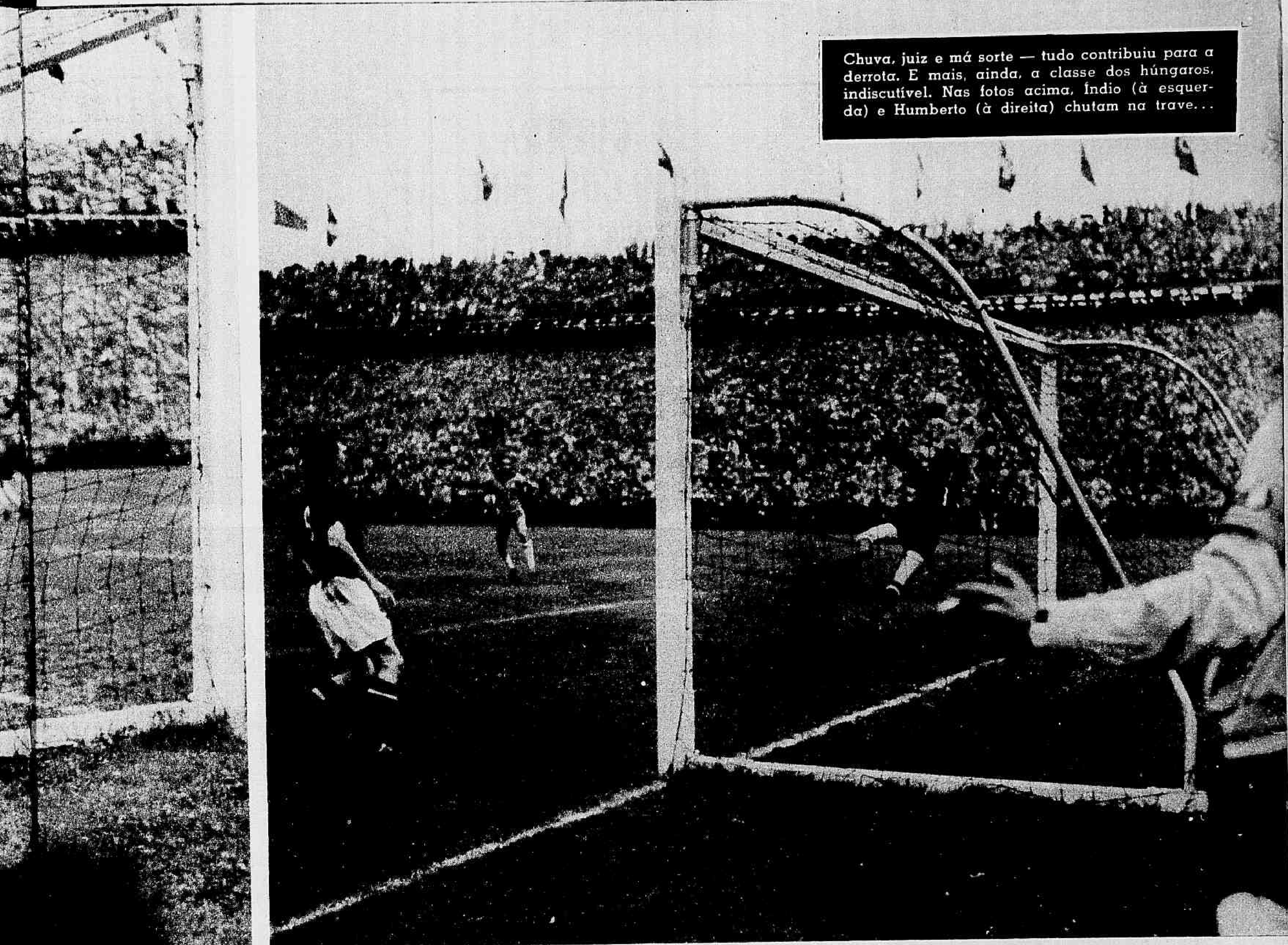


O PÂNICO E O JUIZ

NÃO temos dúvida em afirmar que, sendo desclassificado, o Brasil pagou tributo por falta de categoria que ainda se nota em nossos selecionados. O próprio início do prélio demonstrou que a equipe nacional entrou na cancha debaixo de um nervosismo que tolhia os movimentos de nossos jogadores, e a prova desta afirmativa, é que, com 8 minutos de jogo, já perdíamos por 2x0. Sòmente após o primeiro quarto de hora foram se recuperando os nossos jogadores, passou o «amarelão», e pudemos fazer algo que justificasse perante a assistência presente ao estádio Wankdorf, em Berna, o preço das entradas. A reação nacional frutificou aos 19 minutos quando Índio sofreu falta dentro da área e Djalma Santos convertia-a em pena máxima. Até o final da primeira fase o encontro não ofereceu nada de interessante, a não ser o detalhe dos repetidos e irritantes escorregões que sofriam os brasileiros na cancha, especialmente Didi. Achamos interessante o detalhe, porquanto julgávamos que o assunto das traves das chuteiras já estivesse superado, e lamentàvelmente víamos jogadores brasileiros perderem bons momentos, pois escorregavam repetidas vêzes, causando até hilaridade na assistência.

A etapa complementar apresentou a equipe nacional com mais «elan», procurando a meta contrária, porém à base de algumas ações individuais, já que também se notava certa falta de entrosamento, e também falta de apoio dos dois elementos da intermediária, Brandãozinho e Bauer. Didi, na ligação, pouco podia produzir, dado o detalhe já ressaltado dos escorregões, colocando o jogador mais sentado no gramado do que pròpriamente em condição de jôgo. A Hungria viria a aumentar o marcador aos 16 minutos, por intermédio de uma falta máxima batida por Lantos. Devemos todavia destacar que o árbitro falhou lamentàvelmente em assinalar a falta, pois esta positivamente não existiu.

Em desespêro de causa lançaram-se os brasileiros ao ataque, que surtiu o efeito desejado aos 21 minutos quando Julinho, após passar por dois adversários, atirou do bico da área, sem qualquer possibilidade de defesa para o arqueiro Grosits. Poucos minutos tinham os brasileiros para procurar o empate. Eis que surge um lance brusco em que Newton Santos é atingido por Bossik, e revida a agressão. Ambos são mandados para fora do gramado. Perde o prélio todo seu brilho, já que os jogado-



Chuva, juiz e má sorte — tudo contribuiu para a derrota. E mais, ainda, a classe dos húngaros, indiscutível. Nas fotos acima, Índio (à esquerda) e Humberto (à direita) chutam na trave...

DERROTARAM O BRASIL

res se entregam aos lances bruscos, tendo Humberto, ao final, pago tributo a um lance de «foul» violento sôbre Busanski.

Ao findar o prélio, a Hungria, aos 43 minutos, assinalava seu quarto e último tento por intermédio de Totti I. Cenas lamentáveis nos foi dado presenciar ao findar do encontro em que intervieram vários jogadores de ambos os quadros e torcedores brasileiros revoltados com a atuação do árbitro Ellis. Entre os húngaros destacamos na defensiva o central Lorant, embora bastante violento. Os demais estiveram em um mesmo plano, com bom desempenho. No ataque todos trabalharam bem, em manobras de conjunto de magnífica feitura, sendo que o ponta direita Totti II distendeu um músculo e foi pràticamente nulo na etapa complementar. Especialmente gostamos do centro-avante Hidegute, elemento realmente perigoso para a meta contrária. Entre os brasileiros, o arqueiro Castilho teve um início evidenciando grande nervosismo, firmando-se depois. Os dois Santos e Pinheiro apenas regulares. Brandãozinho e Bauer apresentaram um desempenho muito aquém de suas possibilidades. No ataque, sòmente Julinho e especialmente Maurinho apareceram, com destaque em manobras pessoais. Os demais fracos. A arbitragem de Ellis estêve fraquíssima, prejudicando a equipe brasileira em dois lances capitais.

O segundo tento húngaro foi conquistado em visível impedimento devidamente assinalado pelo bandeirinha e ignorado pelo árbitro que todavia viu o aceno de seu auxiliar e mandou prosseguir. O «penalty» foi tal absurdo que os próprios húngaros não compreenderam a marcação e já voltavam para o centro do campo, para aguardar que Castilho repusesse a bola em jôgo. Nada havia para ser assinalado pelo árbitro que criou uma situação contra o Brasil, quando o «placard» era de 2x1, e forte era a pressão nacional. Mas, enfim, meus amigos, a derrota não deve ser imputada sòmente a falha atuação do árbitro, já que nosso selecionado também teve um falho desempenho, não tendo se entrosado um momento sequer. Isto tudo, à par do nervosismo inicial, a falta de categoria, que nos custou sofrer dois tentos contra, em apenas 8 minutos de jôgo. Contra uma equipe de categoria como a húngara, começar com uma desvantagem de dois tentos, convenhamos, é uma diferença quase impossível de ser tirada.

Mais confiança por parte dos brasileiros, no início da peleja, e a vitória do "scratch" de Zezé Moreira seria inapelável ★ As lendas tecidas em tôrno do pretenso "fantasma magiar" acabaram influindo infantilmente no ânimo dos nossos jogadores.

BERNA (de **Benjamin Wright**, especial para «Revista da Semana»)



Mesmo sem Puskas, o «onze» magiar revelou-se em plena forma. Mas também êles sabiam que o adversário brasileiro seria difícil — e daí o jôgo violento aconselhado pelo técnico da seleção de Budapest.

A GUERRA COMEÇOU POR CAUSA DÊLES



● A atuação de mr. Ellis não agradou aos brasileiros, e foi um dos motivos de o jôgo, que se anunciava como «o mais sensacional do século», descambasse para uma tourada típica. Chamaram-nos, por isso, de «sul-americanos histéricos». Quanto ao famoso Puskas, que se vê no flagrante de pé engessado, não jogou, mas deu o ar de sua graça com aquêle gracejo que levou Zezé Moreira a um desfôrço pessoal.





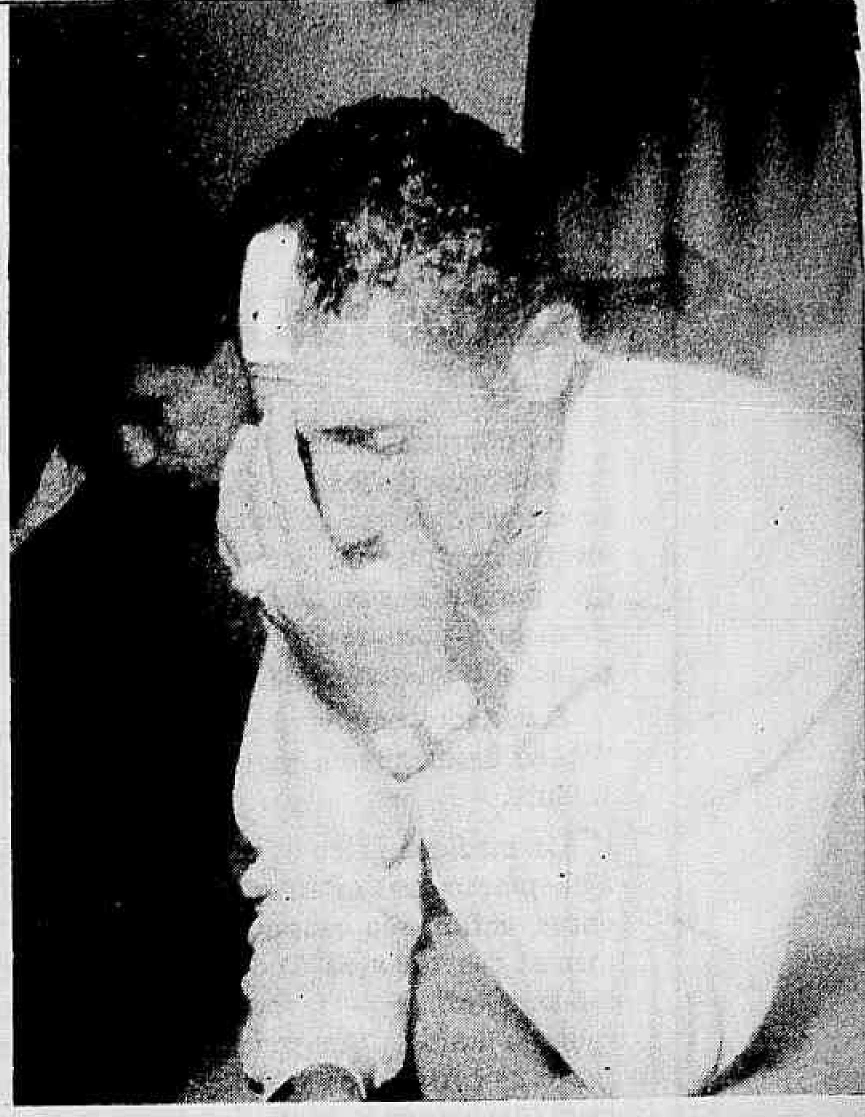
ZEZÉ MOREIRA, CASTILHO



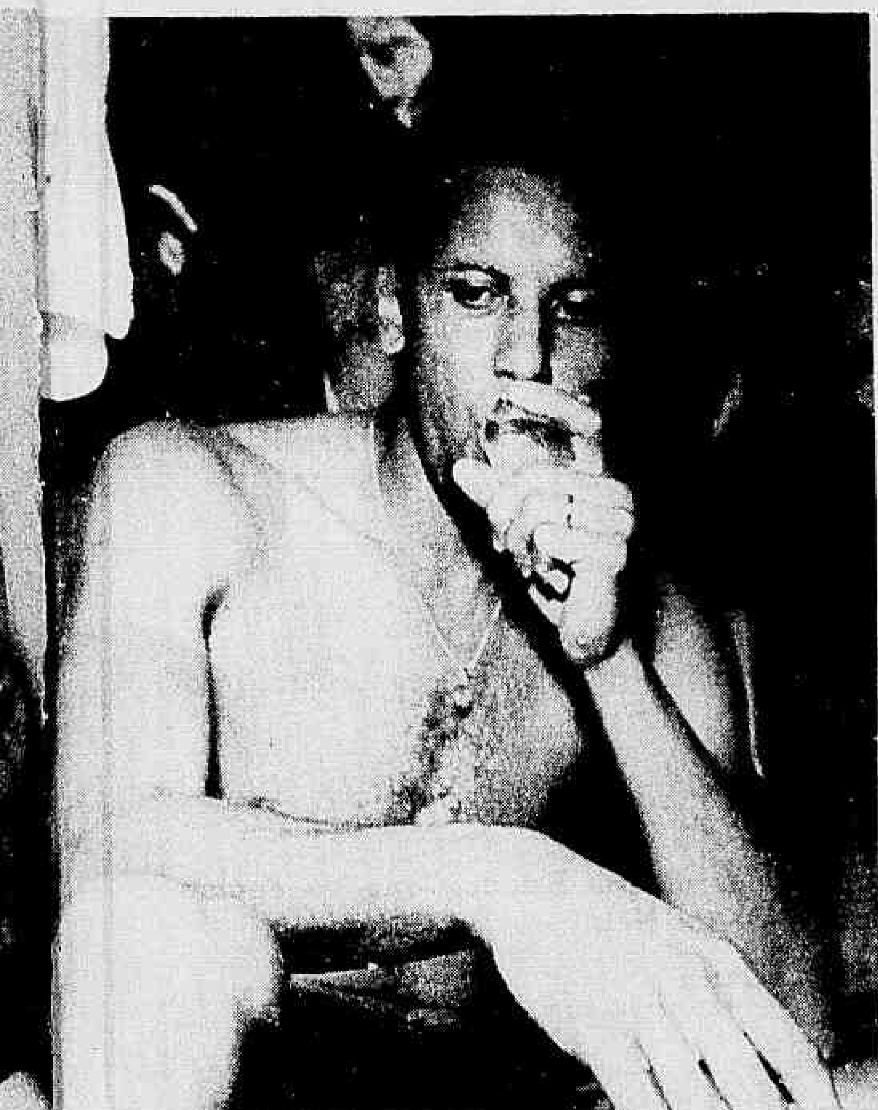
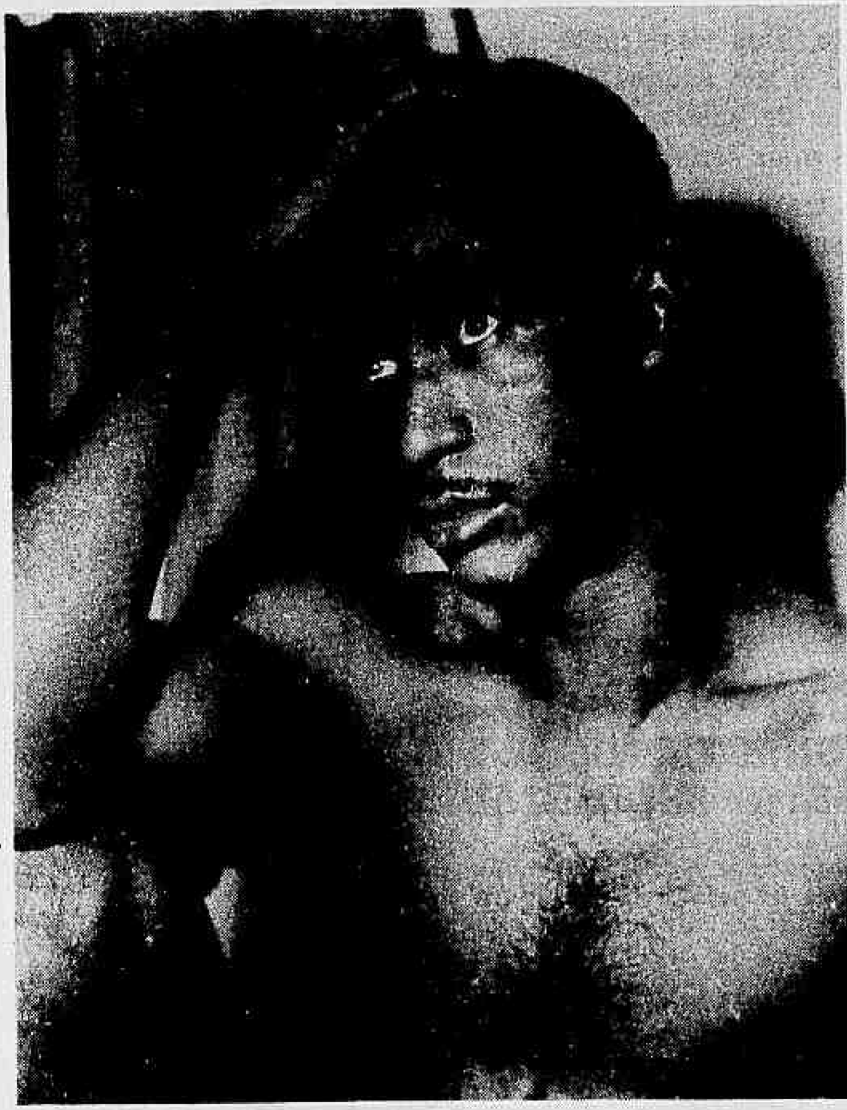
NILTON SANTOS, BAUER

A opinião foi geral e certa: o Brasil perdeu o jôgo com a Hungria naqueles primeiros e incríveis dez minutos do primeiro tempo. O «onze» nacional, que pisou o gramado de Genebra para a sua mais difícil e importante batalha, parecia um grupo de noviciados do esporte, trêmulos, expectantes, nervosos e reticentes. Tanto falaram, aos «cracks» brasileiros, do «fantasma magiar» que a lenda acabou-lhes intimidando por completo, e daí o descontrôle completo do início da peleja. Sòmente meia hora ou quarenta minutos depois, quando a tática e a fôrça do adversário passaram a ser julgadas com objetividade, é que o quadro brasileiro voltou à sua homogeneidade. Mas aí já era tarde demais: os dois primeiros «goals» do comêço pesavam duramente na balança, e a derrota, que se anunciava certa, só poderia ser evitada através um formidável esfôrço. Êsse es-





I LHO, MAURINHO E PINHEIRO: CHÔRO E REVOLTA DEPOIS DA GUERRA


AUER, DIDI E DJALMA SANTOS: CADA UM TINHA A SUA QUEIXA

fôrço veio. Mas, paralelamente à boa combinação e à infalibilidade da defesa, a luta descambou instantâneamente para a violência e o «vale tudo». Acabara o futebol — começava a tourada. Fala-se agora, e com alguma razão, que o juiz não foi correto. Diz-se mais, como uma justificativa melancólica para o desastre, que os húngaros apelaram para a brutalidade como desespêro de causa. Mas o fato é que o que pesa mais, como fator indiscutível de nossa derrota, foram aquêles minutos iniciais da peleja — os minutos nos quais Castilho foi vencido duas vêzes e nos quais o «scratch» de Zezé Moreira deixou-se infantilmente dominar por uma espécie de pânico coletivo de conseqüências funestas. Esta a verdade. Não devemos sofismar em tôrno de nossa derrota. A derrota foi clara — e ninguém mais do que os próprios jogadores brasileiros, contribuíram, com o seu nervosismo, para ela.

Depois da derrota houve

VELÓRIO NO VESTIÁRIO

Fotos de JOSÉ SANTOS

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães-experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.................................

RUA.................... Nº.....

CIDADE...............................

ESTADO...............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ALIMENTAÇÃO SADIA E RACIONAL EM LUGAR DA MARMITA REQUENTADA

Solução adequada para importante problema: como planejar refeições para coletividades ★ Trabalho de grande utilidade.

A cena pode ser imaginada pelo leitor. Em cada canto (estamos numa fábrica qualquer) operários, com as suas marmitas, almoçam apressadamente. Almoçam porque têm que comer alguma coisa. A comida veio de casa. Feita de véspera, pois seria impossível fazê-la no dia. A comida é a mesma quase todos os dias. É o que se poderia chamar comer para viver. O almôço do operário nenhum valor alimentício pode ter. Aquilo apenas passa a fome. É assim vamos formando uma raça de fracos. Daí o valor de uma publicação que se inclui na série Biblioteca Brasileira de Nutrição, editada pelo SAPS: «Planejamento básico de Refeições para Coletividades». É um trabalho realizado pelos nutrólogos Lindomar Bastos da Silva e Manoel Traverso, com a colaboração da nutricionista Mirza Monerat, visando «auxiliar as instituições coletivas que desejem fornecer alimentação sadia a seus dependentes». Na verdade trata-se de um estudo completo e cuidadoso sôbre o assunto. Valiosa contribuição à solução do problema alimentar do nosso povo. Os interessados ali encontram ensinamentos de grande utilidade, familiarizando-se com o assunto, sem qualquer esfôrço. O rápido enumerar dos capítulos oferece uma idéia do extraordinário valor da obra. Vejamos: Aquisição dos alimentos, Relação de equivalentes e substitutos, Temperos e condimentos para um quilo de alimento cru, Fatôres de correção dos alimentos, Estocagem de alimentos, Limpeza dos alimentos, Cocção dos alimentos, Listas de Compras diárias dos cardápios de almôço e do jantar, Cardápios, Receitas das preparações que figuram nos cardápios, Sugestões para variar o cardápio. Cuidaram de elaborar um estudo que correspondesse a uma necessidade real, procurando sanar a falta que fazia um roteiro certo e seguro pelo qual fôsse possível pautar a aquisição e distribuição dos alimentos entre trabalhadores. Além dos aspectos fixados acima, o excelente livro publicado pelo SAPS oferece a vantagem de orientar os interessados na escolha dos alimentos mais ricos de teor nutritivo.

Puxe pelo Cérebro

1 **Houve um Papa que só ocupou o Vaticano pelo espaço de três dias: qual foi êle:**

— Leão I?
— Estevam II?
— Bonifácio VII?

2 **Qual a cidade paranaense que se chamou Mandiaquara:**

— Morretes?
— Curitibanos?
— Antonina?

3 **Que significa a palavra «Heliópolis»:**

— Ponte alta?
— Cidade invencível?
— Cidade do Sol?

4 **Que significa a palavra «Alhambra»:**

— Fortaleza?
— Casa Vermelha?
— Palácio do Sultão?

5 **Como foi que morreu o poeta André Chenier:**

— Guilhotinado?
— Na guerra franco-prussiana?
— Num duelo?

6 **Francisco Ravaillac foi o assassino de:**

— D. Miguel de Portugal?
— Henrique IV, rei de França?
— Ou nunca matou ninguém?

7 **A quem se deve a iniciação da Literatura Realista em Portugal:**

— A Luís de Camões?
— A Felinto Elísio?
— A Eça de Queiroz?

8 **A que escritor se deve a história dos «Carneiros de Panúrgio»:**

— A Rabelais?
— A La-Fontaine?
— A Victor Hugo?

9 **Qual a capital de um dos nossos Estados que se chamou primitivamente «Barra do Rio Negro»:**

— Belém do Pará?
— Manaus?
— Teresina?

10 **De quem é êste pensamento: «Quando se ama, duvida-se, freqüentemente, daquilo em que mais se crê»:**

— La Rochefoucauld?
— Sêneca?
— Richelieu?

11 **Qual a tradução da palavra Isaac:**

— Inspirado por Deus?
— Homem perfeito?
— Riso?

12 **A quem se deve a forma de nossa bandeira:**

— A Benjamim Constant?
— A Ruy Barbosa?
— A Francisco Manuel?

13 **Que nome tem a ciência que estuda o caráter das pessoas pelo uso dos sapatos:**

— Fisiologia?
— Escarpologia?
— Semiótica?

14 **Em que ano foram os jesuítas expulsos de Portugal:**

— 1759?
— 1690?
— 1802?

15 **A baía de Hudson fica:**

— Nos Estados Unidos?
— Na Inglaterra?
— No Canadá?

(Respostas no próximo número)

RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO ★ RÁDIO OPINIÃO

UMA PERGUNTA SIMPLES

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Gostaria de perguntar aos diretores do rádio brasileiro: será necessário irradiar todos os programas no auditório? Se êles dissessem que sim e invocassem uma razão muito forte, apontaria uma série de grande inconvenientes do programa vivido no auditório: a) Uma reação de frieza da platéia desconserta o rádio-ator; b) Para obter uma gargalhada, o rádio-autor se vê levado, muitas vêzes, a não apenas alterar o texto, como a fazer mesuras que em casa não serão «ouvidas»; c) o auditório exige o rádio humorístico, e humorismo, quando não chega a ser (o que acontece muito), redunda em grande melancolia; d) no estúdio, o artista se detém no «script» e não leva sua atenção para coisas que acontecem à sua volta, no palco; e) Rádio foi inventado para ser feito no estúdio, a não ser em caso de «shows» musicais e programas nos quais o auditório participe, respondendo a perguntas ou fazendo provas de habilidades artísticas.

Se há uma queda no rádio brasileiro — podem os diretores pensar que não — essa queda se deve à constância, à insistência dos programas feitos no auditório. O palco descuida o produtor do apuro técnico. Desistimula o «scripter» quanto à tarefa de obter efeitos sonoros, com ruídos ou música. É um rádio de piadas e nada mais.

Aqui fica um reparo, que passará certamente despercebido. Mas, fiquem sabendo os senhores diretores: é escrito por uma pessoa sensata, que não quer emprêgo pelo simples fato de não gostar do trabalho de uma maneira geral.





PARABÉNS, DOLORES

● A moça Dolores (sem ser Guinle) Durand gravou um disco de qualidade. Acabo de ouvir, enquanto bato êste noticiário. Não sei o nome da música nem sei o autor quem é. Mas, diz assim, ao acabar: «meu lugar é aqui, faz de conta que eu não saí». Dolores está cantando, antes de mais nada, com inteligência. Diz bem uma letra sentida em cima de uma melodia bonita e triste, triste e bonita. No meio, no solo de orquestra, há uma sanfoninha desafinada que longe de ser ruim, é um amor. Parece um acordeonista de bar, bêbedo, tocando de madrugada. Parabéns a essa Dolores tão bem cantante.

DALVA CHOROU

● Durante um dos seus programas na Tupi, Dalva de Oliveira recebeu um cãozinho das mãos da senhora Carlos Frias. Acontece que, uma semana antes, Dalva teve uma grande tristeza porque perdeu uma cadelinha, chamada «Bilinga». Na têrça-feira seguinte, o casal Frias interrompeu o recital e deu uma «Bilinga» à nossa Dalva (cuja única falha na vida foi cantar Kalu), fazendo a «estrêla» chorar muito, chorar como uma criança. No rádio, um chorinho faz sempre sucesso.

ESTA LETRA É RUIM

● O Jornal está em minhas mãos e, mesmo assim, estou sem certeza de estar mesmo acordada. Trata-se de uma letra de samba e uma gravação já na rua (ou a sair), onde os autores dizem apenas isto:

«Você tem sido o abutre
Que impiedosamente se nutre
Dos restos da minha dor.
Você devia ter pena
De uma mulher morena
Que infelizmente lhe amou.
Amou e ama de verdade
Com essa naturalidade
De quem vive para amar.
Em vez de você gostar
E meu amor corresponder
Resolveu me abandonar
Aumentando o meu sofrer».

Com ordem de quem, com que direito, êsses dois autores escrevem coisas assim? Quando êsse disco sair, vou dirigir-me à fábrica de gravação nos têrmos mais crus, verberando não só o descuido como o danoso mau gôsto dos seus proprietários. Isso é uma desmoralização para a nossa música popular. Gravar um samba assim é fazer um hino à burrice, à incultura e à tara de sensibilidade.



Pixinguinha toca sorrindo e suando. Bom músico e deve ser melhor pessoa.

PIXINGUINHA, UMA BOA CARA

Assistimos a Pixinguinha e seus amigos da velha guarda, numa segunda-feira do «Beguin». De saída, deve dizer-se que o espetáculo foi mal apresentado. Colocaram cêrca de 20 músicos num palco, onde só cabem uns cinco. Ninguém veio à cena para dizer umas coisas necessárias sôbre a presença de Pixinguinha ou a ausência de um Benedito Lacerda, por exemplo. Faltou, em melhores palavras, o Almirante, que sabe dos nomes e da vida da gente da Velha Guarda. Pixinguinha, entanto, é sempre Pixinguinha. Toca rindo e suando, com o ar de «angelito negro», cuja falta um bolero reclama tanto. Eu casaria com Pixinguinha, se nós dois pudéssemos e êle quisesse. A nota ruim da festa foi Moreira da Silva. Muito grosseiro com a platéia. Quando alguém pedia, por exemplo, «Amigo Urso», respondia de lá: «Quem está falando sou eu. Posso falar»? Gêlo geral na platéia do «Beguin». Mas, valeu ouvir Pixinguinha tocando sua valsa, que se chama «Rosa».

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Na quarta-feira, 23 de junho, a Bandeirantes apresentou, de madrugada, um programa em homenagem a Carlos Gardel. O narrador era o senhor Jacob Rosemblat, que conseguiu, no curto espaço de meia hora, fazer a pior subliteratura das festas do IV Centenário. Falava muito, dirigindo-se a Gardel e, no final, fêz o seu pupilo (Carlos Lombardi) cantar «El dia en que me quieras». Rosemblat discursou à base da mistura do **você** com o **tu**, mais ou menos assim: «Você sabes, Carlito tu fôste» etc. ★ Chega a São Paulo o cantor Louis Cole, do Vogue. Disseram que viria cantar no Oásis. No dia seguinte, chegou o proprietário do Vogue e levou Cole. ★ Isaurinha diz, num disco que se repete de madrugada: «pense em mim, pense em mim». Isaurinha tão suave! ★ O Capitão Barduíno e seu galo branco acordam São Paulo, fazendo um humorismo difícil. Sugestão aos diretores do rádio carioca: por que não levam o Capitão Barduíno? Que não seja pelo capitão, mas pelo galo. ★ De tardinha, umidade entrando pelas janelas, escuro em cima dos edifícios e a Cultura tocando bons discos. Estou acabando de ouvir Sílvio Caldas cantando um samba que diz: «as flores vão pra beira do caminho». ★ Pagano Sobrinho é mesmo engraçado. Acabo de ouvir uma de suas histórias. Pagano Sobrinho é mesmo humorista. ★ Discurso empolado de Aurélio Campos, metendo a lenha nos chefes da delegação brasileira ao 5º Campeonato do Mundo, na Suíça. Nunca ouvi alguém gastar tantas palavras difíceis, para dizer que um diretor era afeminado e que os outros eram inoperantes. Devagar, Aurélio. Êsse negócio de falar difícil é de um mau gôsto horrível. ★ E São Paulo continua com os seus 400 anos e suas modinhas de viola, cada uma mais igual à outra. (Informações de **Elzinha Thomaz**).



Olímpia Augusta Rodrigues dos Santos, a moça loura e bonita, a quem Padilha pediu para fazer a encomenda dos carimbos falsos. Conforme apuramos, Olímpia tem caído em contradição.

Gente graúda na falsificação dos carimbos da CEXIM

Arma do crime:

UMA MOÇA LOURA E BONITA

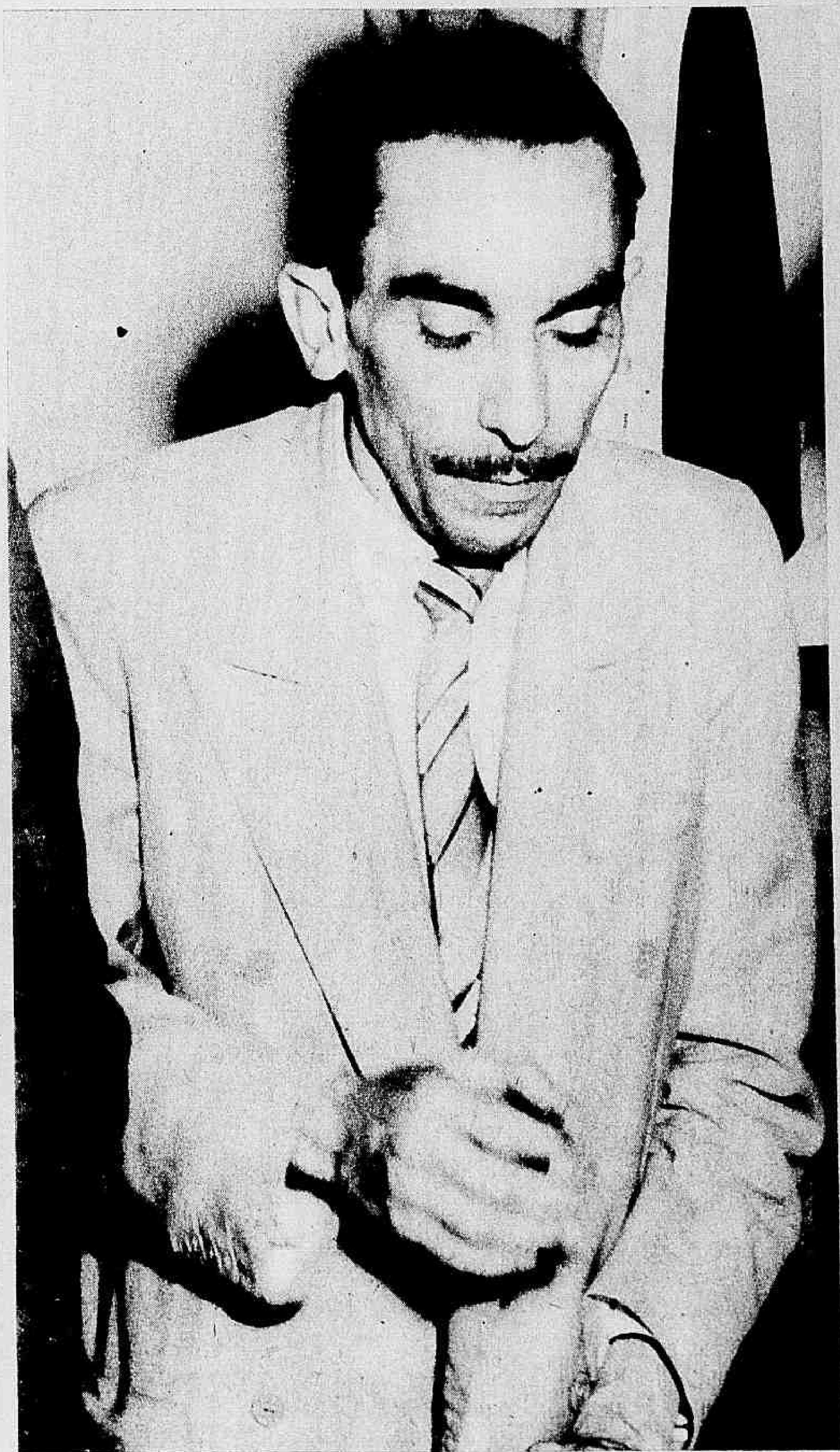
DOIS RAPAZES FORAM COM ELA À FÁBRICA DE CARIMBOS ★ O EMPREGADO OUVIU QUANDO UM DÊLES MURMUROU: «ÊSSE NEGÓCIO É MUITO BOM, MAS EU ACHO QUE NÓS NÃO VAMOS CONSEGUIR» ★ OLÍMPIA CHAMOU PAULO LION DE «BAETA» E AFIRMOU QUE TRABALHAVA NO BANCO DO BRASIL ★ OS CARIMBOS SERIAM PARA REPOR OS QUE ELA HAVIA PERDIDO ★ A VERDADE SÔBRE OS FATOS.

Reportagem de ROGACIANO LEITE

Fotos ÚLTIMA HORA



Paulo Lion, em cujo escritório Olímpia trabalhava. O gerente da fábrica de carimbos afirma que êle (e mais um outro) estava com a moça loura por ocasião da ecomenda. «Vi quando ela o chamou de Baeta».



José da Rocha Padilha, um dos principais envolvidos na falsificação de licenças da CEXIM. Foi êle quem pediu a Olímpia para fazer a encomenda dos carimbos, na rua São José, número 76, segundo andar.

Uma moça loura...

DE sua união com o Banco do Brasil, «madame» CEXIM só teve uma espécie de filhos: ESCÂNDALOS. O mais recente (aliás filho póstumo) foi o chamado «caso dos carimbos», no qual estão envolvidos José da Rocha Padilha, Paulo Lion e Olímpia Augusta Rodrigues dos Santos, «um espetáculo de mulher», loura, alta, portuguêsa, 22 anos de idade, residente em Cascadura e aluna do Curso de Jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia. A história é realmente muito complicada e parece que há muita gente graúda nela envolvida. Mas, se a polícia quiser, poderá esclarecer tudo em dois tempos. Basta ouvir o depoimento (pista claríssima) do gerente e dos empregados da «Lomac» (rua São José, 76, 2º andar), onde foram feitos os tais carimbos falsos.

A MOÇA NÃO FOI SÒZINHA

Ao contrário do que confessou à polícia, Olímpia não fôra sòzinha fazer a encomenda dos carimbos. Eram 17 horas e 45 minutos (9-6-54) quando ali chegou acompanhada de dois rapazes bem parecidos. Levava um documento cuidadosamente dobrado, de forma que só apareciam dois nomes: JOSÉ DE SOUSA BAETA e ÁTILA DO NASCIMENTO (funcionários do Banco do Brasil, encarregados de visar as licenças de importação da extinta CEXIM). Queria, a moça, fôssem feitos, naquele mesmo instante, dois carimbos daquelas assinaturas. O gerente lhe disse que só no dia seguinte, pois estava para terminar o expediente. Mas a moça insistiu, ficou nervosa e chamou de «Baeta» a um dos rapazes que com ela estavam. (Certamente para dar a entender que se tratava do próprio José de Sousa Baeta, cuja assinatura constava no documento).

AS PAREDES TÊM OUVIDOS

Em face da insistência da moça (embora desconfiado de que se tratava de uma falcatrua), o sr. Kleber Loureiro, gerente da casa, fingiu-se interessado em atendê-la. Disse-lhe:

— Em todo caso, eu vou subir ao 3º andar para ver se o confeccionador de carimbos pode fazer a encomenda agora.

— Então eu subo com o senhor — disse a moça. E subiram, ambos. Enquanto isso, os dois rapazes (que estavam com Olímpia) ficaram a sós no balcão e não se lembraram de que as paredes têm ouvidos. O modelador de carimbos (Edson Ferreira Santos), que estava no cubículo próximo, ouviu quando um dêles murmurou: «Êsse negócio é muito bom, mas eu acho que nós não vamos conseguir...»

QUERIA AS LETRAS PARECIDAS

Lá em cima, a moça recomendou a Daltro Cardoso (confeccionador de carimbos) que tivesse todo cuidado para não abrir nem amarrotar o documento, acrescentando que queria que os carimbos fôssem a cópia fiel das assinaturas. Por um gesto qualquer, o gerente (sr. Kleber) deu a entender, a Daltro, que se tratava de falsificação. E enquanto Daltro fingia escolher o tipo de letras, Kleber despistou a moça, desceu ao térreo e mandou tirar uma fotocópia do documento. A moça também desceu para o 2º andar e ficou esperando no balcão. Nessa altura, os dois rapazes que com ela estavam disseram que a esperariam lá em baixo. Meia hora depois a moça recebia do gerente da casa o documento e um recibo de 40 cruzeiros. A encomenda seria entregue às 10 horas do dia seguinte.

DISSE QUE TRABALHAVA NO BANCO DO BRASIL

Após garantir que havia escolhido as letras para a confecção dos carimbos, Daltro Cardoso desceu junto com a moça. Perguntou-lhe se ela era funcionária do Banco do Brasil. Ela respondeu que sim. Daltro observou que aquela repartição só mandava confeccionar carimbos em caráter oficial e que os mesmos eram de uso privativo dos chefes. A moça ficou embaraçada e respondeu que é porque havia perdido os dois carimbos correspondentes àquelas assinaturas e queria substituí-los antes que seus donos dessem pela falta dos mesmos. E, mudando abruptamente de conversa, despediu-se.



Foi nesta casa (rua São José, 76, 2º andar) que Olímpia Augusta Rodrigues dos Santos fêz a encomenda dos carimbos para falsificar as lincenças de importação da CEXIM. O garôto que se vê na fotografia é irmão do gerente da fábrica, senhor Kleber Loureiro, que denunciou a falcatrua.

CONTABILIDADE CUIDADOSA E FALSIFICAÇÕES INTELIGENTES NO ASSALTO À CEXIM

PLANALTO COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.
LIMITE - Cr$200.000,00
RESPO - Efetiva-Aut.Presi - Cr$224.000,00
Efetiva-Diran .LD - Cr$149.000,00
Ef.Diran-IDD e SDD- Cr$946.000,00 - IDD 405, SDD 541

R.D.PADILHA
LIMITE - nihil
RESPO - Efetiva-Aut.Presi - Cr$224.000,00
Efetiva-Diran . . - Cr$ 85.000,00
Extra . . . . . . - Cr$710.000,00

MOACYR MEIRELES PADILHA
LIMITE - nihil
RESPO - Efetiva-Aut.Presi - Cr$224.000,00

PAULO M.PADILHA
LIMITE - nihil
RESPO - Efetiva-Aut.Presi - Cr$224.000,00
Efetiva-Diran . . - Cr$ 85.000,00
Rio, 28-9-953

BANCO DO BRASIL S. A.
CARTEIRA DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO
LICENÇA DE IMPORTAÇÃO

Importador J. Sousa Bellonia
Endereço Rua do Senado, 322
Consignatário Mercantil Mineira Imp. S.A.
Endereço Rua Frei Caneca, 153
Última pessoa ou firma que empregará o material — para revenda
País de origem: Japão — País de procedência: Japão — Pôrto de descarga: Rio de Janeiro — Valor aproximado em Cr$: 1.272.960,00
Aplicação que terá o material: Uso doméstico
MATERIAL (Especificação): 3.500 máquinas de costura, para uso doméstico
Total 145.000 US$68.000,00

À esquerda, um documento da firma Planalto Comércio e Indústria Ltda., de propriedade do deputado Raimundo Padilha (primo-irmão de José da Rocha Padilha), pelo qual veio-se a saber que aquêle parlamentar conseguiu levantar vários milhões no Banco do Brasil. À direita, o documento da CEXIM, pelo qual foram falsificados os carimbos com os nomes de José de Sousa Baeta e Átila do Nascimento, encarregados de visar as licenças de importação da antiga CEXIM, junto ao Banco do Brasil. Caso não houvesse fracassado o criminoso plano da quadrilha, a estas horas diversos trapaceiros estariam aguardando apenas o momento de enriquecerem farta, fácil e cômodamente.

«BAETA» ERA PAULO LION

Certo de que se tratava de falsificação, o gerente da casa de carimbos comunicou o fato à polícia. Às 10 horas do dia seguinte (dia 10) a moça foi apanhar a encomenda. Os detectives Walter e Juvenal estavam no balcão, disfarçados em fregueses. A moça mostrava-se bastante nervosa, esfregava as mãos e olhava para todos os lados, inclusive para o corredor. Os detectives foram esperá-la em baixo. Quando ela desceu, o sr. Kleber (gerente da casa) a acompanhou discretamente. Estava no Café Gaúcho (esquina da rua São José com Rodrigo Silva) quando a moça ia entrando num automóvel estacionado junto à Casa Tavares. Olhando em tôrno, a moça viu o sr. Kleber e desistiu de tomar o carro. Disse qualquer coisa a alguém que se encontrava no mesmo, bateu a porta e sumiu. Mais adiante foi detida e conduzida à Delegacia de Roubos e Defraudações. Após a publicação da fotografia de Paulo Lion, nos jornais, o gerente da casa de carimbos reconheceu ser aquêle o rapaz a quem Olímpia chamara de «Baeta», por ocasião da encomenda. Será que a polícia quer uma pista melhor?

CONTRADIÇÕES DA MOÇA

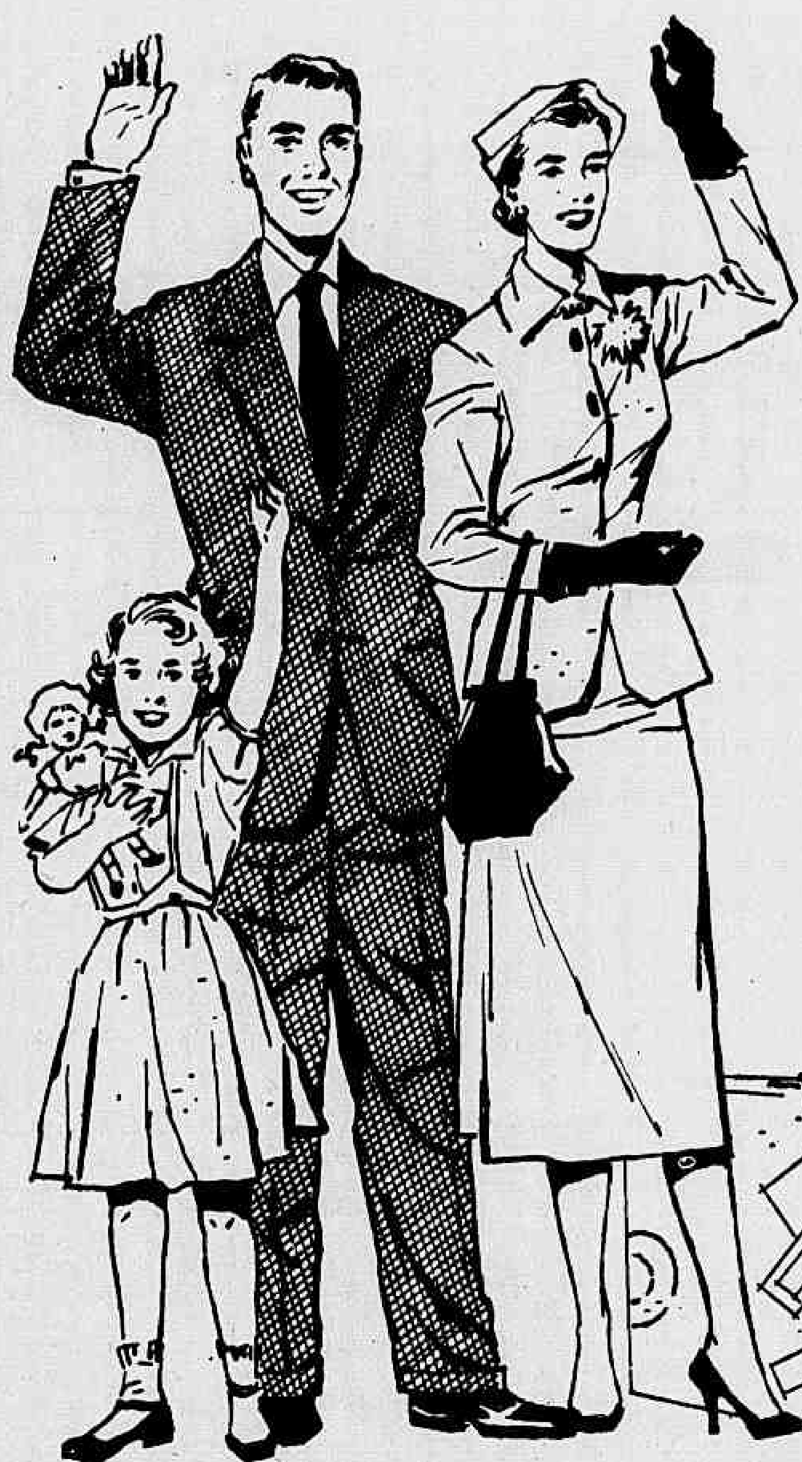
Em seu depoimento à polícia, Olímpia afirmou que fôra encomendar os carimbos apenas para fazer um favor a José da Rocha Padilha (que a encontrara casualmente na rua), a quem conhecera por ocasião das visitas do mesmo ao escritório de Paulo Lion, onde ela trabalhava, mas que não sabia, absolutamente, que se tratasse de qualquer falsificação. Fôra inocentemente, afirmou. Disse, ainda, que Paulo Lion não tinha nada a ver com o caso e que, por isso mesmo, não havia razão para omitir o nome do mesmo, com quem mantinha apenas relações de amizade, pois trabalhava em seu escritório desde que saíra da CEXIM, onde havia sido funcionária. Conforme se vê, a história de Olímpia está muito mal contada. Existe em tôrno da moça loura uma verdadeira cortina de ferro. Nem a sua família (av. Ernâni Cardoso, 85, Cascadura) nem o seu advogado (Paulo Nogueira) facilitaram ao repórter uma entrevista com a mesma. Segundo apuraram os jornais, há muita gente graúda envolvida no caso. Não é sòmente José da Rocha Padilha, a quem Paulo Lion e Olímpia vêm acusando como autor exclusivo da falsificação dos carimbos. O resto é com a polícia.

1205 PANDELIS E SILVA ALFAITES
1206 O F. KAZELA DE APS PRECISÃO LTDA
B- PLANALTO
1207 COMERCIO. INDUSTRIA LTDA.
13º PAVIMENTO
1301 A CONSTRUTORA ARQUIPLAN LTDA ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES
1302 I.D.O.P.P.
1303 INSTITUTO DE ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA E PROFISSIONAL
1304 ESCOLA TECNICA IDOPP
1305 IMOBILIARIA RADAR LTDA.
1306 I.R.D. ARAUJO SILVA ADMINISTRAÇÃO COMPRA E VENDA DE IMOVEIS E MATERIAES DE CONSTRUÇÃO
EDIÇÕES VERBUM LTDA.
1307 J. PADILHA & CIA. LTDA. IMPORTAÇÃO DISTRIBUIÇÃO

Av. Presidente Vargas, 446: no mesmo edifício em que funciona o escritório de José da Rocha Padilha (J. Padilha & Cia. Ltda), funciona também a firma Planalto Comércio e Indústria Limitada, de propriedade do deputado Raimundo Padilha, primo-irmão do primeiro.

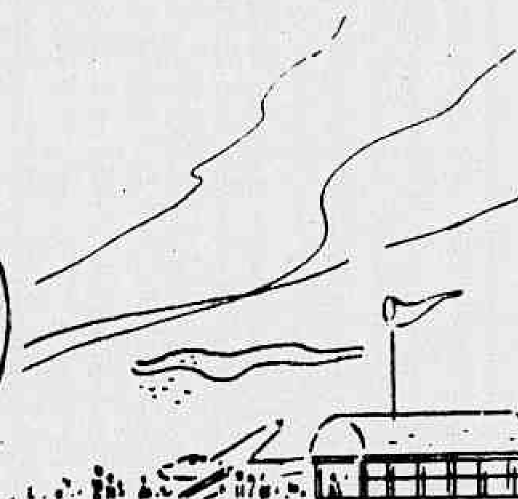
às suas ordens...

bôas viagens pelo habitual "conforto aéreo" da "Nacional"!



Sim; o senhor, a sua familia, os seus amigos, a qualquer momento e em muitas cidades brasileiras poderão desfrutar da confortável e fácil maneira de viajar pelos aviões da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

Aos que viajam em férias, o vôo agradavel sôbre panoramas encantadores é o excelente início de uma temporada às repousantes estâncias balneárias do Estado de Minas Gerais ou às pitorescas cidade do Norte do País. Se a viagem tiver carater comercial, o passageiro pode então dispôr de horas de sobra para os seus negócios, tal a pontualidade dos aviões e a assiduidade das viagens da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.



ESTADO DE MINAS GERAIS:
Alfenas
Almenara
Araçuai
Araguari
Araxá
Belo Horizonte
Bocaiúva
Cambuquira
Companha
Caratinga
Caxambú
Diamantina
Governador Valadares
Guaxupé
Ituiutoba
Januária
Jequitinhonha
Lavras
Machado
Monte Carmelo
Montes Claros
Passos
Patos
Patrocinio
Pedra Azul
Pirapora
Piumhi
Poços de Caldas
Salinas
São Lourenço
Teofilo Otoni
Três Corações
Uberaba
Uberlândia
Varginha.

ESTADO DE MATO GROSSO:
Bela Vista
Cáceres
Campo Grande
Corumbá
Herculânea
Nortinópolis
Cuiabá
Dourados
Guiratinga
Ponta Porã
Poxoréu
Tres Lagôas

ESTADO DE GOIÁS:
Anapolis
Aragarças
Balisa
Buriti Alegre
Caiaponia
Goiania
Itumbiára
Ipamerí
Iporá
Jataí
Mineiros
Morrinhos
Pires do Rio
Rio Verde

ESTADO DA BAHIA:
Barra
Barreiras
Conquista
Ilhéus
Itabuna
Lapa
Remanso
Salvador
Xique Xique

ESTADO DE SÃO PAULO:
Barretos
Campinas
São Paulo

ESTADO DE PERNAMBUCO
Recife
Petrolina

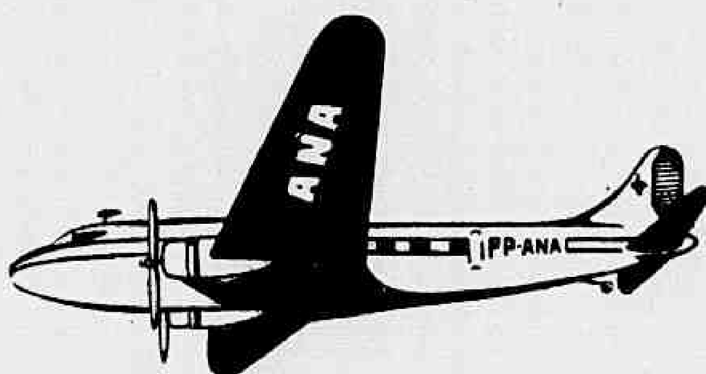
ESTADO DE ALAGÔAS:
Maceió

ESTADO DE SERGIPE:
Aracajú

ESTADO DO ESPIRITO SANTO
Vitória

LINHA INTERNACIONAL
PARAGUAY
Assunção

NACIONAL



TRANSPORTES AÉREOS

RIO DE JANEIRO
Rua Santa Luzia, 685 - B - Tel. 32-7399

ÊLES SÃO ASSIM

PAULO SOLEDADE

● Causou espanto a atitude de Contreras, o conhecido empresário que agia nas noites do Rio, quando da sua viagem com Ari Barroso e sua orquestra ao México. Consta que ficou proibida sua entrada no Brasil, pois o mesmo se apoderou da importância correspondente ao contrato de Ari e seus músicos e a essas horas deve estar fazendo sua estação de veraneio em Mar del Plata ou Viña del Mar. Quando se interessava em trazer algum artista do estrangeiro, o Ministério do Trabalho exigia um depósito de 50% adiantado, tal era seu crédito. Dêste felizmente já ficamos livre. Mas os outros continuam a exercer impunes a sua falcatruagem e o artista nacional, ingênuo, quase sempre ignorante das coisas do comércio, não encontra nunca jeito de levar vantagem em cima dêsses especialistas do vigarismo. Em São Paulo apareceu certa vez um empresário que se propôs a levar ao interior, percorrendo vinte cidades, um «show» completo, com bailarinos, cantores, músicos e «girls». Nas cidades onde oferecia o seu espetáculo, prometia mundos e fundos, como orquestra de quatorze figuras, bailarinas importadas do estrangeiro e muitas outras coisas. Não pagou nem o que prometeu aos seus artistas. Êsse mesmo empresário teve Sílvio Caldas num de seus espetáculos, com grande êxito, e recentemente anunciou em São Paulo um cantor italiano com a seguinte legenda: «ROBERTO MUROLO, o Sílvio Caldas da Itália», o que poderia ser motivo até de processo por parte do nosso querido Caboclinho. Mas não é só fora do Rio que êles se movimentam. Aqui mesmo o abuso é enorme. Sob o pretexto de que não sabem nunca a duração que vai ter um espetáculo em cena, e já que a lei obriga os artistas a um contrato mínimo de quatro meses, êles metem o respectivo na gaveta, sem registro no Ministério do Trabalho, sem cópias para os contratados, e, depois, mandam os artistas embora por qualquer motivo. Sem falar no fato de que não descontam para nenhum Instituto de Previdência, proibindo assim aos artistas gozarem de qualquer assistência social. E êsse artista ainda tem que entrar em cena e fazer sucesso para poder viver.



Sílvia Fernanda começou com Válter Pinto. Passou depois para o elenco de Carlos Machado, no «Monte Carlo», e sempre mostrou que tinha possibilidades para atingir a posição que desfruta hoje. Atuou em vários «shows» e, com «Clarins em fá», conseguiu ser eleita «Rainha do Carnaval de 53». Canta, representa com naturalidade, tem uma bonita figura. É difícil de lidar, e quase sempre briga no meio dos espetáculos. Deixou na metade «Como é diferente o amor em Portugal», no Rio, e «Clarins em fá», em São Paulo. Está com as atenções voltadas para o cinema, onde fêz «Senda do Crime» e «Floradas na Serra». Apesar dos pesares é sempre solicitada, em vista do bom resultado do seu trabalho. Nesta foto mostramos Sílvia Fernanda numa cena de «Doll Face», sucesso grande de Zilco Ribeiro no «Follies».

DIVERSAS



Depois de várias demonstrações de «Jam-Session», o «Beguin» apresentou, sob a orientação de Lúcio Rangel, uma sessão de música brasileira com o pessoal da velha guarda. Pixinguinha foi a «estrêla». Bide, João da Baiana, Moreira da Silva e uma porção de gente daquele tempo compareceram para tocar e aplaudir o que nós temos de mais antigo em música popular. Tivemos oportunidade de assistir em São Paulo, no «Clubinho», ao Festival promovido por Almirante e acreditamos que não foi devidamente aproveitada a sua repetição no «Beguin». Sem estabelecer um contato mais direto com a platéia, ficaram êsses ídolos de ontem num palco distante, desarrumado e sem saber bem como desenvolver o programa. Foi bonito assim mesmo, mas não é só isso que êles podem dar numa festa dêste gênero.

STUCKART VAI MONTAR UM «SHOW» — Com o nome de «Senzala e Casa Grande» (a inversão é proposital) o Barão Stuckart vai montar um espetáculo ao ar livre, no Largo do Boticário, com elementos da nossa sociedade. Debret será o inspirador dos figurinos. Conjunto de bailarinas, possìvelmente as do Municipal, e um grande número de artistas cujos nomes oportunamente revelaremos. O espetáculo é de caridade.

ESTRATÉGIA — Carlos Machado está abrindo várias frentes. Com o «Casablanca», lutará contra o «Copacabana», o «Night and Day» e o «Beguin». Com o «Teatrinho Jardel», está concorrendo com Zilco Ribeiro, do «Follies». E já está se preparando para enfrentar Válter Pinto, em outubro, na Praça Tiradentes. Há muito tempo Carlos Machado já devia estar lá. E agora, contratando o excelente pianista Sacha, do «Vogue», pretende abrir no mesmo quarteirão daquela tradicional casa uma buate do mesmo gênero. Louis Cole, o ótimo «crooner», ainda não se comprometeu. E pensar que o excesso de frentes foi a razão da derrota de Hitler . . .

NOITES DE SÃO PAULO — No «Oásis», festas juninas, público variado, «show» de Wellington Botelho, Edson Lopes e Glória May. É sem dúvida a casa mais forte da noite. A madrugada vem sendo prolongada com «Feitiço», uma casa que andava mal e agora, sob a orientação de Meninão, figura popularíssima nas rodas boêmias de lá, está se levantando. ★ No «Lord», restos mortais de dois «shows» já apresentados no «Esplanada», enganam os freqüentadores daquela casa sempre constantes, depois do fracasso de Murolo. ★ Nos bares, Moacir Peixoto anima com seu piano sempre tocado com bom gôsto o elegante «Buteco». Caco Velho no Admiral e Allan no bar do Comodoro.



ELIZETE

Elizete Cardoso estreou no «Vogue». O Barão acredita que poucas cantoras nacionais tenham a apresentação de Elizete para o «Vogue». É sem dúvida uma distinção por parte de Von Stukart, um dos maiores homens de «show» que tivemos oportunidade de conhecer no tempo dos Cassinos.



PITUCA

Estreou com Zilco Ribeiro e vinha agradando cada vez mais. Agora já se sabe que não continuará no «Follies». A razão, rivalidade com Consuelo Leandro. É uma pena, porque já estávamos acostumados a assistir à parte cômica dos espetáculos defendida pelos bons comediantes.



MARGA VERNON

Está no «show» «Sua Majestade o Amor», que o «Night and Day» apresenta, inclusive, nas matinês. Dançando com Edmundo Carijó, bailarino do Teatro Municipal, formam uma boa dupla para teatro musicado, embora suas coreografias não estejam à altura do interessante casal.

DOROTHY DONEGAN NO «COPACABANA»

Os apaixonados da música americana saíram do «Copacabana» entusiasmados com a pianista-cantora «colored». E ninguém sabe porquê. Apresentando, como número mais forte de seu repertório, o indefectível «Tea for Two», executado com a mão esquerda, e solando outra melodia com a direita, com esquisita independência, Dorothy consegue o seu maior efeito. Bené Nunes, conhecido demais nas madrugadas desta cidade, presentemente tocando para as danças do «Country Club», faz a título de brincadeira musical a mesma exibição, já há alguns anos e ninguém acha graça. E, diga-se de passagem, com maior virtuosismo. Atreveu-se ainda a Donegan a executar Debussy, depois de haver aquêle público assistido a Firkusni, Gulda e muitos outros no Municipal; e com a agravante de haver sofrido sua interpretação a interferência de uma mesa colocada atrás da pianista, com a qual ela tirou mais partido, olhando insistentemente para a retaguarda. Pobre Debussy . . .

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 10 E 16 DE JULHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não espere o cumprimento das promessas que lhe tenham sido feitas, na semana entrante. Suas possibilidades serão mínimas para receber qualquer coisa, na vigência do período em causa.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Vai ser muito boa a posição do leitor, tanto na vida particular como nas atividades públicas que exercer. O momento será oportuno para as solicitações de qualquer natureza. Lembre-se do provérbio bíblico: **buscai e achareis**.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Adie a execução dos seus planos de viagem. A oportunidade não o ajudará na consecução dos seus objetivos imediatos. Os dias 12 e 16, então, serão os mais perigosos quanto aos transportes.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Tenha muito cuidado com a saúde. Os influxos planetários mais discordantes atingirão sua praça de hilegia, prejudicando as reações orgânicas contra as enfermidades possíveis no seu caso. Evite excessos gastronômicos e libações.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Seus apetites serão extremos, em todos os planos. É bom controlá-los para evitar excessos prejudiciais à economia. Os melhores dias, no seu caso, para conseguir o desejado, serão 11, 14 e 16.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Risque do seu caderno os encontros sentimentais marcados para a semana entrante. Tudo, nesse particular, será frustrado. Se forçar a situação, sua atitude redundará em escândalo, com uma possível passagem pelo distrito.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor terá um período bonançoso, de paz e de prosperidade nos seus negócios. Suas idéias e seus projetos terão a melhor aceitação. Se tiver de organizar uma sociedade comercial, não espere um período melhor.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Na vigência dos próximos sete dias, o leitor terá chance para ver atendidos os pedidos que fizer visando uma melhoria na sua situação, principalmente no setor profissional.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não force as situações que se oferecerem, principalmente as que disserem respeito às suas ocupações normais. O período será favorável. Tudo lhe virá às mãos, naturalmente.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os negócios a prazo estão mal influenciados. Não dê nem solicite crédito nessa modalidade de comércio. Além de contrariedade, tais negócios darão prejuízo.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O leitor desfrutará um período harmonioso, na vida doméstica e nas relações sociais. Quanto aos negócios, terá uma semana fraca, sem ser desfavorável, não obstante.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Imponha-se no respectivo meio, faça suas exigências e assuma o comando das ações em que se envolver. Seu magnetismo está dando o máximo de rendimento, sua palavra está sugestiva e acompanha os gestos na sua eloqüência.

OS NOMES DA SEMANA

Julho,	10	—	Eudoro	—	Horacina
"	11	—	Jovino	—	Elsina
"	12	—	Milton	—	Anísia
"	13	—	Hélio	—	Célia
"	14	—	Florindo	—	Hilda
"	15	—	Isauro	—	Irma
"	16	—	Leôncio	—	Leonor

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Julho,	10	—	17º - 41' - 18"	(Signo do Câncer)
"	11	—	18º - 38' - 31"	(" " ")
"	12	—	19º - 35' - 43"	(" " ")
"	13	—	20º - 32' - 55"	(" " ")
"	14	—	21º - 30' - 8"	(" " ")
"	15	—	22º - 27' - 21"	(" " ")
"	16	—	23º - 24' - 34"	(" " ")

1º PREMIO: CR$ 20.000.000,00
Agosto 1 · 1954
Sweepstake
2º PREMIO: CR$ 5.000.000,00
3º PREMIO: CR$ 4.000.000,00
4º PREMIO: CR$ 3.000.000,00
5º PREMIO: CR$ 2.000.000,00
6º PREMIO: CR$ 1.000.000,00
TOTAL DOS PREMIOS:
CR$ 53.200.000,00
JOCKEY CLUB BRASILEIRO com a colaboração da LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

Caminho do Inferno

CONTARAM-ME certa vez que um homem chegou perto de outro e indagou:

— O sr. sabe me dizer onde fica por aqui o caminho do céu?

O interrogado é claro que reagiria como qualquer pessoa que se julgasse sã, e consigo mesmo às pressas ponderou: "êle é doido, na certa, e doido não deve ser contrariado".

Por isso mesmo imediatamente informou:

— Na certa, na certa não sei, não senhor. Mas, pelo que ouvi falar, creio que dobrando para a esquerda, na esquina, e continuando pela rua afora, lá embaixo se dá num terreno baldio que é o comêço do tal caminho.

O homem que perguntou agradeceu e seguiu pela rota indicada. Chegando no terreno baldio, e não vendo ninguém, exceto uma cabra amarrada a uma touceira de capim, com ela mesma se entendeu:

— Cabra, se você puder, me diga o caminho do céu começa aqui, conforme me disseram ali atrás?

É claro que a cabra nem berrou, olhando indiferentemente o homem que a interrogava. Imaginando que a cabra solteirona não tivesse ouvido bem, insistiu, alteando a voz:

— Escute aqui, ó cabra, o caminho do...

Nem terminou a frase o homem indagador. Do lado oposto, com o ar decidido e irritado, um mulato forte, que se acocorara nas moitas por motivos justos, aos berros retrucou:

— Cabra é...

E disse um nome que não se deve dizer a ninguém. O que procurava o caminho do céu deu as suas razões, que o outro não entendeu, antes as espinafrou, e daí resultaram empurrões, sopapos, até que a polícia chegou e interveio.

Na delegacia o desentendimento foi maior. Interrogado, começou o homem que procurava o caminho do céu:

— O sr. pode crer, seu delegado, mal eu acabava de falar com a cabra, salta êste diabo de uma moita...

O homem que se confundiu com a cabra berrou, justificando-se:

— O sr. está vendo, seu delegado, êle me xingando, me chamando diabo...

O outro retrucou, atrapalhando a questão:

— Nada, seu delegado. É que me ensinaram o caminho errado. Alma sem caridade não falta neste mundo. Quando eu disse — cabra!

Interveio o delegado, esbravejando:

— O sr. ainda insiste em chamar o outro...

O homem que se julgava insultado comentou:

— Se eu não estivesse na presença de uma autoridade eu mostrava quem era cabra!

Rindo mansamente, como se nada de



extraordinário estivesse ocorrendo, o homem que buscava o caminho do céu explicou-se: estavam todos enganados; êle, que se chamava José, chamara cabra à cabra mesma; o diabo era a malvadeza das pessoas ruins, como aquela que ensinara o caminho errado.

— Que caminho? — interrompeu o delegado, demonstrando já, como de costume, a irritação segura das autoridades.

— O do céu, respondeu o homem que o procurava.

Dois policiais deram-lhe sem motivo dois empurrões. O homem do caminho celeste riu o infinito sorriso dos justos e sentenciou:

— Errei, errei, seu delegado.

— Então você confessa, hein, seu atrevido?

— Confessa o quê? — indagou aquêle anjo que queria ir ao céu. Eu não confesso nada, eu só digo: me ensinaram o caminho errado, e deu nisso.

— E para onde queria ir? — perguntou de veias quentes o delegado.

— Para o céu — respondeu plàcidamente o bom do homem.

O delegado riu o riso finito da autoridade policial. E o homem foi ao céu pelo caminho do inferno.

Texto e desenho de LUÍS JARDIM



MONIQUE, a menina modêlo

COM 14 ANOS TINHA MÊDO DO RIO; HOJE (COM 20) TOMOU CONTA DA CIDADE ★ SIMPLES, GRACIOSA E FRANCA, ELA FALA DE AMOR, DE MODA, DE CINEMA E DE PERFUME.

Texto de LEON ELIACHAR

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Ping — O que é mais importante: o amor ou o dinheiro?

Pong — O amor, naturalmente.

Ping — Qual a coisa mais gostosa do mundo?

Pong — Espremer tubo de pasta de dente.

Ping — O que é que v. considera «viver bem»?

Pong — Não ser incomodado por ninguém.

Ping — Que «estrêla» de cinema você gostaria de ser?

Pong — Audrey Hepburn.

Ping — Sente inveja de alguém?

Pong — Sinto.

Ping — De quem?

Pong — Prefiro não citar o nome.

Ping — Que falta ao cinema brasileiro?

Pong — Muita coisa.

Ping — Se v. tivesse um milhão como o empregaria?

Pong — Viajando pelo mundo.

Ping — Se houvesse um bombardeio aéreo no Rio onde v. se refugiaria?

Pong — Na piscina do Copacabana Palace.

Ping — Considera o casamento indispensável na vida de uma mulher?

Pong — Considero obrigação.

Ping — Já pensou em casar?

Pong — Várias vêzes.

Ping — Você divide os homens em quantas categorias?

Pong — Cada homem é uma categoria diferente.

Ping — Prefere o homem bonito ou o simpático?

Pong — O simpático.

Ping — O que mais aprecia num homem?

Pong — Franqueza.

Ping — Se v. tivesse um fósforo na mão o que gostaria de incendiar no Brasil?

Pong — Tôdas as barraquinhas de fogos de artifícios.

Ping — Que espécie de suicídio v. escolheria se fôsse obrigada a se matar?

Pong — Adormeceria na neve.

Ping — Que é preciso para ser um homem elegante?

Pong — Não figurar nas listas dos cronistas sociais.

Ping — E uma mulher?

Pong — Simplicidade.

Ping — Cite as três mulheres mais bonitas do mundo.

Pong — Princesa de Rethy, Greta Garbo e sra. De Pénasse Mouwen (minha irmã).

Ping — Se tivesse que fazer uma viagem à lua, quem escolheria como companhia?

Pong — Meu namorado. Mas com êste estou sempre na lua.

Quando Monique desfila as mulheres olham o vestido; os homens olham o

● O nome verdadeiro de Monique é Okky. Tem 20 anos de simpatia, 1,71 de classe, 58 quilos de graça e juventude, 57 centímetros de cintura. Nasceu na Holanda, chegou ao Brasil com 14 anos, foi morar numa fazenda no Estado do Rio: tinha mêdo da metrópole. Com 16 anos e meio resolveu enfrentar a cidade e ei-la no Rio de Janeiro, procurando emprêgo. Foi intérprete e recepcionista na Elizabeth Arden, intérprete na casa Carlos Wehers, assistente do diretor de cinema Ruy Santos e, finalmente, modêlo da Canadá Modas. Posou para diversos anúncios de propaganda, foi candidata a «Miss Cinelândia», já desfilou centenas de vêzes, foi convidada para fazer um filme — mas até agora o filme não saiu. Lê muito, dança outro tanto, e assiste a tudo quanto é «ballet». Aprecia Marilyn Monroe mas acha que Angelita tem um corpo mais bem feito. Não fuma, não joga e não bebe. Fica com raiva porque todo homem simpático que conhece é casado. Só assistiu a um jôgo de futebol em tôda sua vida. Gosta de carnaval, de cinema, e de bailes comuns. Tem mêdo de se apaixonar porque acha que nunca é correspondida (não tem telefone). A tímida Monique de ontem, inteiramente dona da metrópole, diz hoje que o Rio não é uma cidade: é um vício.





Ping — Qual o seu perfume predileto?
Pong — Mitsouko, de Guerlain.
Ping — Se lhe dessem uma ilha deserta, quem escolheria para povoá-la, de início?
Pong — Minha turma de amigos e amigas.
Ping — O que considera indispensável para ser um manequim?
Pong — Classe e personalidade.
Ping — Prefere fazer perguntas ou dar respostas?
Pong — Fazer perguntas.
Ping — Quer fazer alguma?
Pong — Agora não.
Ping — Se v. fôsse homem, que profissão escolheria?
Pong — Arquitetura.
Ping — Qual o filme que mais lhe impressionou na adolescência?
Pong — «Feras Humanas», com Cladette Colbert.
Ping — Qual o livro que gostaria de ter escrito?
Pong — «... E o Vento Levou».
Ping — E' a favor da saia curta?
Pong — Sou.
Ping — E do decote longo?
Pong — Também.
Ping — Qual o traje ideal?
Pong — Esporte.
Ping — Quando v. desfila, os homens olham mais para o vestido ou para você?
Pong — Depende do vestido.
Ping — Já recebeu alguma carta anônima?
Pong — Já.
Ping — De quem?
Pong — De uma mulher.
Ping — Que dizia a carta?
Pong — O mesmo assunto de sempre: havia um homem na história.




EM CASA ELA PREFERE O TRAJE ESPORTE



m o modêlo Foto CARLOS





de LETRAS

NEIRO JUNHO 1954 * * * NÚMERO 60

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Ja existirá ele hoje? O que podemos afirmar é que encontramos receptividade, e embora tenha sido rude a nossa luta, não conseguiríamos colhêr os resultados que vimos colhendo num ambiente de apatia pelas coisas do espírito.

Nesta volta do caminho, precisamos, no entanto, defender-nos de qualquer desvanecimento, e principalmente, de qualquer vaidade.

Cinco anos representam, sem dúvida, uma vitória, mas na medida da experiência, do amadurecimento e da segurança que nos traz para darmos maior impulso a êste periódico e garantir-lhe a durabilidade. É uma grande etapa vencida, e ao mesmo tempo, um começo, um ponto de partida. Daí a necessidade que experimentamos de assegurar ao público os propósitos de melhorar cada vez mais esta fôlha, de corrigir-lhe as deficiências, de criar novas seções, tornando-a tanto quanto possível instrumento de um largo plano de ação cultural em nosso ambiente.

Nesse sentido, permitimo-nos chamar a atenção dos leitores para o grande número de prêmios literários que vimos instituindo, o lançamento de livros, o patrocínio de conferências, exposições de pintura, mesas-redondas e outros empreendimentos correlatos.

Quanto à posição que temos tomado ùltimamente em face de certos problemas culturais, encarta-se ela numa linha de conduta da qual não nos afastaremos. Todo movimento em prol da cultura envolve freqüentemente aquêles de quem a cultura depende: os governantes, as autoridades públicas. As críticas que a êles somos levados a formular não trazem assim nenhum laivo de partidarismo político, fazendo-se exclusivamente em função do ideal que defendemos. Pela causa das letras e das artes não respeitaremos ídolos, nem receamos desagradar quem quer que seja.

Precisaremos dizer mais neste 5º aniversário? Sim, gostaríamos de acentuar ainda que a principal significação desta vitória para nós é menos o coroamento dos nossos esforços e sacrifícios do que a comprovação confortadora da existência, no Brasil, de um público capaz de permiti-la.

MARQUES REBÊLO se despede da literatura e faz testamento



FLAGRANTE TOMADO NO MOMENTO EM QUE, DIANTE DO EDITOR BARROS MARTINS, MARQUES REBÊLO ASSINAVA O CONTRATO PARA PUBLICAÇÃO DE SUAS OBRAS COMPLETAS (ENTREVISTA NA PÁG. 5)

APENAS «LUCRO MORAL?»

UM dos objetivos de uma "associação de escritores", que não temos, e provàvelmente não teremos tão cedo, já que várias iniciativas nesse sentido vêm fracassando, aqui no Rio, seria um aparelhamento capaz de promover a cobrança regular da reprodução de artigos em jornais e revistas dos Estados, como também do Distrito Federal.

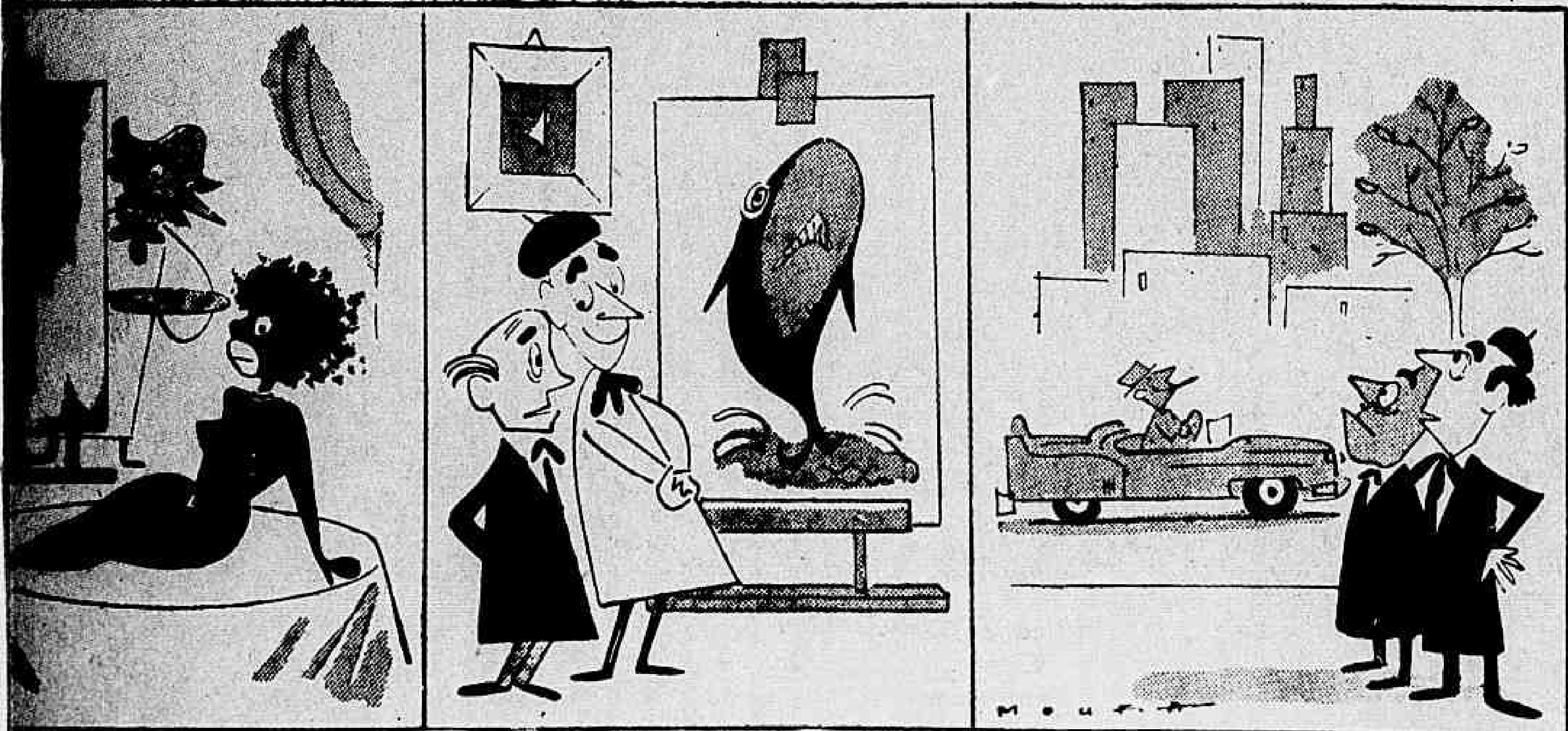
Para os escritores, que já ganham bem pouco pelos seus artigos, nada mais melancólico do que vê-los reproduzidos em mais de um suplemento literário do Norte ou do Sul, sem que disso lhes resulte um níquel sequer. É o fato é tanto mais chocante quanto os direitos dos escritores teatrais, sócios da SBAT, são rigorosamente cobrados, não sòmente pela representação de peças, como pela reprodução de artigos, contos, etc. Ainda há pouco tivemos um exemplo: certa revista desta capital reproduziu um conto de Ernani Fornari, sem consultá-lo. Dias depois, lá apareceu o representante da SBAT com o recibo: 500 cruzeiros. O diretor da revista protestou, achou demasiada a quantia — coisa muito natural, uma vez que está acostumado a fazer dessas reproduções sem pagá-las — mas não teve outro remédio senão o cobre.

Assim, quando o escritor tem a ventura de ser autor teatral e pertencer a SBAT possui os seus direitos assegurados. Em caso contrário deve contentar-se com o "lucro moral" atribuído pelos que lhe parasitam o trabalho.

Evidentemente, a culpa é dos escritores que não se organizam e parecem não levar a sério o seu próprio mister. Quando se constitui aqui uma "sociedade", como se deu no ano passado, é para fazer declarações de princípios abstratos, limitando-se a essas expansões de retórica sem cuidar de fins práticos.

Por que não há de frutificar entre nós a lição da SBAT?...

CHARGE DE MOURA



O modêlo do momento

— Como fizeste um tubarão tão grande com esta escassez de tinta?
— Ah! Isto, eu fiz com tinta "Sardinha".

— Que prosperidade repentina é aquela do Farelo?
— Êle abandonou a pintura e trocou meia dúzia de tubos "Le Franc" por aquêle Cadilac.

Pouca gente acre

JÁ TEM PROEZA

SEGUNDA-FEIRA última, dia de S. Pedro, os amigos mais chegados ao «Jornal de Letras» compareceram ao apartamento do dr. Elísio Condé, na praia de Botafogo, para um uísque generoso e fraterno. Motivo: o jornal dos três Condés, José, João e Elísio, completava cinco anos de idade. Festejando o acontecimento, João, que fica, em matéria de idade, entre os dois, cumpriu a sua promessa e tomou um pilequezinho divertido e feliz. Bem que êle tinha os seus motivos — êle e os outros. Foram cinco anos de guerra acesa, de luta diária, de caminho difícil e descoberto.

A «REMATADA AVENTURA»

A idéia foi mesmo de José Condé, que é o literato atuante da família. Desde 1941, quando faleceu o «Dom Casmurro», que êle vinha imaginando botar no lugar do semanário morto (e que tanto sucesso alcançara nos seus três ou quatro anos de vida brilhante) um outro jornal literário. A idéia germinou durante longos anos — quase dez. Mas em julho de 1949 o primeiro número do «Jornal de Letras» estava na rua, uma edição de 4.000 exemplares logo esgotada.

Êsse acontecimento foi comemorado, naquela data, com um «cocktail» mais ou menos frugal, no bar do terraço da ABI. O começo da festa fôra programado para às 18 horas, e João Condé recorda que, uma hora antes, chegou até o local para verificar se estava tudo em ordem: salgadinhos, uísque, martinis secos, combinação líqüida e degustativa orçada em quatro mil cruzeiros. Mas lá chegando, João já encontrou um festeiro temporão, o cronista Rubem Braga, que desde às 15 horas sorvia, pausadamente, o uísque comemorativo — incidente pitoresco que majorou os 4 mil cruzeiros combinados em mais trezentos (a dose naquele tempo custava 35 cruzeiros, era o céu!).

O uísque foi bebido e os «salgadinhos» mastigados por perto de cem pessoas, mas depois da festa os três Condés tiveram que enfrentar, já no dia seguinte, as duras conseqüências da idéia feita matéria. Muita gente, nas vésperas do aparecimento do jornal, qualificara a iniciativa dos Condés de «rematada loucura». Maurício Rosemblatt, por exemplo, então ainda na «Revista do Globo», provou, de lápis em punho, que o jornal não passaria do terceiro número; e Zé Lins do Rêgo, outra alma dura, adiou o falecimento do mensário para o sexto número, prometendo pegar no caixão e comparecer, de escuro, à missa de sétimo dia.

A BOA CORNUCÓPIA

Mas o fato é que o «Jornal de Letras», ajudado por alguns, desajudado por outros, foi vingando de número em numero, e mensalmente lá estava, teimosa e heròicamente, enfeitando com a sua paginação magnífica e a sua impressão bem

ditava na "aventura"

CINCO ANOS A DOS CONDÉS



ELÍSIO CONDÉ (o de óculos escuros) é o mais velho dos Condés. Opinião de João e José sôbre êle: Sem Elísio o «Jornal de Letras», não teria sobrevivido. (No instantâneo, da esquerda para a direita: Waltensir Dutra, Elísio, Carlos Castelo Branco e João Condé).

A HISTÓRIA DO «JORNAL DE LETRAS» É, TÔDA ELA, UMA SUCESSÃO DE SURPRÊSAS, DESENCANTOS E VITÓRIAS.

cuidada as bancas dos jornais. E cinco anos depois o balanço que apresenta é de primeira ordem: basta dizer que só de prêmios literários o jornal distribuiu perto de 200 mil cruzeiros. e tem agora, devidamente programados mais... 100.500,00 cruzeiros para dar. E agora para agôsto os Condés anunciam uma outra iniciativa: o jornal será vendido no mesmo dia no Rio e em Lisboa. Uma nímia gentileza da Panair permitirá essa milagrosa ubiquidade.

Voltemos aos prêmios. Ainda êste ano o «Jornal das Letras» vai entregar os seguintes: «Prêmio Bienal de S. Paulo», de 20 mil cruzeiros, para o melhor trabalho sôbre a grande mostra do IV Centenário; «Prêmio Augusto de Anjos», de 20 mil cruzeiros; «Prêmio Juscelino Kubitschek», de 30 mil cruzeiros, para o melhor trabalho sôbre as «Origens da literatura mineira»; «Prêmio Martins Pena», de 20 mil cruzeiros, para estreantes no teatro. E o banqueiro Drault Ernanny, que é homem de coração mole, prometeu também soltar uns trocados para um outro prêmio ainda a ser programado.

ELÍSIO, JOÃO E JOSÉ

Lá dentro da redação do «Jornal de Letras» as funções de cada um dos Condés estão sàbiamente distribuídas. José é o encarregado por tudo o que se refira à parte literária do mensário, a sua colaboração, os seus assuntos, tarefa na qual é assistido pelo comovente devotamento do escritor Brito Broca; João Condé (dos três êle é o único que jamais colaborou no «Jornal») é assim uma espécie de «Maria faz tudo»: despacha o expediente, assina a correspondência, caça ferozmente os anúncios, embrulha os pacotes que vão para o correio, enfaixa os números dos assinantes, paga e cobra (principalmente cobra) e, homem tímido por natureza, conseguiu vencer a inibição inicial e transformar-se num implacável pedinchão de matéria paga. Quanto a Elísio, o mais velho de todos, é o grande fator do equilíbrio naquele mundo de letras e sonhos que, sem a sua presença, teria acabado no terceiro vagido, como previa Rosemblatt, uo no sexto, como queria Zé Lins. Ambos, João e José, são unânimes nesta afirmativa: «Sem Elísio, o «Jornal de Letras» teria nascido, mas não teria sobrevivido». Elísio é, ao mesmo tempo, o gerente meticuloso e o financista de cabeça fria; e quando êle pega do lápis e se põe a escrever números, na mesma mesa em que minutos antes um poeta esboçou um poema, a sua precisão contábil se alheia inteiramente de escolas e tendências e vai, fria e segura, até o exato equilíbrio.

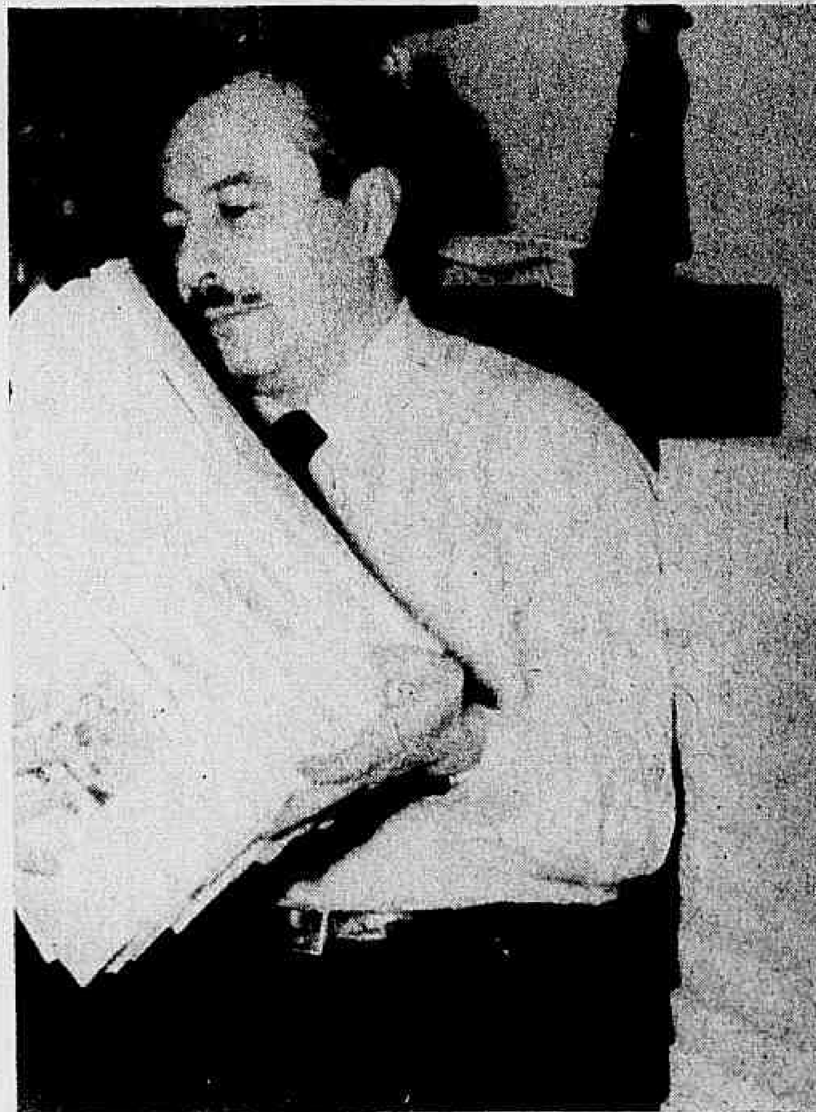
Saudemos, em resumo, o quinto aniversário de um jornal que conseguiu já agüentar cinco anos de heròica pobreza num país em que quase sempre sòmente as coisas ricas e porcas conseguem sobreviver.



José Condé, o mais moço, foi quem primeiro descobriu o mundo da literatura. Em 1938 êle já pensava no hoje vitorioso «Jornal de Letras».



Elísio Condé soma, divide e multiplica o Deve e o Haver do «Jornal de Letras». E no fim, infalivelmente, dá tudo, aritmèticamente certo.

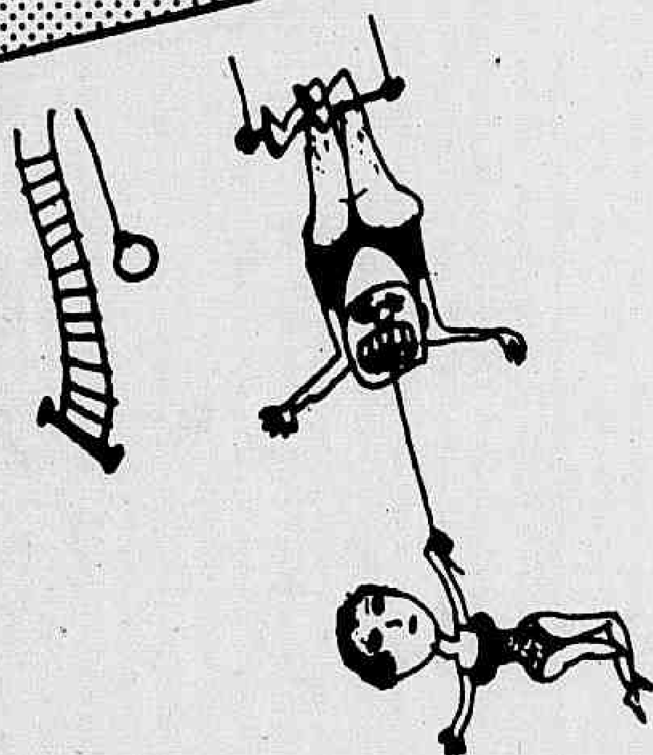


João é, no «Jornal de Letras», o homem do faz tudo. Algumas de suas valiosas atribuições: cobrança, correspondência, caça aos anúncios.

Tudo pode acontecer no RISO DOS OUTROS



— Você não tem nenhum segrêdo para me dizer em segrêdo ?



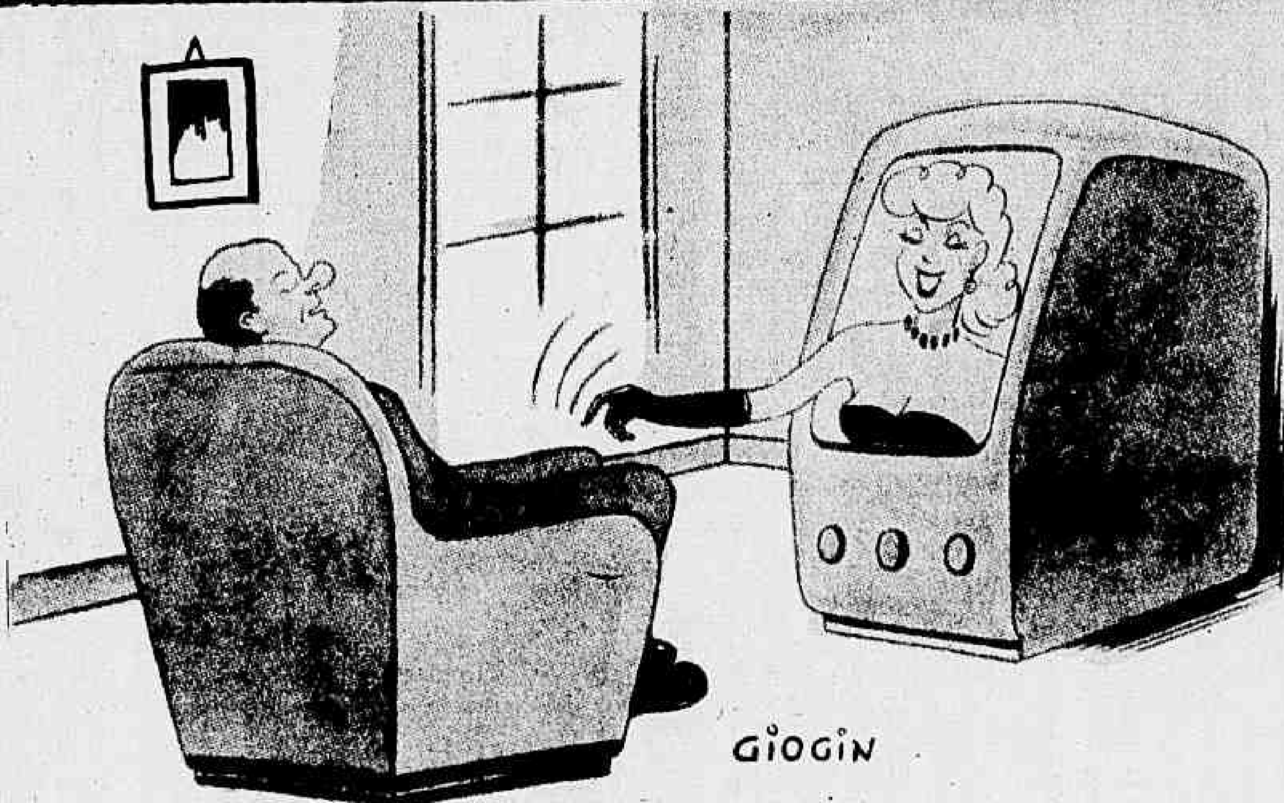
— Você é o mais monótono dos maridos. Quando trabalha, não diz uma palavra.



— Garanto, sr. diretor, que ela foi feita para a 3ª dimensão...



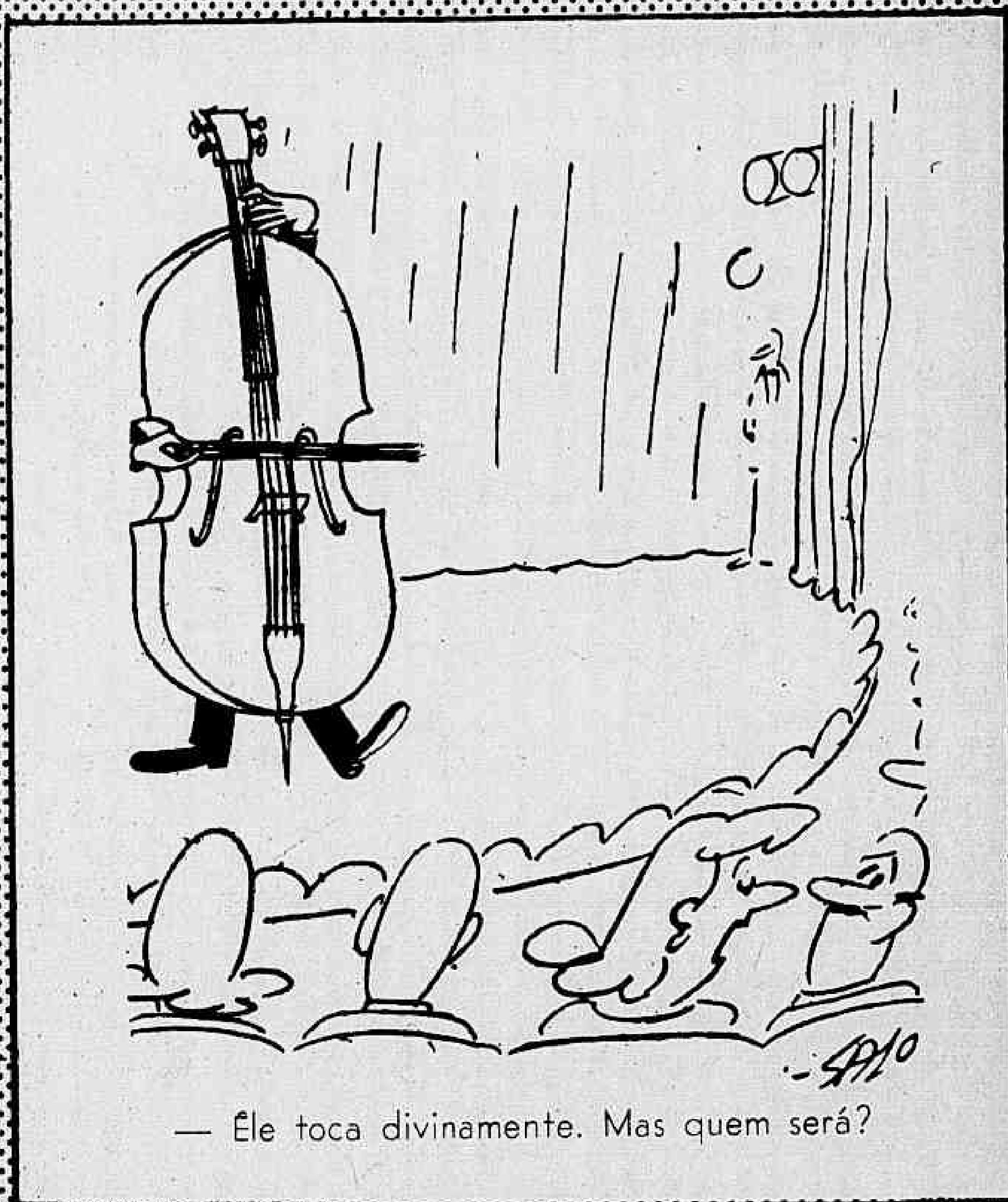
— Esconda-se bem. Preciso salvar a minha reputação.



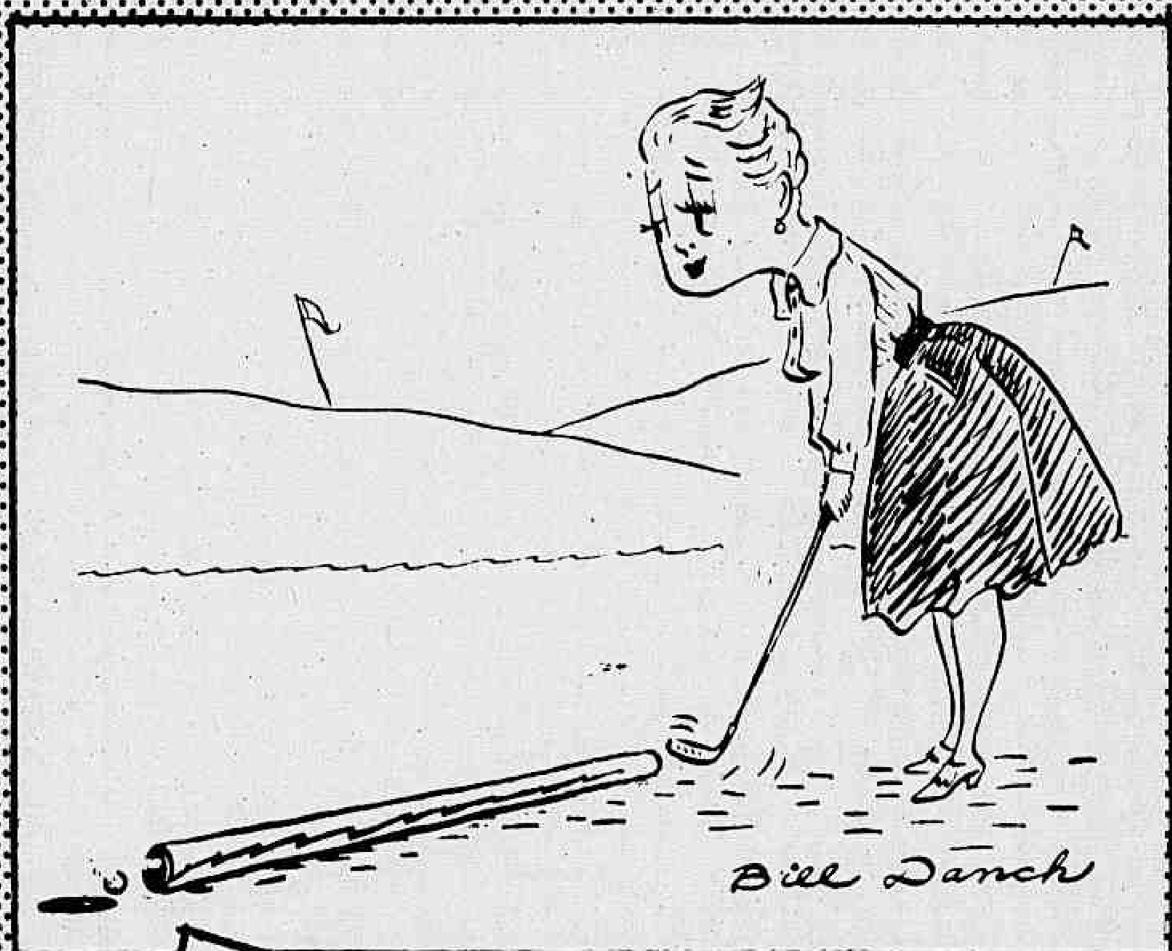
— Amigo telespectador, a transmissão já acabou.

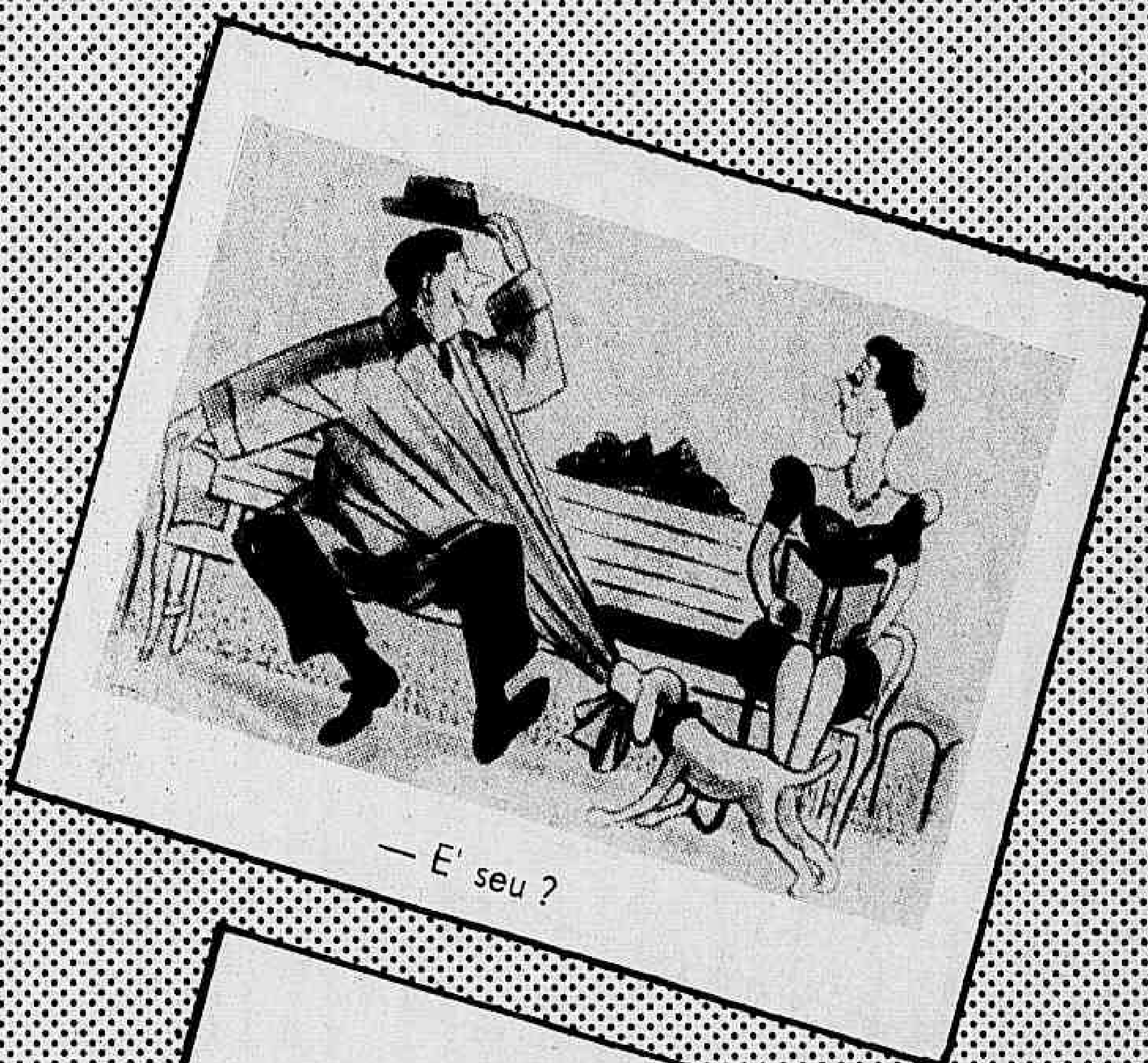


— Bem, meu caro, até outro dia. Creio que minha mulher está me chamando.



— Êle toca divinamente. Mas quem será?





— E' seu ?



— O senhor vai comprar ou está fazendo uma perícia policial ?



Lição a Sogros e Cunhados

ANTONIO MARIA

INÁCIO foi abrindo os olhos devagar e tirando o lençol de cima do corpo. Estava suando numa dobra do pescoço e, ao virar a cabeça, rogou uma praga a todos os Cuba-Libres do mundo. Da rua, vinham estouros de foguetes e gritos de pessoas levianas. Olhou o relógio da mesinha de cabeceira: quatro e meia da tarde. Deve ter acabado o jôgo Brasil x México e o Brasil devia ter ganho. Bem feito, para os mexicanos não saírem de sua vida abolerada por causa de futebol. Tentou levantar. A cabeça doía muito. Deitou outra vez e gritou o nome da mulher. Ninguém respondeu, nem ninguém veio ver o que havia. Repetiu o grito e mais uma vez não aconteceu nada. Então, com tôda a raiva de que era capaz, largou o terceiro grito. Uma pausa de silêncio, a porta se abriu e entrou a empregada:

— Seu Inácio, as coisas não andam boas para o lado do senhor, não.

— Tem Sal de Frutas aí?

— Tem, mas dona Arlete disse que, se o senhor pedisse, não desse.

— Então, vá-se embora, sua maluca!

Inácio chegara em casa às oito e meia da manhã. Começava, aos poucos, a lembrar-se do que tinha feito. Ajoelhara-se em baixo da gaiola do papagaio e pedira perdão por ter bebido demais. Acordara Arlete aos gritos e, como a mulher não achasse a menor graça na sua chegada, ligou para a Rádio Patrulha, dizendo que viesse, já e já, porque a espôsa enlouquecera. Depois, caíra na cama duro e frio, dormira até quatro e meia da tarde. Tinha que levantar-se, imediatamente, e dar um jeito nas coisas. Levantou-se, só Deus sabe como, enfiou um «short» (dormia sempre ao natural) e caminhou para o resto da casa. Ao chegar ao corredor, enfiou o rosto na sala e viu apenas isto: Dona Hermelinda e o doutor Conrado (seu casalzinho de sogros) lendo revistas velhas. Na janela, o cretino do cunhado, pálido, narigudo, óculos bifocais sem aros, estudante de filosofia — em resumo: uma porcaria de cunhado. Arlete estava ainda de «pegnoir», com um lenço de florões passado na cabeça, sem um pingo de pintura. Vira-a de perfil, sentada na poltrona, com o queixo apoiado na mão direita, as pernas cruzadas e a de cima balançando, balançando... Inácio não sentiu-se homem para dizer boa tarde. Foi direto à cozinha, sentou na mesa de almôço dos empregados. Ficou uns três minutos em busca de idéias e quebrou o silêncio para pedir café. A empregada disse que café estava em falta e ficou em pé defronte, como quem tem coisa para contar.

— Vai, desembucha... — mandou Inácio, com maus modos.

— O negócio é o seguinte: o senhor chegou, hoje, com o diabo no couro. Fêz uma cena debaixo da gaiola do papagaio, chamou a Rádio Patrulha, jogou um embrulho de ovos na rua e soltou os passarinhos dos meninos. (Dessas duas últimas artes Inácio não se lembrava e sentiu um arrepio ao ouvi-las). Dona Arlete chamou o pai, a mãe e o irmão dela, e parece que vão mandar o senhor embora.

Inácio levantou para beber água na geladeira. Atrás de si, a empregada completou a lista dos malfeitos:

— Mas, o pior foi que dona Arlete encontrou um rouge e um batão no bôlso do senhor.

Agora sim. Agora é que não ia ter jeito mesmo. Também essas diabas fazem de propósito (pensou Inácio): pedem pra gente guardar os trecos delas e, depois, se esquecem de pedir. Não tenho culpa de nada, não fiz nada. Apenas guardei o rouge e o batão daquela (censurado). E continuou pensando: quero ver quem vai ter coragem de vir falar comigo primeiro. Mal acabou de pensar, o cunhado entrou na cozinha. Começou dizendo uma coisa assim:

— Inácio, afinal de contas...

— Pra começo de conversa, pague meu conto de réis!... — interrompeu Inácio.

— Bem, eu só tenho quinhentos. Mas, o que me trouxe aqui...

— Então, passe os quinhentos, vá buscar mais quinhentos e, quando trouxer, se ainda vier com o conselhinho, vou sentar-lhe a mão na cara!

Pânico na defesa adversária. Dona Hermelinda ouviu da sala e veio pelo corredor gritando: «Alto lá! No meu filho, você não bate»! Atrás de dona Hermelinda, vinha doutor Conrado (o sogro) e, com o filho pálido, fizeram uma muralha de três contra-parentes. Inácio se levantou e mandou que os três fôssem para o diabo que os carregasse. Conrado ergueu o dedo, com valentia e, todo vermelho, mandou que Inácio se calasse. Nessa altura, uma das empregadas desceu, aos prantos, pela escada de serviço, a outra começou a ter uma coisa junto ao fogão e Arlete veio da sala, aflitíssima, chorando e pedindo, pelo amor de Deus, que parassem com a briga. Veio e conseguiu levar, para a sala, a mãe, o pai e o irmã. Inácio ficou na cozinha e gritou de onde estava:

— Se não forem embora dentro de dois minutos vão se arrepender!

— O que é que você vai fazer? — ... — perguntou dona Hermelinda, num desafio.

— Arreio o «short» e chego aí nu em pêlo!

Arlete, completamente certa de que o marido cumpriria mesmo a promessa, tratou de empurrar mãe, pai e irmão pela porta afora e trancou-se por dentro.

✶

Respirou aliviada e voltou para o quarto. Inácio havia chegado primeiro e estava sentado na cama, com a cabeça baixa. Arlete perguntou, com voz mansa:

— O que é que você pretende fazer?

— Suicidar-me.

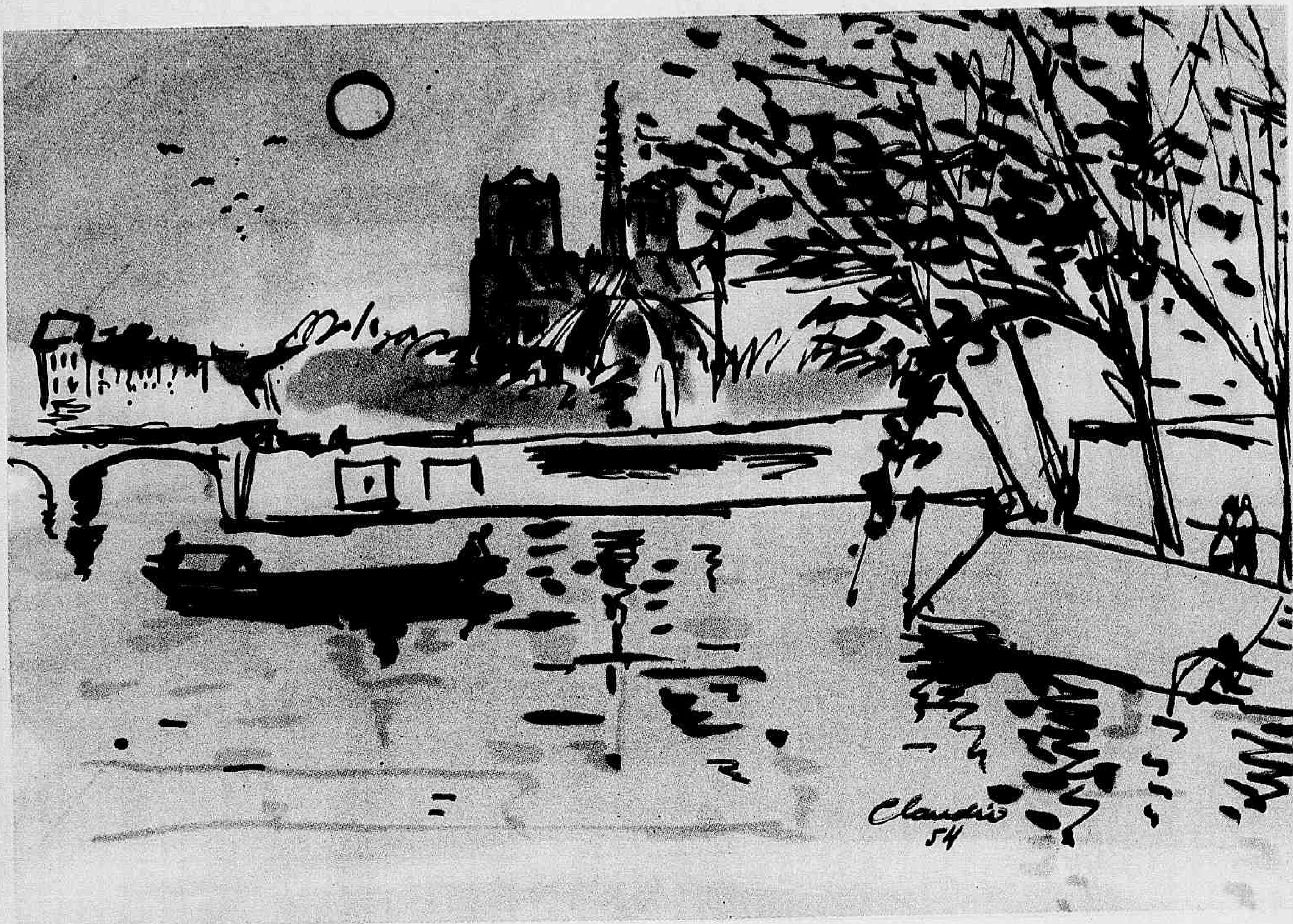
— Mas, quando? — quis saber Arlete, sem pânico.

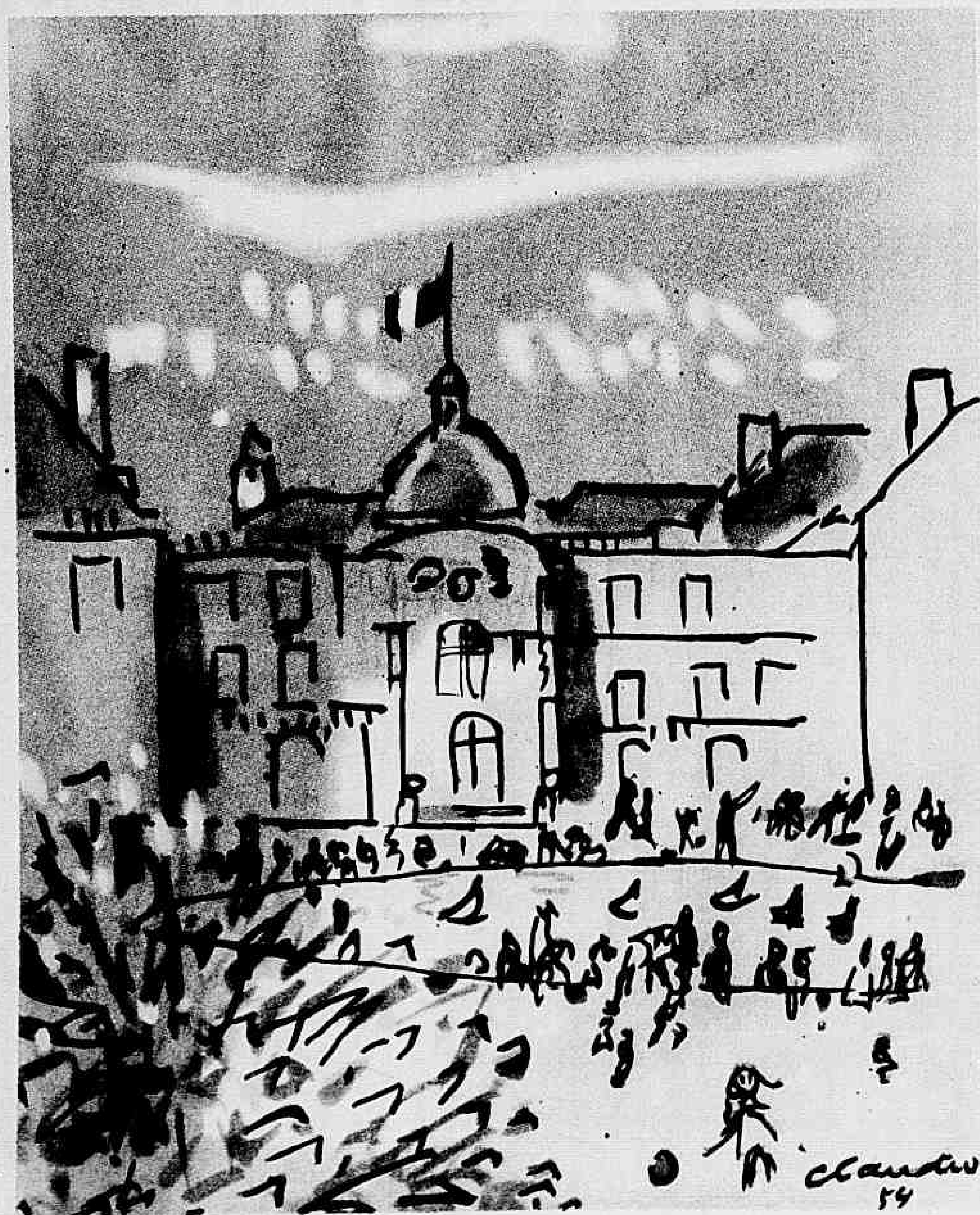
— Depois de amanhã.

Aí ela riu, êle riu também, começaram a rir, riram muito e abraçaram-se. Ficou imediatamente combinado que não se ia tocar no assunto tão cedo e que ambos cortariam as relações com dona Hermelinda, doutor Conrado e com o irmão de Arlete, que era míope, narigudo, cretino, pálido e, acima de tudo, caloteiro.

Desenho de DAREL







Paris

DANTE COSTA

● Não sei de encontro mais perturbador.
Havia angústia, alegre, pressa, confiança. Havia necessidade
violenta de ver, desejo violento de encontrar. Havia
falta de ritmo no coração que ia amar, e inquietude nas mãos
nos braços, nos dedos que iam tocar.
Tantos sentimentos faziam do trem um trem fantástico. Não
duvido que êle mesmo possuísse alma, e uma alma humana,
marcada de inquietações humanas. O corpo dêle teria
de ser fabuloso. Impossível carregar tantas emoções de espíritos
desconhecidos, e ser apenas um trem de ferro, largo,
equilibrado, entrando em Paris. Êle teria de ser redondo e retilíneo,
ao mesmo tempo — como, não sei — e teria, certamente,
bolas de aço sob as rodas e cilindros invisíveis, que os
meninos gostariam de mexer, e pulmões de borracha,
arfando, e flândulas de carne, pulsando, e bôcas enormes,
como a dos dragões das procissões chinesas, e seios de virgem,
para sentirem a menor ondulação, e barbatanas de peixe,
e brilhos, serras, pêlos de animal arisco,
asas, principalmente asas, — de falcão? de condor? de beija-flor?
— asas e asas êsse trem deveria ter quando mais não fôsse
pelo menos para contentar os olhos, que imaginavam,
e a imaginação, que via.
Primeiro foi uma massa cinzenta. Era um grande
e harmonioso sobrado cinzento de seis ou sete andares, ao lado
de uma avenida larga, ampla, onde cabiam, sem dúvida, tôdas
as abstrações líricas. Depois a massa se distendeu, como
um óleo derramado. O óleo era cinzento,
também, doce à vista, e tinha uma certa dignidade
de óleo imemorial, e uma luz que não agredia, doce e eterna luz,
e uma fôrça, uma grandiosidade e um equilíbrio ainda

não vistos. Êsse óleo era Paris.
Paris, de fato é doce como um óleo, e macio, e tranqüilo.
A água, lançada, derrama-se desabaladamente, a chuva faz ruído ao cair; o mundo da água em movimento é de sons vivos,
O óleo é de paz, pacifica os mares e os espíritos. E mesmo, nenhuma leviandade, nenhum ar apressado, nenhuma improvisação no óleo que se distende — a vida, fisionomia e significação de Paris.
De fato, aquêle primeiro sobrado cinzento, e aquela primeira larga rua, eram apenas um aviso. Como obedecendo a uma ordem já anteriormente dada — ninguém ouviu o som da voz imperiosa — os dois primeiros elementos desdobraram-se vieram mais dois segundos, e dois terceiros, e êstes se mutliplicaram. E então viu-se: a cidade era tôda aberta de largas avenidas, tôda povoada de sobrados ilustres, cinzentos, alguns quase negros.
Sei que não conheces New York. Estás na América, e o Brasil também é América. Tens os teus olhos claros cheios de luz, respiras, a luz está também sôbre a tua bôca, que sorri... E vês casas, arranha-céus, ruas. Muito bonitas e limpas. As torneiras são niqueladas, e as vidas são recentes.
Mas por dentro, nenhuma vida, nenhuma história. Mas muito limpas, muito claras, alvas, espelhantes.
Paris não é assim. Paris é interior e equilíbrio.

★

... Ah! a primeira impressão de Paris.
O trem chegou, desci, olhei para as ruas, e para as casas, e para a gente, na marcha regular do automóvel.
Depois fui andar nas ruas. Fui entrar nas casas. Fui conhecer.
O tempo passou. Dias e noites, rumor e silêncio, trabalho, doçura, descanso, vida. O tempo passou. Todo o tempo que passou foi sempre a primeira impressão.
E' que o amor é um reencontro. Todos os que amam carregam em si um conhecimento prévio, uma visão anterior, o anúncio do objeto amado.
Ver, nessas condições, é reconhecer.
Reconheci Paris, como já te havia reconhecido, um dia.

Desenho de CLÁUDIO CORREIA E CASTRO





Maria

Romance de JORGE ISAACS

● Jorge Isaacs nasceu em Cali, Colômbia, a 1 de abril de 1837. Poeta lírico, novelista romântico dos mais festejados da literatura americana, Jorge Isaacs escreveu «Maria» entre 1864 e 1865, quando se entregava à mais árdua e martirizante de tôdas as lutas pela vida: inspetor da estrada de Buenaventura, nos desertos virgens e doentios da costa do Pacífico. Atacado de impaludismo, exausto, martirizado, voltou ao lar. Durante a convalescença continuou a escrever «Maria». Em 1867 foi publicado. Teve vida agitada. Foi jornalista, diplomata, homem de partido, deputado, comerciante. Morreu pobre a 17 de abril de 1895.

CAPITULO I

ERA eu ainda menino quando deixei a casa paterna a fim de iniciar meus estudos no colégio do dr. Lorenzo Maria Lleras, estabelecido em Bogotá, fazia poucos anos, mas já famoso em todo o país àquele tempo.

Na noite da véspera de minha viagem, depois de estar acordado por muito tempo, entrou em meu quarto uma de minhas irmãs e sem dizer-me uma só palavra de carinho, porque os soluços lhe embargavam a voz, cortou um cachinho de meus cabelos, deixando ao sair algumas lágrimas em meus ombros.

Adormeci a chorar e experimentei como que um vago pressentimento de muitos pezares que iria sofrer depois. Êsses cabelos colhidos em uma cabeça infantil; aquela precaução do amor contra a morte diante de tanta vida, fizeram que durante o sono vagasse minhalma por todos os lugares por onde havia eu passado, sem compreendê-los, as horas mais felizes de minha existência.

Na manhã seguinte meu pai desatou de minha cabeça, umedecida por tantas lágrimas, os braços de minha mãe. Minhas irmãs, ao me dizerem adeus, as enxugaram com beijos. Maria esperou humildemente sua vez e, balbuciando suas despedidas, juntou sua face côr-de-rosa à minha, gelada pela primeira sensação de dor.

Poucos momentos depois seguia eu a meu pai, que ocultava seu rosto aos meus olhares. As pisadas de nossos cavalos no caminho pedregoso afogavam meus últimos soluços. O rumor do Zabaletas, cujas várzeas ficavam à nossa direita, diminuía por instantes. Dávamos já a volta a uma das colinas por onde passava a estrada e de onde se avistava a casa, quando dirigi a vista procurando um de tantos entes queridos. De lá divisei Maria, que estava sob as trepadeiras que adornavam as janelas do quarto de minha mãe.

II

Passados seis anos, os últimos dias de luminoso agôsto, receberam-me ao regressar ao torrão natal. Meu coração palpitava de amor pátrio. Era a última jornada da viagem e eu gozava da mais perfumada manhã de verão. O céu se tingia de um azul pálido. Para o oriente e sôbre as cristas altíssimas das montanhas ainda ensombradas, vagavam pequenas nuvens douradas como gazes do turbante de bailarina agitadas por um alento amoroso. Para o sul flutuavam as névoas que durante a noite haviam ocultado os montes longínquos. Cruzei então planície de verdes pastagens regadas por riachinhos cujo curso era ocultado por belíssima vacaria que deixava os currais para internar-se nas lagunas ou em caminhos ensombrados de floridos **písamos** e frondosos figueirões. Meus olhos se haviam fixado com avidez naqueles sítios meio ocultos ao viajante pelas copas de anos guaduales; naquelas paragens onde havia deixado gente venturosa e amiga. Em tal momento nem as árias do piano de U... me teriam comovido. Os perfumes que eu aspirava eram mais agradáveis do que os comparados aos de seus luxuosos vestidos, e o canto daquelas aves sem nome tinha harmonias muito doces ao meu coração.

Fiquei mudo ante tanta beleza, cuja recordação havia acreditado conservar na memória, porque algumas de minhas estrofes, admiradas por meus colegas de colégio, tinham delas pálidas tintas. Quando em um salão de baile inundado de luz, cheio de melodias volutuosas, de mil aromas misturados ao fru-fru de tantos vestidos elegantes de mulheres sedutoras encontramos aquela com que sonháramos aos dezoito anos, e em seu olhar fugidio queima-me os olhos, enquanto sua voz faz emudecer, por um instante tôdas as demais vozes e suas flores deixam atrás de si essências desconhecidas. Caímos então numa prostração celestial. Nossa voz é impotente; nossos ouvidos já não ouvem a sua voz; nosso olhar já não pode segui-la. Mas, logo que passa a vertigem, volve ela à memória horas depois, nossos lábios murmuram em cânticos o seu louvor, e é essa mulher, é seu porte, é seu olhar, é o seu leve andar sôbre os tapêtes o que traduz aquêle canto que o mundo acreditará ser ideal. Assim o céu, os horizontes, os pampas e os cumes do Cauca fazem emudecer a quem os contempla. As grandes belezas da criação não podem, a um tempo, ser vistas e cantadas. É necessário que voltem à alma, empalidecidas pela memória infiel.

Antes de o sol se pôr, já tinha eu avistado a branquear sôbre a falda da montanha a casa de meus pais. Ao aproximar-me dela, contava com os olhos ansiosos os grupos de seus salgueiros e laranjais, através dos quais vi cruzar, pouco depois as luzes correspondentes a cada habitação.

Respirava, enfim, o perfume nunca esquecido daquele pomar que vi nascer. As ferraduras de meu cavalo chispearam sôbre as pedras do pátio. Ouvi um grito indefinível; era a voz de minha mãe. Ao estreitar-me ela em seus braços e apertar-me contra o seio, uma sombra me cobriu os olhos: o supremo prazer que comovia uma natureza virgem. (Conclui na página 48)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMÓN






Em sêda
pura
Paris (julho 1954) — por Monique Renaux — Correspondente exclusiva da «Revista», na Europa.

DESTACAM-SE os modelos em sêda pura, nas últimas coleções, como os mais bonitos e originais. Êste é um tecido que se presta a muitas fantasias sobretudo em matéria de plissados e pregueados. Essa propriedade foi aproveitada com bom gôsto por costureiros como Heim, Manguin e Jacques Fath; dêles são os modelos que escolhemos para apresentar às leitoras da «Revista». Prestam-se admiràvelmente para a atual temporada elegante carioca: com um toquezinho «habillé» compõem uma tualete apropriada para o teatro; com uma grande capeline a vestimenta mais indicada para os «garden-paries» elegantes. Os vestidos de sêda pura são, assim, extremamente versáteis. Além disso, constituem o «fundo» mais recomendável para as maravilhosas capinhas em «renard» ou «vison», que você deve estar impaciente para tirar do armário!



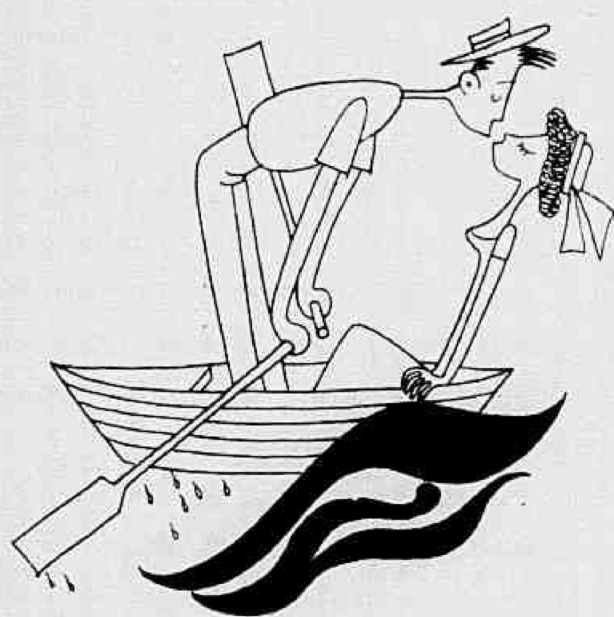


FATH — Vestido em «shantung» azul lavanda. Chapéu de palha e luvas em côr de «torrada queimada».

MANGUIN — Em «shantung» de sêda pura, rosa antigo. A saia é totalmente trabalhada em pregas.

HEIM — Modêlo em duas peças, em alpaca de sêda pura, cinza azulado. A saia é inteiramente plissada.

CONVERSA DE MULHER



Você sabe se divertir?

LÍGIA JUNQUEIRA

● Eis aqui vinte perguntas que determinarão se você sabe ou não **se divertir.** Responda sim ou não a cada uma, com sinceridade. Depois confira os resultados com aquêles que damos abaixo.

1) — Costuma sair para passear ou para ir à praia, freqüentemente, apenas com a finalidade de fazer exercício e não para se distrair?

2) — Pensa que pode ser divertido fazer bolinhos para uma festa de caridade, pintar as paredes de sua casa, ou lavar a copa e a cozinha?

3) — Alguma vez se tornou amiga de pessoas de educação diferente da sua, apenas porque tinha algum interêsse comum em algum esporte ou alguma distração?

4) — Aborrece-se quando vê as crianças se divertirem a seu modo?

5) — Quando sai de casa procura se adaptar aos hábitos do lugar para onde vai ou faz questão de conservar os costumes de sua casa?

6) — E' capaz de ficar de bom humor quando joga cartas ou uma partida de volei, mesmo se você ou seu time estiver perdendo?

7) — Toma o caminho mais longo para chegar em casa apenas porque a vista ou as vitrinas são mais interessantes do que pelo caminho mais curto?

8) — Acha que trabalhar sem descanso e descansar sem trabalho são igualmente horríveis?

9) — Gosta de organizar festas?

10) — Existem dois esportes ou duas atividades que você exerce apenas para se divertir?

11) — E' capaz de se divertir com uma pessoa de idade muito diferente da sua? (para mais ou para menos).

12) — Aprendeu alguma coisa nova — alguma distração, ou esporte — no ano passado?

★

CONTE 5 PONTOS para cada resposta certa. As respostas aos números: — 1 — 4 deve ser NÃO. Para as outras perguntas a resposta correta é sim.

COM 50 PONTOS, você é uma pessoa que sabe se distrair, e, provàvelmente, é bem equilibrada e saudável.

COM 40 PONTOS — você se sentiria mais feliz se procurasse aprender novas maneiras de se divertir.

COM MENOS DE 30 PONTOS — você tem que aprender urgentemente como se divertir, pois vive num estado de tensão cansativo e deprimente.



Cabelos sedosos e brilhantes

QUALQUER que seja o estilo de penteado que você usa, qualquer que seja a côr ou grossura de seus cabelos, você naturalmente procura fazer com que êles se tornem sedosos e brilhantes, para que dêem maior realce e juventude à sua fisionomia...

Não é possível perder um tempo infinito nos cabeleireiros, para se ter sempre os cabelos lavados e assentados; mas é sempre possível você mesma dar-lhes em casa o tratamento que requerem para que estejam sempre limpos, saudáveis e brilhantes.

Existem três princípios básicos para se conseguir isso:

1) — Diàriamente escove os *cabelos ao ar livre. Isso arejaos e tira a poeira superficial. Escove-os de trás para diante no princípio e depois da frente para trás. De vez em quando limpe sua escôva numa toalha, pois de outra forma apenas estaria tornando a colocar a poeira retirada no cabelo, outra vez.*

2) — Lave-os com xampús freqüentes. *Use para isso um bom preparado, adequado a seus cabelos. Esfregue a cabeça com a ponta dos dedos, de maneira que, enquanto limpa, também faz uma massagem, que estimula a circulação no couro cabeludo. Depois de bem esfregada, enxague-a em várias águas. Isso é importantíssimo, pois qualquer vestígio de sabão endurece os cabelos e possibilita formação de caspa.*

3) — Entre um xanpu e outro, faça uma fricção com água de colônia, em todo o couro cabeludo, para limpá-lo e estimulá-lo

Êsse é o tratamento básico. Para tipos diferentes de cabelos recomenda-se ainda:

Cabelos muito oleosos: *Depois do xanpu, e no intervalo dêsses, depois da fricção com água de colônia, aplique um tônico estimulante e adstringente com uma boa massagem.*

Cabelos muito secos: *Faça o mesmo tratamento, porém usando uma loção oleosa, em vez de adstringente.*

★

Quando pentear seus cabelos, muita atenção para não cuidar sòmente da aparência na frente, esquecendo-se da parte de trás. Atenção para que não fiquem partículas de cabelo nas costas, ou vestígios de caspas. Se seus cabelos não ficam assentados, use um pouquinho de fixador, que se conservarão bem penteados o dia inteiro. (Na foto: Mary Murphy — da Paramount).

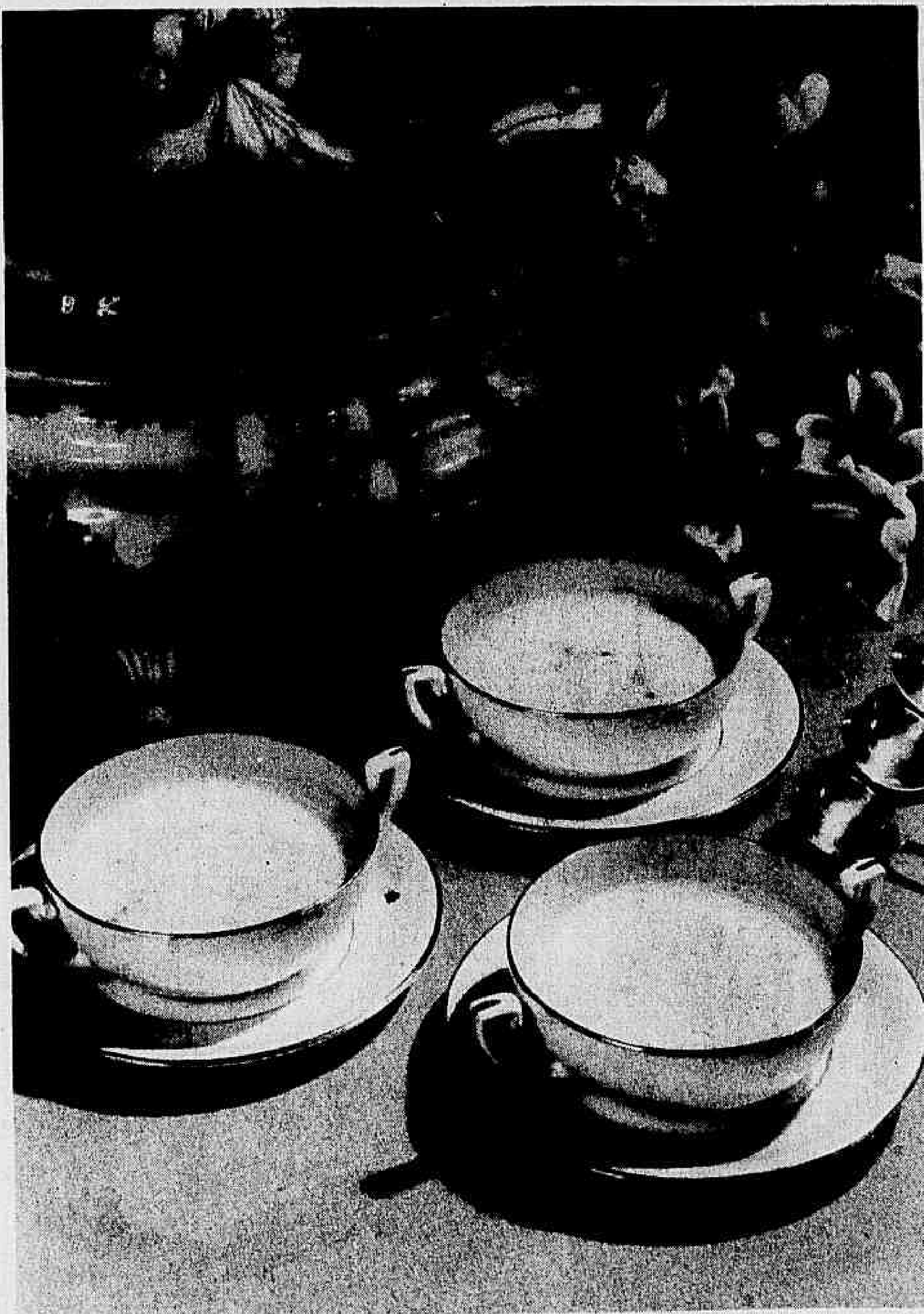


Sugestão para o lar



● Eis um ambiente de típica inspiração japonêsa: móveis em cana da Índia, laqueada de prêto (ou vermelho-laca) com adornos em dourado. Todo o conjunto é colocado sôbre uma esteira que faz as vêzes de tapête. O tampo das mesas, em plástico, é decorado com motivos lembrando as pinturas japonêsas. Ao lado dêsse «orientalismo», um confôrto totalmente ocidental nas gostosas almofadas em espuma de borracha, forradas com tecido granitê rosa pálido. A fotografia foi batida na última exposição de sugestões para o lar organizada por Ficks Reed, em Chicago, nos Estados Unidos.

WEEK-END NA COZINHA



SOPAS — Existem sopas e sopas. Há uma grande diferença entre aquelas preparadas de forma mais ou menos displicente, com um pouco de caldo de galinha ou de carne, e uma quantidade variável de legumes, ou massa, e as outras, cuidadosamente temperadas para que se consiga um bom paladar.

O tempo está mais fresco, nesta época do ano, e é bom, mesmo, passar em revista as nossas receitas de sopa, para não se cair na «rotina», considerada como o pior tempêro de qualquer mesa familiar. — TIA DULCE.



● Para começar, eis uma excelente receita de sopa de feijão — chamada **Sopa Basca:** Tome um bom punhado de feijão manteiga ou branco. Ponha para cozinhar na quantidade de água que costuma usar para sopa, juntando algumas batatas cortadas, e um dente de alho.

Tempere com sal e pimenta e cozinhe, coberta, por uma hora, mais ou menos. Quando estiverem os vegetais bem macios, amasse-os com um garfo. No fundo de uma terrina para sopa arrume algumas fatias de pão, e espalhe por cima queijo ralado. Deixe de lado, enquanto torna a esquentar a sopa já amassada. Depois, ponha um pouco de sopa quente na terrina. Deixe ficar por um minuto ou dois, e, a seguir, jogue na sopeira o restante. Espalhe por cima, ainda, uma mão cheia de azeitonas verdes, picadinhas.

● Eis agora uma deliciosa receita de sopa de legumes — chamada pelos franceses de **Potage Crecy.**

Derreta 100 gramas de manteiga numa frigideira e cozinhe aí meia dúzia de cenouras cortadas em fatias, com uma cebola picada e algumas fôlhas de alface. Tempere com uma colher das de chá de açúcar. Quando as cenouras estiverem tenras, o que deverá demorar perto de meia hora, ponha uma fatia picadinha de presunto ou bacon, e junte 1 litro de água. Tempere com sal e pimenta, e cozinhe mais uma hora, mais ou menos. A seguir, passe tôda a sopa por uma peneira (depois de ter retirado o bacon ou o presunto). Se achar que ficou muito rala, engrosse-a, deixando mais algum tempo no fogo e acrescentando uma colher das de sopa de maizena, dissolvida em um pouco dágua fria. Sirva com algumas rodelas de cenoura muito finas, cozidas separadamente, e com pão torrado, em quadradinhos.

● Quem é, porém, que não gosta da famosa **Sopa Camponesa?** Vejamos esta receita deliciosa da mesma: Corte uma cenoura média e um nabo pequeno em fatias muito finas. Pique em fatias a parte branca de um alho porro, pequenino, e a mesma quantidade de aipo. Pique também 1/4 de repolho pequeno. Ponha um pouquinho de sal e deixe-os cozinhar tampados, em um pouquinho de manteiga (30 gramas) perto de uma hora, mexendo de vez em quando para que não pe-
Acrescente uma xícara de água, caldo de carne ou de legumes cal-guem no fundo da panela.
de vagens é ótimo), ponha para ferver, e junte uma batata cortada em rodelas finas. Deixe ferver outra vez, torne a cobrir, e cozinhe por meia hora. Finalmente, ponha mais 1 xícara do caldo que usou no princípio, ferva mais cinco minutos, e sirva como está, ou passado na peneira.

Por êsse Mundo de Deus





GUATEMALA: NOVA CORÉIA?

Três flagrantes guatemaltecos. Ao alto, o presidente Jacobo Arbenz-Guzmán, presidente do pequeno país da América Central, ao lado de sua espôsa. Ao centro — o coronel Carlos Castillo Armas, chefe do movimento revolucionário que irrompeu na fronteira com Honduras. E embaixo — uma vista da cidade de Guatemala, capital do país. A propósito do caso guatemalteco, há quem fale numa «nova Coréia». Mas o fato é que os rebeldes estão sendo repelidos.





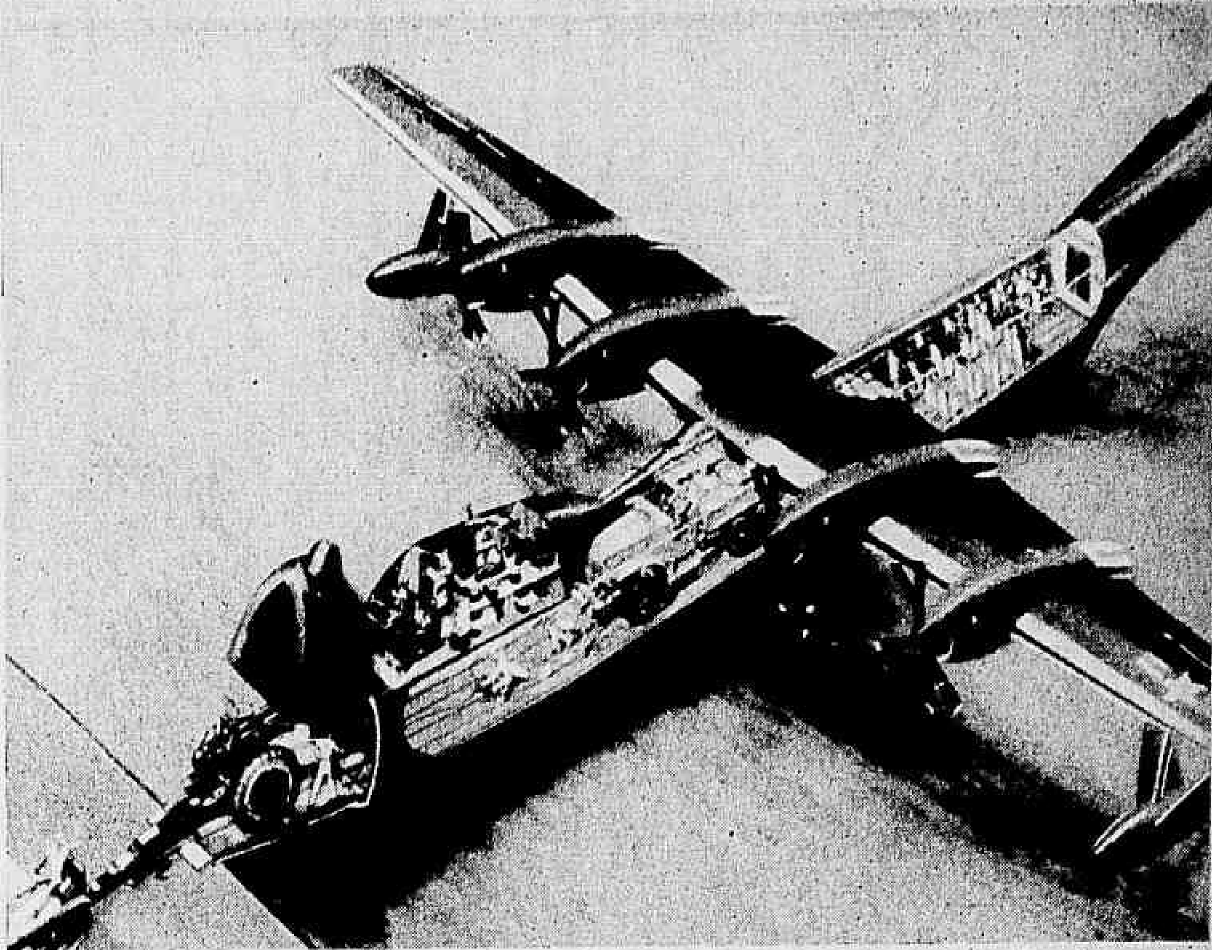
AURORA EM NICE

Nome dela: Maria Frau. Diz Maurice Chevalier, que entende do assunto, que se trata da maior revelação do cinema francês dos últimos tempos. Maria tem 20 anos e está filmando agora, em Nice e ao lado de Chevalier, «J'avais 3 filles». O filme estreará em novembro próximo.



MARLENE CONTINUA EM FORMA

Marlene Dietrich, «a mais glamorosa das avós», voou de Nova York para Londres, para a «première» de «Depois do baile», o seu novo filme. Vemo-la na foto ao lado de Noel Coward, o grande teatrólogo inglês. Idade atual de Marlene: 52 anos, bem vividos e em plena forma.



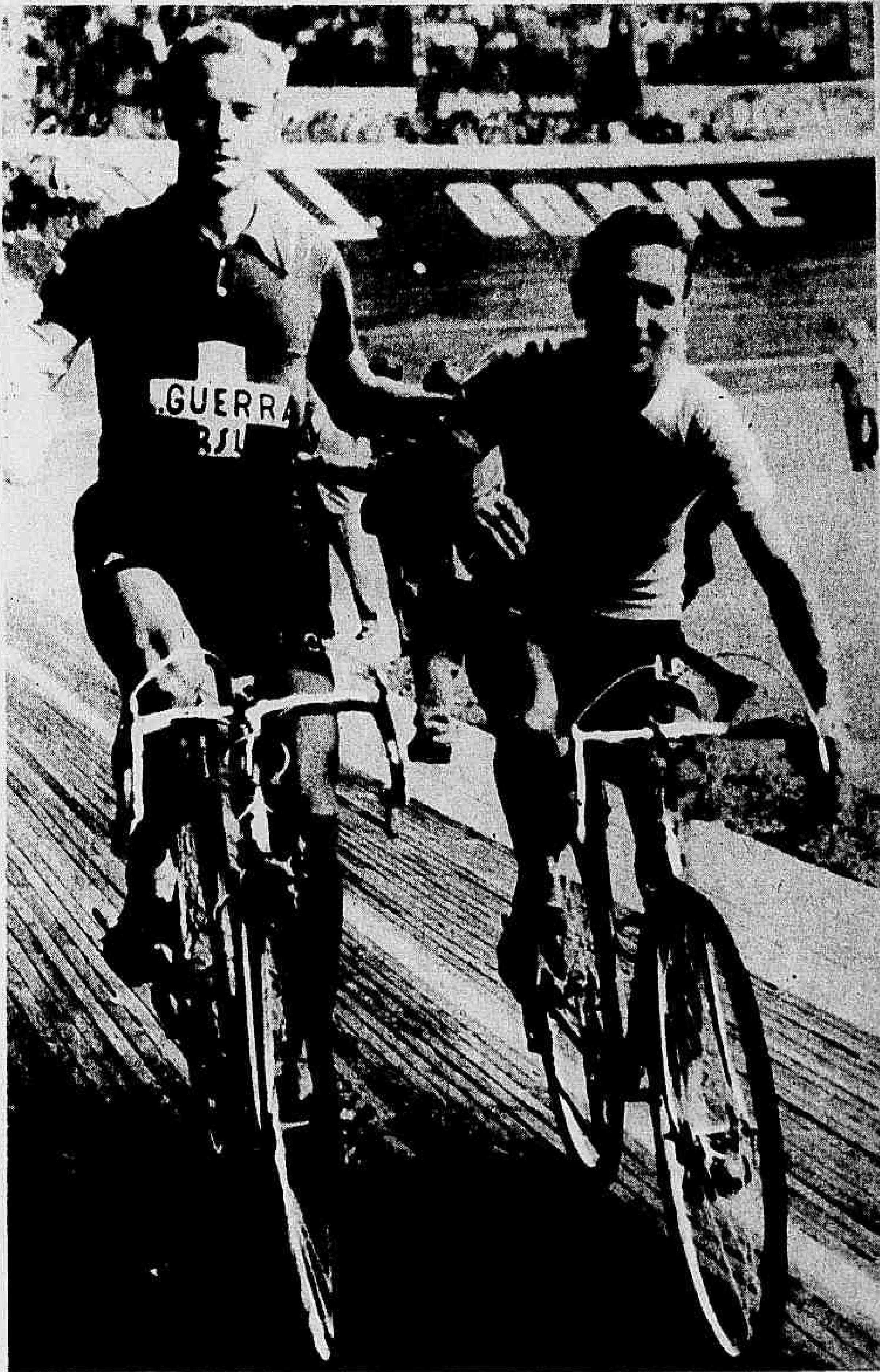
A GUERRA DESEMBARCARÁ DO CÉU

Agora vai ser assim: na hora da invasão, em vez de desembarcarem dos lanchões anfíbios, os soldados desembarcarão do céu, de bordo dêsse lanchão aéreo que a Marinha norte-americana está fabricando em série. Características: 80 toneladas e raio de ação de 3.200 quilômetros.



SANGUE EM BOGOTÁ

A foto, que talvez seja a mais sensacional do ano, foi apanhada em Bogotá, quando do último conflito entre universitários e soldados do Exército. Vêem-se perfeitamente vários estudantes mortos e feridos, bem como (no primeiro plano) um soldado mortalmente atingido.



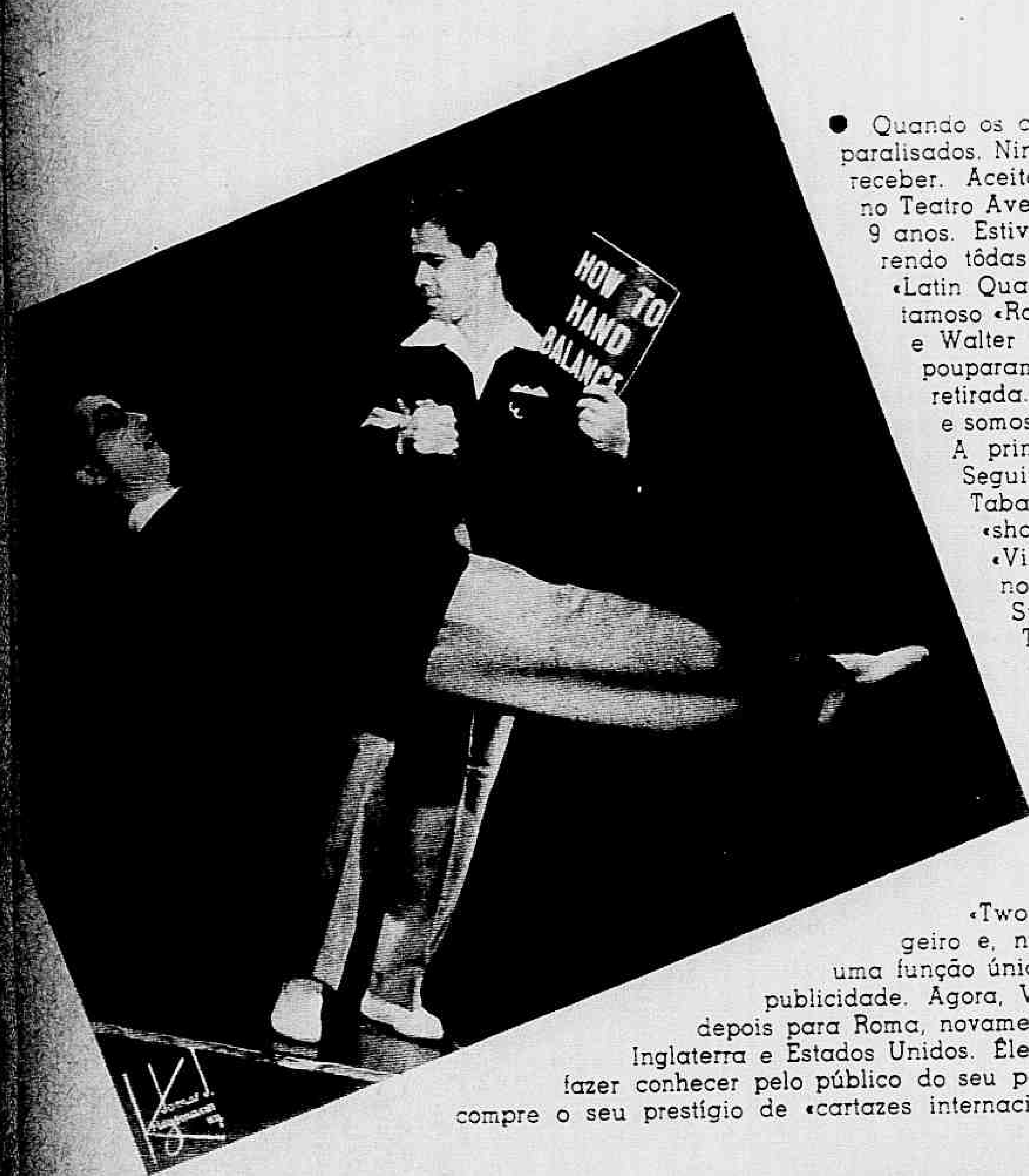
A SUÍÇA VOLTA A VENCER OS ITALIANOS

Depois dos 4 x 1 que botou a Itália fora da «Copa do Mundo», a Suíça volta a brilhar contra os italianos. Desta vez foi no ciclismo: na foto, Carlos Clerici, de Berna, ao chegar à última etapa do famosíssimo «Giro da Itália». Clerici tem apenas 19 anos e começou a correr aos dezessete.

FÔRÇAS BRASILEIRAS PARTEM PARA A EUROPA

AUSENTES 9 ANOS, VIC E ADIO VIERAM VISITAR A FAMÍLIA E PARTEM NOVAMENTE EM SUA «TOURNÉE» PELO MUNDO.

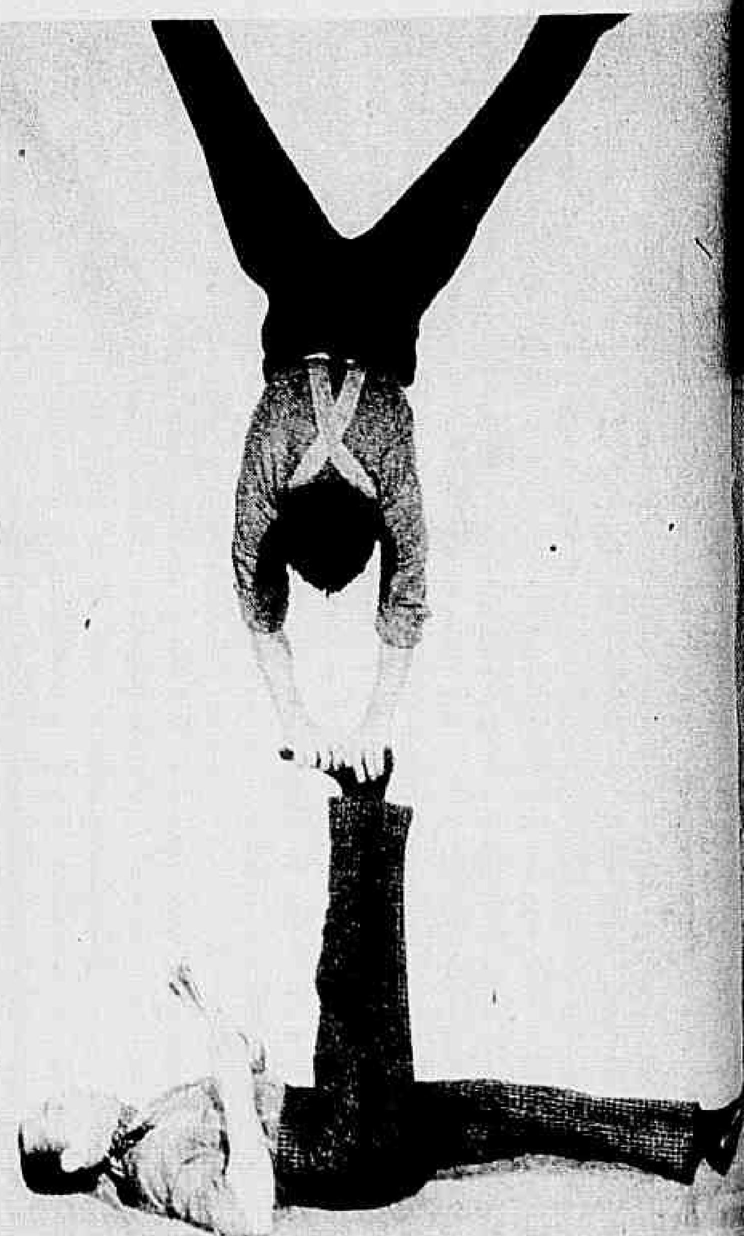
Texto de LUÍS SODRÉ



● Quando os cassinos fecharam, Vic e Adio (na época Vic and Joe), ficaram pràticamente paralisados. Ninguém podia lhes pagar (3.000 cruzeiros diários) o que o jôgo lhes permitia receber. Aceitaram então uma oferta para trabalhar em Buenos Aires, onde atuaram no Teatro Avenida e no Embassy. Foi o ponto de partida para uma excursão que duraria 9 anos. Estiveram no «Pátio» (México), e daí seguiram para os Estados Unidos, percorrendo tôdas as suas grandes cidades. Atuaram no «Paramount», «Roxy», «Riviera», «Latin Quartier», filmaram em Hollywood e foram aplaudidos por 7.000 pessoas no famoso «Radio City», num «show» onde figuravam o nome de Bob Hope, Ed Sullivan e Walter Winchel. Os mais conceituados cronistas teatrais dos EE. UU. não lhes pouparam elogios. Cinco anos de permanência nos States os obrigaram a uma retirada. «Do contrário — explicam — teríamos que nos naturalizar norte-americanos, e somos bastante brasileiros para que isso não acontecesse». Partiram para Europa. A primeira etapa foi vencida em Londres («Palladium», «Savoy Hotel», etc.). Seguiu-se Paris, onde permaneceram um ano no «Loide», deram funções no «Bal Tabarian», «Moulin Rouge», «Theatro Empire» e participação especial no grande «show» de Maurice Chevalier e Colette Marchand. Daí para a Espanha, no «Vila Rosa». Na Itália, estiveram no «Casina Dela Rosa», em Roma. Em Portugal, no «São Luís»; na Suiça, no «Casino Kusall de Lucerna»; na Bélgica, no «Boeuf Sur Léteile»; na Dinamarca, no «Hotel Ambassadeur»; na Suécia, no «China Theatre», e na Alemanha, no «Palladium», de Dusseldorf. Nove anos fora do país, recebendo um salário base de 1.000 dólares semanais (o dólar oscilante entre 30 e 50 cruzeiros). Vic e Adio têm agentes em Londres, Paris e Estados Unidos. Mostram-nos contratos e recortes do mundo inteiro. Estiveram aqui durante alguns meses, sem que um empresário sequer se dignasse convidá-los para uma apresentação ao «seu» público, o público brasileiro. Êles que saíram dos Estados Unidos, para não serem obrigados a uma naturalização, preferindo conservar a cidadania brasileira, continuam percorrendo o mundo e levando através de todos os países o dístico que acompanha os seus nomes nos letreiros luminosos: «Two boys from Brazil». São, evidentemente, embaixadores do Brasil no estrangeiro e, no entanto, aqui passaram despercebidos, dando, apenas e gratuitamente, uma função única no «Clube da Chave», diante de um público muito reduzido. Sem maior publicidade. Agora, Vic e Adio estão a caminho do «Casino de San Remo», na Itália. Seguirão depois para Roma, novamente no «Casino Dela Rosa» e daí para Veneza, no «Lido». Depois, Hamburgo, Inglaterra e Estados Unidos. Êles levam consigo uma mágoa: a mágoa de não terem oportunidade de se fazer conhecer pelo público do seu país, o que fariam de graça, porque hoje não há evidentemente dinheiro que compre o seu prestígio de «cartazes internacionais».







Vic e Adio são considerados os mais completos atletas equili



VIC *and* ADIO

"Two Boys From Brazil"

AT THE LONDON PALLADIUM

IN THE BOB HOPE BILL

"Brazilian hand-balancers Vic and Adio are the pick of a fine supporting bill."
(KEN SMITH, SUNDAY CHRONICLE)

"Vic and Adio prove that some human knees are made of cast iron!"
(HAROLD HOBSON, SUNDAY TIMES)

"Vic and Adio those truly amazing Brazilian balancers whose polish shines all through their act."
(KEN GORDON, WEEKLY SPORTING REVIEW)

"The cool and nonchalant Brazilian balancers Vic and Adio are outstanding among supporting acts."
(KEN HURREN, WHAT'S ON)

"Vic and Adio, wonderful Brazilian balancers."
(PAT MANNOCK, DAILY HERALD)

"Vic and Adio, "Two Boys from Brazil", perform impressive feats of strength."
(GEOFFREY TARKAN, MORNING ADVERTISER)

"Vic and Adio, hand-to-hand specialists, read magazines in the oddest positions, indulge in clean-cut bits and light a cigarette the hard way."
(THE STAGE)

"It was a treat indeed to see the intricate yet seemingly effortless hand balancing performed by those Brazilian exponents Vic and Adio, who also showed that, apart from these accomplishments, they might both do equally well as strong men."
(THE PERFORMER)

"Two boys from Brazil, Vic and Adio, did almost incredible feats of hand balancing while one of them calmly read a magazine."
(DAILY WORKER)

"The strength and appeal of Vic and Adio, a Brazilian hand-balancing team who have previously played this house, can be gauged from the fact that they have been lifted to more prominent billing and now close the first half of the show. Duo is one of the slickest acts of its type, and intricate and complicated stunts are performed with a convincing nonchalance and a strong touch of comedy. Their precision, timing, skill and agility earn them a well-deserved hefty mitt from an appreciative house."
(VARIETY, SEPTEMBER 10th 1952)

bristas do mundo

Muito antes de Dior e Fath

A MODA DE 1911 DEIXAVA OS HOMENS TONTOS

PAQUIN IMPERAVA, ABSOLUTO, E ATÉ LISBOA MANDAVA NA «LIGNE» ★ LITERATOS DA ÉPOCA OPINAM, DE OLHOS ACESOS, SÔBRE DECOTES, RENDAS E DEBRUNS.

(Desenhos de **J. Carlos**, cedidos por **Herman Lima**)

Reportagem de ENEIDA

A moda feminina sempre interessou aos escritores, artistas, costureiros, cronistas mundanos, senhoras em geral; sôbre isso não há dúvida. E porque êsse assunto vem de passadas eras, eis-me aqui apresentando aos leitores um documento de rara importância. Foi no feliz ano de 1911 que Bueno Monteiro, jornalista e poeta, redator de um jornal chamado «A Imprensa», promoveu uma **enquête** sôbre a elegância da mulher, ouvindo escritores de ambos os sexos, senhoras «bem», artistas de renome, poetas, professôres, etc. Foi tão grande o sucesso obtido pelas perguntas e respostas que Bueno Monteiro reuniu em livro seu trabalho. E' um volumezinho esguio, ostentando, na capa, uma elegante da época, desenhada por J. Carlos, o criador da «melindrosa»: senhora de enorme chapéu de plumas, vestido correndo até os pés, **boá** de arminho negligentemente jogada sôbre os ombros. Uma figura estranha neste momento atual, que com certeza fará rir nossas debutantes e provocará gritinhos joviais às meninas ainda longe do **debut**, mas esperando-o impacientemente.

Responderam ao jornalista: Gilberto Amado, Gaby Coelho Neto, Adelina Lopes Vieira, Nair de Tefé (a caricaturista Rian), Helena e Suzana Figueiredo, Joaquim Eulálio, Zulmira de Magalhães, Cotinha Novo, Madame Crysantheme, Julião Machado, J. Carlos, Sebastião Sampaio, Cecília M. d'Oliveira, Dario de Barros, Marques Pinheiro, Leal de Souza, Anita Pitanga de Almeida, Carlos Eduardo, Adelina Savart de Saint Brisson, Felipe d'Oliveira, Álvaro Moreyra, Calixto Cordeiro, Hermes Fontes, Abner Mourão, Aníbal de Matos e Ludgero Feital.

Escolhi entre os entrevistados os escritores de renome e dêles reproduzirei apenas os trechos julgados mais importantes. E' gostoso lembrar, neste cruel ano de 1954, cheio de miséria e fome e quando estamos todos empenhados na mais trágica das lutas para sobreviver, como pensavam, na juventude, os homens da inteligência brasileira.

«Que as senhoras e as senhoritas patrícias escrupulizam na prática da arte de bem vestir é fato incontestável como indiscutível é a intuição superior que, evidenciam, aceitando os figurinos de Paris e Londres, Madri e Lisboa, exclusivamente para os escoimar de inconveniências, amoldando-os ao uso de cá, conforme as nossas duas únicas acentuadas estações: verão e inverno". Assim diz Bueno Monteiro — e diz muitas coisas mais — explicando, em seu prefácio, as razões da publicação da **enquête** em livro. O leitor fará o favor de procurar as respostas que apresento numeradas nas perguntas que também numeradas vão.

GILBERTO AMADO



1) «Entendo-a na atitude, no gesto, no conjunto da expressão, por assim dizer, espiritual que cria na mulher uma feição inconfundível; uma mulher elegante, que o seja a completo, nunca parecerá com outra mulher elegante». E mais adiante: «A elegância é, portanto, divina e vale mais que a beleza, que é humana, nasce no físico, ao passo que a elegância nasce da inteligência».

2) «É evidente que há: pode haver elegância sem luxo e luxo onde falta a elegância». E depois: «Admirável é o luxo que é a moldura da elegância; abominável é o luxo que a desconhece ou exagera».

3) «Uma senhora elegante deve trajar com espírito, ou antes, deve trajar com perfeição, como as obras-primas da arte deveriam ser impressas: edições de luxo, edições leves, edições pitorescas, conforme a ocasião». Confessá: «não só absolvo como louvo os modelos alançados das «entravés», quando a derivação natural das curvas pela plasticidade flexuosa dos músculos permita êsse movimento fácil» . . . a «jupe culotte», que tanto escândalo tem feito, é uma moda que não se inspira no bom gôsto, mas no interêsse da mulher que aspira a liberdade de movimento dos homens.

NOTA: as saias chamadas «entravés» eram colantes, justíssimas, compridas e provocavam polêmicas como hoje as saias justas e curtas; maiores controvérsias ocasionavam as chamadas «jupes-culottes» ou melhor, as saias calças.

4) «Admiro muitas senhoras que não são elegantes, como leio muitos escritores que não sabem escrever.»

5) «A educação pode dar elegância à mulher que não a tinha de nascimento: são deliciosos êsses produtos torturados da arte, como flores de um cultivador.

ÁLVARO MOREIRA



Fartos cabelos despenteados num retrato de «pince-nez»; gravata borboleta, colarinho duro. Dêle diz Bueno Monteiro: «Um nervoso tipo de «gentleman» e de poeta de estranha individualidade. Dentro dos seus vinte e um anos, Alvaro Moreira conseguiu ser um velho filósofo que ama a vida», etc. Alvaro fêz acompanhar suas respostas de um bilhete que começa dizendo: «Não foi por perversa irreverência, Bueno Monteiro, que esperei até hoje — vinte e quatro de maio, dia patriótico de chuva e de parada — as respostas às cinco perguntas de tua «enquête» extravagantemente curiosa».

1) «Eu não entendo a elegância feminina. Nem sei desuni-la da beleza. Mas parece-me assim: a naturalidade de uma expressão eternamente nova, por linhas ao mesmo tempo desmanchadas e estáticas.»

2) «O luxo é a pirotécnica da riqueza e a riqueza, tu sabes, é apenas uma abundância farta de necessidades . . . Certa linda criatura, barulhenta de sêdas, esparramada de pedrarias, excita-me sempre a gula de vê-la nua, bem simplesmente.»

3) «Ora, eu te digo: para trajar-se, uma senhora elegante deve ter o desprêzo da moral . . . Porque a moral é desonesta». «. . . A senhora elegante que se vista ao jeito da mãe dos Gracos».

4) «Eu que muito acreditei e hoje acredito pouco na bondade e nas outras qualidades de uso interno, exijo, de comêço, elegância para raiz de admiração.»

5) «Infelizmente de comum, a elegância como os maus hábitos: piano, pintura, etc. provêm da educação. É a inferioridade triste que lhe encontro».

HERMES FONTES



A reprodução de sua cabeça em «crayon» ilustra suas respostas. Não há o nome do desenhista de traço primaríssimo; o poeta tem os olhos levantados para o alto, a bôca inexpressiva, cabelos raros. Chama Bueno Monteiro de poeta, fala em seu «acanhamento», no «mundo de pesquisas, cogitações, indagações subsidiárias que as perguntas sugerem». E diz mais: «Antes de entrar «do meritis» a responder os quesitos, devo adiantar-te que não compreendo a beleza sem a elegância».

1) «Não entendo a elegância como não entendo a beleza. Adivinho-a e sinto-a . . .» «A elegância suplanta, no amor moderno, a beleza, em 70% dos casos passionais» . . . «Vênus é o símbolo clássico da Beleza» . . . «Enfiemo-la num colête de estopa com talas de bambu e a Vênus que sonhamos é um estaferme andante» . . . «Não sinto nem compreendo a elegância de debras, recortes, babados e lantejoulas.»

2) «Luxo e elegância naturalmente se completam . . .» «A elegância é sensacional, absoluta, fulminante, vem do consórcio dêles.»

3) «Conforme. Só vendo. Ou, por outra, acompanhando discretamente certas modas e seguindo à risca, furiosamente, algumas.»

4) «Mundanamente, a elegância é virtude por excelência: a admiração deve, pois, começar por aí, a menos que o aperfeiçoamento dos raios X nos leve a entever a beleza da alma antes das graças do corpo.»

5) «O porte, o «maintien», a graça, o andar, o saleio, êsses sutilíssimos predicados que dão às moças da Avenida o encanto dos passarinhos.»

As perguntas:

1) Como entende V. Excia. a elegância feminina?

2) Há diferença entre a elegância e o luxo?

3) Como se deve trajar uma senhora elegante?

4) E' indispensável uma senhora ser elegante para ser admirada?

5) A elegância é predicado natural ou é conseqüência da educação?

As respostas:

O primeiro a ser ouvido foi Gilberto Amado. Como ao lado das respostas vem sempre o retrato do entrevistado, temos Gilberto Amado jovem, com um alto chapéu de fêltro jogado para trás, gravata borboleta e o atrevido perfil. No momento em que Bueno Monteiro aproximou-se de Gilberto Amado (conta êle) o romancista, poeta e embaixador diz «coisas de D'Anunzio aos palestrantes».

FELIPE D'OLIVEIRA



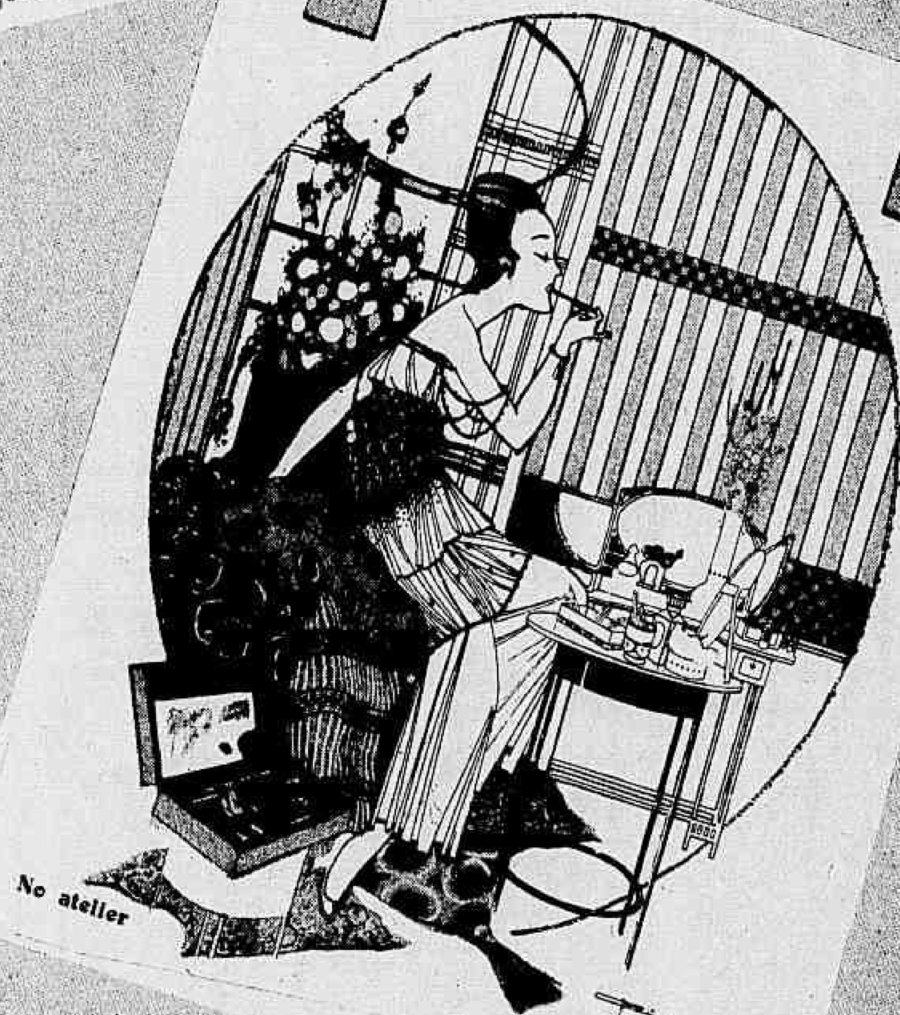
Grande chapéu desabado destacando-se uma larga fita; seu colarinho é duro, sua gravata comum. Mesmo num retrato antigo, o poeta Felipe d' Oliveira é um belo homem. Êle não respondeu metòdicamente às perguntas. Escreveu o que pensava do assunto em forma epistolar, começando assim: «Eu, mundano e de fraque, conservo uma admiração furiosa por aquela serpente de bom humor e de bom gôsto que, na quietude paradisíaca do pomar primitivo ensinou à ilustre Eva, com uma previsão bíblica do «sans dessous», a elegância pudibunda do seu avental de clorofila e fibras, cortado e alinhavado numa só parra». Acha a elegância feminina «uma qualidade alheia à mulher e a ela revelada, primeiro pela cobra do Paraíso e, alguns anos mais tarde, pelos «tailleurs chez Paquin». Para Felipe, «a mulher é um gêsso maleável que nós, os artistas e os sensuais modelamos ao sabor das nossas impressões sensitivas e das nossas necessidades estéticas». Acha Felipe d'Oliveira que «o luxo é a quintessência da elegância», fala em Salomé, Belkiss e Salambô «para não citar Cleópatra «dont le nez m'a toujours êmbeté»; considera a «elegância um artifício que requinta sob a influência do meio» e termina sua carta assim: «. . . tão interessante investigar como deve «melhor vestir-se» uma sociedade profundamente preocupada em descobrir os processos de «melhor despir-se».

NOTA DO REPÓRTER: Felipe d'Oliveira era considerado, na sua época, o protótipo da elegância masculina. Hoje fatalmente estaria incluído no rol do Ibrahin Sued.



AS CÉLEBRES TAREFAS

— Coitado!... Não imaginas como êle anda abalado. Além disso, tem trabalhado muito, fazendo a sua defesa contra as calúnias dos jornais que lhe atribuem grandes negociatas na Estrada de Ferro.
— Agora percebo. Êle anda muito atarefado.



No atelier



A CRIADA NOVA

— A minha patroa costuma jantar antes do almôço?
— Você está doida?... Que pergunta?
— E' que, na casa onde eu estive, jantava-se primeiro. O almôço era às 11 horas do dia seguinte.

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL
OUÇA

José Mauro

"O COMENDADOR E A MÚSICA"

segundas, às 21,30

★

"COMÍCIO DE ESTRÊLAS"

Araci de Almeida, Isaura Garcia, Inezita Barroso, Neyde Fraga, Elsa Laranjeira, Ester de Sousa

têrças, às 21 horas

★

Almirante

"VIVA O SAMBA"

às 21 horas

★

Gilberto Martins

"EM BUSCA DO TESOURO"

com Elizete Cardoso

domingos, às 20 horas

novos programas da

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

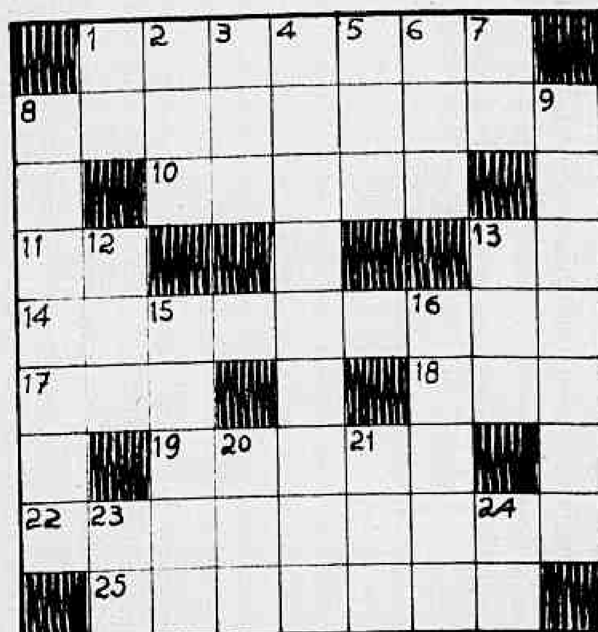
ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 22

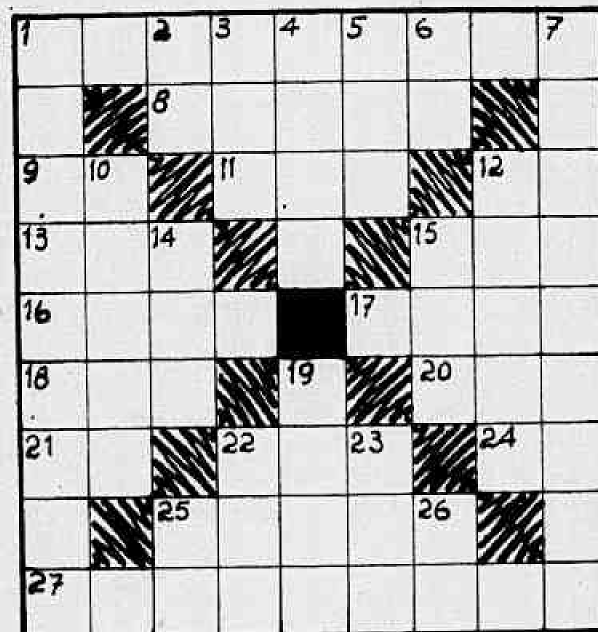
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Doente de ancilostomíase — 8. Iniciador, mentor — 10. Pessoa que chora fàcilmente (pl.) — 11. Distinção — 13. Interjeição de chamamento — 14. Aquêles que não dormem — 17. Planta da família das Leguminosas - Papilionáceas — 1. Veste usada pelos guerreiros da ilha de Timor — 19. Ocultei — 22. Terra misturada de areia (pl.) — 25. Elegantes.

Verticais: — 1. Interjeição de espanto — 2. Vigésima terceira letra do alfabeto grego — 3 Palavra tupi-guarani que significa pedra, metal, etc. — 4. Que corre abundantemente — 5. Pimenta de Caiena — 6. Contração plural — 7. Rei de Basan — 8. Replantação de uma roça de mandioca — 9. Que revela falta ou esquecimento (pl.) — 12. Poder dispor — 13. Interjeição de animação — 15. Deitei abaixo — 16. Relativo à moral — 20. Oásis do Saara Central — 21. Décima sétima letra do alfabeto russo — 23. Símbolo do rádio — 24. Artigo plural.

PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. Nascida na América — 8. Opulentas — 9. Artigo plural — 11. Relação — 12. Variação do pronome eu — 13. Despida — 15. Conceder — 16. Chicote feito de uma só tira de couro — 17. O mesmo que iri — 18. Lavra — 20. Gemidos — 21. De a — 22. Época — 24. Pessoa exímia — 25. Suspende, alça — 27. Relembrar.

Verticais: — 1. Objeto com que se faz ponta de lápis — 2. Sufixo verbal — 3. Escarnecer — 4. O mesmo que icozeiros — 5. Óxido de cálcio — 6. Artigo feminino plural — 7. Pousar no mar (o avião) — 10. Transpirara — 12. Nome de mulher — 14. Fileira — 15. Vinte quatro horas — 19. Comboio de estrada de ferro — 22. Pronome pessoal — 23. Pai do pai — 25. Preposição — 26. Brisa

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 21

PARA VETERANOS

Horizontais: **amã — aba — numular — Ar — minora — A.C. — liga — Jim — Riu — Anas — an — adatis — ai — marambá — asa — cai.**

Verticais: **agá — an — alogia — baraúna — Ara — um — mil — unir — rajadas — cinara — mata — sim — ama — Sb — ira — ac.**

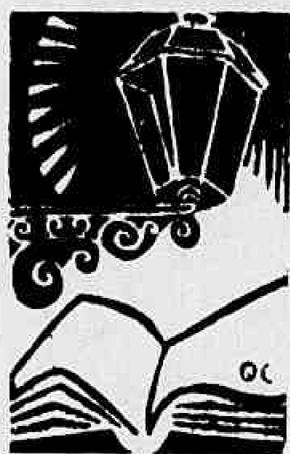
PARA NOVATOS

Horizontais: **má — mal — ar — ária — eira — reino — ara — itauá — ri — Om — arara — uma — amada — crer — mimo — ao — ala — ás.**

Verticais: **má — arar — mar — leito — arou — Ra — inamu — ei — áia — arame — ama — irara — raro — ad — mama — am — cá — os.**

DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS

OTTO SCHNEIDER



Até que enfim temos um bom dicionário inglês-português, digno de ser consultado em casos que transcendem o nível escolar! Elaborado por Leonel Valandro e Lino Valandro, e lançado recentemente pela Editôra Globo, o «Dicionário Inglês-Português» tem 1.135 páginas, formato 23 por 16 cm, e nêle constam cêrca de 60 mil verbetes, explicados e exemplificados, inclusive numerosos têrmos técnicos e científicos, um vocabulário de nomes próprios, um estudo sôbre a pronúncia e 25 páginas de noções fundamentais da língua inglêsa.

Cada verbete compreende as seguintes partes: título, pronúncia figurada e classificação gramatical com a divisão por categorias gramaticais. Essas divisões contêm: flexões, parte explanatória (traduções portuguêsas da palavra tratada, explicações, exemplos, compostos, locuções e frases). Finalmente, os derivados e cognatos que não requerem interpretação especial.

Basearam-se os autores no «Webster Collegiate Dictionary» e no «Concise Oxford Dictionary of Current English». Referência especial merece também a parte gráfica do dicionário. A escolha e emprêgo das diversas famílias de tipos facilitam a procura do verbete, e a leitura das explicações e locuções.

Vamos tirar o chapéu diante dos dois Valandros: fizeram um bom dicionário!



Damos, ao lado, a reprodução do busto do emérito historiador, prof. Luís Gastão d'Escragnolle Dória, de autoria do escultor Zani, que será erigido numa das praças públicas da Cidade do Rio de Janeiro. O prof. Escragnolle Dória, não sòmente como colaborador da REVISTA DA SEMANA, mas também como mestre no Colégio Pedro II, teve ensejo de demonstrar aos alunos e ao mundo intelectual brasileiro, seus profundos conhecimentos de História Pátria.

A Comissão que tomou a iniciativa de prestar esta justa homenagem, se compôs dos seguintes senhores: Eugênio Vilhena de Morais, George Sumer, Alexandrino Agra, Nelson de Sousa Lima, Francisco Gomes de Maciel Pinheiro, João Batista de Melo e Sousa, Edgard Ribeiro Bastos, Alberto Lima, Osvaldo de Sousa e Silva.

O «Livro de Ouro», encontra-se com o sr. Botelho à disposição dos interessados na Livraria Francisco Alves, à rua do Ouvidor.

«GRACILIANO RAMOS»

Em segunda edição, com capa desenhada por Armando Pacheco, encontra-se nas livrarias o ensaio crítico psíquico «Graciliano Ramos», de H. Pereira da Silva. «Escritas e publicadas quando Graciliano Ramos vivia, não literàriamente como hoje, mas antes da sua morte, nisto consiste o mérito destas páginas. Nossas afirmações sôbre a personalidade psíquica, biográfica e literária do escritor, em muitos passos, as formulamos em primeira mão, revelando assim, ainda em vida, facêtas pouco compreendidas de um espírito que a morte ampliaria aos olhos um tanto míopes dos que, embora o apreciando, não viram a importância exata da sua contribuição no romance nacional». H. Pereira da Silva é autor também de «A Megalomania Literária de Machado de Assis» e publicará em breve «Retrato Psíquico de Balzac». Conhecido crítico de arte, lançou há cêrca de um ano «A Função do Inconsciente nas Artes Plásticas» e «Arte, Povo e Elite». A presente segunda edição do ensaio crítico-psíquico «Graciliano Ramos» saiu na apreciável tiragem de 3.000 exemplares.

O GÔSTO DA VIAGEM



«Viajo porque gosto de viajar — escreve Somerset Maugham. — Gosto dessa sensação que nos dão as viagens, de estarmos livres de quaisquer responsabilidades. Gosto de encontrar gente que nunca encontrarei de novo. Ninguém se aborrece de uma pessoa a quem só viu uma vez na vida. É interessante conjeturar que tipo de gente é, e compará-la com outras do mesmo tipo que encontramos antes. E tal como às vêzes vemos certos efeitos de luz que já conhecíamos pelos quadros de certo pintor, assim toparemos com pessoas já encontradas nas páginas de um livro».

COLEÇÃO SÍLVIO ROMERO



O editor José Olímpio acaba de reunir, numa só coleção de oito volumes, a «História da Literatura Brasileira» e «Contos Populares do Brasil» — verdadeiro manancial para os estudiosos das letras brasileiras e do folclore nacional. Amplamente anotados por Luís da Câmara Cascudo e ilustrados por Santa Rosa, os «Contos Populares do Brasil» compreendem três tomos: Romances e Xácaras — Versos Gerais, Orações e Parlendas — e Contos de origem européia, contos de origem indígena e contos de origem africana e mestiça. Nelson Romero, filho de Sílvio Romero, conhecido professor e humanista, acompanhou de perto o preparo dessa nova edição. Merecem particular destaque as notas e esclarecimentos do folclorista Luís da Câmara Cascudo: — «Notável é que Sílvio Romero, devoto de livros e da ciência oficial do tempo, amigo de Tobias Barreto, fôsse preferir estudar a ciência do Social através do Folclore que era apenas uma curiosidade e uma pilhéria para a inteligência da época». O feitio gráfico dêstes oito volumes, ricamente encadernados, em nada fica a dever aos melhores livros europeus ou americanos.

NOVO ROMANCE DE DAPHNE DU MAURIER



Autora de 18 livros, entre os quais "Rebeca", Daphne du Maurier (46 anos) acaba de publicar mais um romance: "Mary Anne". De sabor histórico, e passado na Inglaterra, o novo livro de Daphne du Maurier provàvelmente em breve vai figurar na lista dos "best-sellers" e deverá ser filmado, a exemplo de vários de seus livros anteriores. Ainda está na lembrança de todos o sucesso de "Rebeca", como romance e como filme.

EM POUCAS PALAVRAS

- O jovem poeta e ensaísta Osvaldino Marques («Usina do Sonho») está arrumando as malas para fazer um curso universitário na Inglaterra.
- Há grande interêsse em tôrno do próximo aparecimento (Editôra Nacional) das «Miniaturas de Machado de Assis», por Otávio Mangabeira.
- Herberto («O Cascalho») Sales juntou num volume uma série de notas e impressões de leitura. Título: «Baixo Relêvo».
- Orígenes Lessa, que êste ano aparecerá com um novo romance: «Rua do Sol», escreveu uma comédia que está sendo lida por Procópio.
- Ricamente ilustrado por Gipson de Freitas, Wilson Rodrigues apresenta «Pai João Menino».
- Nas livrarias «O Ponei Vermelho», novela de John Steinbeck. Trad. de Regina Brandão. Ilustrações de Helena Maia. Edição Revista Branca.
- Mais um volume da série Grandes Vultos das Letras: «José de Alencar», por Hernani Donato. Edições Melhoramentos.
- «Nós e a Música», de Friedrich Herzfeld, edição de Livros do Brasil, de Lisboa, está sendo distribuído pela Editôra Globo.
- «Guia Turístico da Cidade de S. Paulo», com quase 200 páginas e muitos mapas coloridos. Edições Melhoramentos.
- Em oitava edição «A Bagaceira», de José Américo de Almeida. Capa de Luís Jardim.
- Aguarda-se para breve «Tempo de Espera», contos de Ricardo Ramos, e «Cão da Madrugada», crônicas de Eneida. Edição José Olímpio.



DINO GRANDI INTERVÉM NO

O EX-MINISTRO DO EXTERIOR ITALIANO E EX-EMBAIXADOR DA ITÁLIA EM LONDRES (NO PRINCÍPIO DA GUERRA) ESCREVE DE SÃO PAULO TAMBÉM NEGANDO A AUTENTICIDADE DOS DOCUMENTOS QUE ESTÃO APAIXONANDO A OPINIAO PÚBLICA ★ MUSSOLINI E CHURCHILL SE ODIAVAM MORTALMENTE.

Reportagem de FRANZO ZAROLLI

MAIS se aprofundam as diligências do sr. Mario Toscano, funcionário graduado do Ministério das Relações Exteriores da Itália, e mais se evidencia a impostura do «dossier» em mãos de De Toma, o ex-tenente da Guarda Republicana que agora está passando como possuidor de documentos sensacionais que teriam pertencido a Mussolini. Toscano não se limitou, apenas, a um exaustivo trabalho de pesquisa caligráfica, para o qual contou com a ajuda dos mais credenciados peritos europeus. Foi além, procurando ouvir a palavra de todos os personagens direta ou indiretamente citados no «dossier» revelado por De Toma. O primeiro que se manifestou a respeito foi Winston Churchill: categoricamente, o «premier» britânico afirmou a completa falsidade dos documentos, aos quais classificou de «grosseira impostura». Outro chamado ao debate, sir Percy Lorraine, ex-embaixador inglês em Roma durante os primeiros anos da última guerra, igualmente citado, por várias vêzes, reforçou o desmentido de Churchill, declarando: «O que há de verdadeiro em tôda essa história já foi publicado por sir Winston Churchill no primeiro volume de sua «História da Segunda Guerra Mundial».

O DEPOIMENTO DE GRANDI

Paralelamente a êstes dois, um outro depoimento, valioso e capital, vem comprometer ainda mais a engenhosa papelada de De Toma. Trata-se do depoimento de Dino Grandi, ex-ministro do Exterior italiano e ex-embaixador da Itália em Londres. Dino Grandi foi um dos «gerarcas» fascistas que planejaram e levaram a efeito o golpe de 25 de julho de 1943, que derrubou Mussolini. Grandi conseguiu, juntando-se aos aliados, escapar à hecatombe do regime fascista, e hoje é, em São Paulo, um pacato homem de negócios e consultor jurídico de capitães de indústria. O seu escritório fica na

Mussolini



O DEBATE

rua Sete de Abril, no coração da capital paulista, e é, atualmente, um ponto de encontro de importantes figuras que estiveram ligados ao regime fascista que a guerra fulminou.

Por várias vêzes, Grandi é citado no «dossier» em mãos de De Toma, e o próprio semanário «Oggi», de Milão, que divulgou uma grande **parte dos documentos agora sob suspeição**, deu à publicidade, com todo estardalhaço, uma carta que o ex-ministro do exterior teria escrito a Mussolini e na qual sugeria, como medida sábia, o completo afastamento da Itália da guerra que ameaçava alastrar-se por tôda a Europa. Interpelado por Toscano, Grandi foi também categórico; e numa carta escrita de São Paulo, e datada do dia 1º de janeiro último, refutou completamente (v. fac-simile na página ao lado) tudo o que a seu respeito diz ou informa o famoso «carteggio» sob a guarda de Enrico De Toma. «Os documentos são absolutamente falsos», afirma êle, num depoimento que, logo que foi divulgado na Itália, comprometeu sèriamente a posição do audacioso ex-tenente da Guarda Republicana.

ERROS VULGARES COMPROMETEM O «DOSSIER»

Mas além de todos êsses depoimentos, os peritos chefiados por Mario Toscano se baseiam em vários outros pontos para decretarem a falsificação dos documentos divulgados por De Toma. Um dêsses pontos, e talvez o mais importante, refere-se às varias incorreções ortográficas encontradas nas cartas, escritas em inglês, de Churchill a Mussolini. Erros infantis que jamais poderiam ser encontrados na correspondência, oficial ou privada, de um chefe de Estado a outro. Numa das cartas atribuídas a Churchill, por exemplo, encontra-se datilografado um «tha» em vez de «that», e, noutra, um «thi» em vez de «this». Erros assim, tão clamorosos, põem abaixo por completo tôda a habilidade com que foi com-

No dia 30 de abril de 1945 Mussolini e sua comitiva eram aprisionados nas proximidades de Como, quando tentavam fugir para a Suíça. Fuzilados sumàriamente pelos «partigiani», tiveram todos, no dia seguinte, os seus corpos dependurados num pôsto de gasolina da Piazza Loretto. Foi nessa data que desapareceram os famosos «documentos» secretos do «duce».

STUDIO GRANDI

SÃO PAULO

São Paulo 1 gennaio 1954

Prof. Mario Toscano
Ministero Esteri
Roma

Ho preso visione delle copie di documenti o presunti documenti sottoposti al mio esame, consistenti nel cosidetto carteggio Mussolini-Churchill, e precisamente di: lettera in data 7 aprile 1940 da Londra di W. Churchill al sottoscritto; lettera in data 11 aprile 1940 del sottoscritto a Mussolini; lettera di Mussolini al sottoscritto in data 15 aprile 1940;

lettera di Mussolini a Churchill in data 16 aprile 1940; lettera del sottoscritto a Mussolini in data 27 aprile 1940 con allegato progetto di accordo tra Italia e Inghilterra; lettera di Churchill a Mussolini in data 22 aprile 1940; lettera di S.M. il Re Vittorio Emanuele III a Mussolini in data 2 maggio 1940; lettera di Mussolini a Churchill in data 5 maggio 1940; lettera di S. Maestà il Re Vittorio Emanuele III al sottoscritto in data 16 maggio 1943; lettera di Mussolini a Churchill in data 21 aprile 1945; autografo di Mussolini, senza data, intitolato "disposizioni per il carteggio"

Dichiaro che i documenti in data aprile-maggio 1940, nonchè la lettera di S.M. il Re Vittorio Emanuele III al sottoscritto in data 16 maggio 1943, sono assolutamente falsi e per giunta grottescamente inverosimili, come si rileva immediatamente da chi abbia conoscenza della lingua inglese, degli usi diplomatici, dei rapporti protocollari che intercorrevano tra l'Augusto Sovrano e i suoi Ministri ed Ambasciatori.

Non sono in grado di esprimermi sui documenti in data 1945 e precisamente sulla lettera di Mussolini a Churchill in data 21 aprile 1945

e "disposizioni per carteggio".

Cordiali saluti

Dino Grandi

Dino Grandi, interpelado por Mario Toscano, do Ministério do Exterior da Itália, escreve de São Paulo dando sua opinião sôbre o «dossier De Toma». Nega êle a sua autenticidade. Entrementes, vai se complicando cada vez mais a situação de De Toma, acusado de falsário e impostor.



Dino Grandi, numa foto recente, numa solenidade em Roma. Grandi (que se encontra novamente na Europa) reside oficialmente em São Paulo, onde dirige um escritório (na rua 7 de Abril) de Direito Internacional e Comercial. Representa igualmente no Brasil firmas industriais italianas.

posto o «carteggio» em mãos de De Toma, esmagando inclusive o cuidado, verdadeiramente genial, com que foi imitado o inconfundível estilo de Churchill. Não fôssem tais descuidos, por parte dos imitadores, e durante ainda muito tempo os documentos divulgados por De Toma, apesar mesmo dos vários depoimentos autorizados que os desmentem, estariam na berlinda, servindo de especulação às duas correntes que os aceitam como autênticos ou os repelem como falsos.

MUSSOLINI DETESTAVA CHURCHILL

Outra parte do «carteggio» de De Toma que os peritos ressaltam, como endôsso à sua opinião de que os documentos são falsos, diz respeito ao tratamento que, na correspondência de 43 e 44, Churchill dispensa a Mussolini. O «premier» vitorioso refere-se ao «duce» derrotado, subscrevendo-se «amigàvelmente» ou «respeitosamente» — tratamento elegante e quase fraternal que, naquela época, seria inteiramente impossível. Na verdade, Churchill e Mussolini nunca se deram bem. Em 1935, quando da guerra ítalo-abissínia, Churchill foi um dos que mais se bateram, no parlamento londrino, a favor das sanções econômicas contra a Itália, a nação agressora. Mussolini nunca esqueceu isso, e a explosão da segunda guerra mundial foi o pretexto para que o chefe do fascismo desencadeasse contra Churchill tôda uma tempestade de insultos e de referências as menos lisonjeiras. Churchill, por seu lado, revidou à altura — e êsse torneio de desaforos entre os dois chefes de govêrno durou tôda a guerra. Ora, não seria possível, portanto, que, vitorioso, Churchill se inclinasse afetuosamente para o seu velho inimigo, agora derrotado, e o cumulasse de atenções e cuidados. Êste um dos pontos mais fracos do «dossier» De Toma.

Quanto a sir Percy Lorraine, ex-embaixador inglês junto ao govêrno de Roma, foi claro quando, respondendo à interpelação de Mario Toscano, afirmou:

«Nunca ouvi falar, nem de fonte britânica, nem de fonte italiana, de qualquer troca de cartas entre sir Winston Churchill e o senhor Mussolini a respeito da possibilidade de um acôrdo secreto entre o Reino Unido e a Itália. E muito menos entre Mussolini e qualquer outro estadista britânico». E termina:

«Tôdas as circunstâncias, portanto, me induzem à conclusão de que os documentos dos quais me foram mostradas cópias dactilografadas não passam de falsificações. Sir Winston Churchill publicou no segundo volume, às páginas 107 e 108, do seu livro «A Segunda Guerra Mundial», o texto de sua mensagem ao senhor Mussolini do dia 16 de maio de 1940, bem como a resposta do sr. Mussolini, datada do dia 18 de maio de 1940. Poderia ser útil acrescentar que ambas as mensagens foram transmitidas por meu intermédio».

E assim a história chega ao seu «climax». De Toma, acusado de impostor, redargue reafirmando a autenticidade do seu «dossier». Mas os peritos são irremovíveis na afirmação de que a impostura é um fato e de que os documentos revelados são, apenas, obras-primas de falsificação, de habilidade e de engenho. Esperemos pelo capítulo final — se é que nesta história tôda possa haver um fim.



Grandi num retrato na época em que era ministro do Exterior da Itália, antes da guerra. Em 1943, quando da conjuração do 25 de julho que derrubou Mussolini, êle foi um dos que se voltaram contra o «duce». Mussolini pôs a sua cabeça a prêmio.

Não custa falar... Não custa tentar...

TEDDY

● Perdoem os leitores desta coluna, brasileiros que são na maioria (como o cronista), se êste volta a tratar do cinema nacional. É que não passa um dia sem que uma notícia nova ponha esperança na alma sentimental de quem ainda não cansou de acreditar nos outros e de ter esperanças na troca de um panorama que se apresenta deveras desolador. Da fase agitada que começou com a chegada ao Brasil de Alberto Cavalcânti, criação da Vera Cruz, projeto do Instituto Nacional do Cinema, Congresso do Cinema Brasileiro e desenvolvimento rápido da indústria cinematográfica em São Paulo, até ao silêncio desesperador dos dias que correm, vai um tempo longo, vivido sob emoção e acalentado pela esperança que é mesmo, queiram ou não os que desacreditam das coisas tolas da vida, a última que morre... Para uns já morreu o cinema brasileiro. Para nós êle é uma esperança constante e morrerá por último. Jamais morrerá enquanto existirem certos homens cujo idealismo é sempre bom lembrar para exemplo dos que nêles não acreditam porque com êles jamais conviveram.

Fecha-se a Vera Cruz, esfacela-se a Multifilmes, a Atlântida faz seu cinema doméstico enquanto no cinema brasileiro ouve-se apenas o lamento de meia-dúzia que não se convence (porque é mesmo impossível) com a realidade. O Senado dormita sôbre o projeto do Instituto Nacional do Cinema, e Alberto Cavalcânti, cansado como nós, de esperar tempos melhores, viaja para a Rússia, rumo a outro Continente de ambiente menos tenso e paisagem mais animadora. Perdem-se nos cafés as boas idéias da gente que acredita no cinema brasileiro. Se êles representassem realmente alguma coisa para os políticos à procura de votos, talvez êsses se interessassem pela sorte daquilo por que e para quem vivem as vinte quatro horas de seus dias vazios: o cinema brasileiro.

Não custa, porém, falar mais uma vez. Não custa tentar dizer pela imprensa aos homens do Govêrno, que é preciso mudar a ordem das coisas e fazer dessa indústria uma das mais poderosas. Êles farão o resto, se quiserem...



Danny Kaye — cujo último filme «Cabeça Oca» destina-se a sucesso entre nós — aparece no aeroporto de Los Angeles brincando (!) com a aero-moça que fêz questão de acompanhá-lo até o avião que conduziu o ator até New York para outros compromissos artísticos. Danny aproveita todos seus momentos para divertir-se... divertindo os demais!

MEXERICOS

★ Parece que Frank Sinatra e Ava Gardner não conseguirão mesmo encontrar solução para seu caso conjugal que tanto interêsse vem despertando entre os fãs. Os dois estão mesmo «zangados» um com o outro e dificilmente voltarão às boas. Para os mexeriqueiros de Hollywood a coisa tem um rumo só: divórcio!

★ Diana Lynn quando estêve na Europa apaixonou-se realmente, e voltaria para lá não fôsse um contrato para filmar ao lado de Robert Mitchum. Ela aceitou fazer «Track of the Cat», em cujo elenco está o «brôto» Tab Hunter.

★ John Wayne vem tomando aulas diárias de esgrima para seu papel em «The Conqueror», do qual participa o «astro» mexicano Pedro Armendariz.

★ Desde 1937 Vincent Price está no cinema e tem assim um motivo forte para sentir-se cansado. Pretende tomar férias, se o estúdio permitir. Isso é difícil, porque atores como Price existem poucos, e os papéis para êle não faltam, mês após mês...

★ Aldo Ray e Jeff Donnell já formaram um dos casais mais felizes de Hollywood, mas agora estão separados outra vez. A felicidade de ambos chegou a ser invejada pelos colegas, porém tudo que é bom dura pouco, assim parece... mesmo em Hollywood!

★ Bob Hope tomará férias quando terminar sua temporada na televisão. A Paramount tem vários argumentos para Bob à espera que êle possa filmar outra vez. Falta tempo...

FLASH EUROPEU

ROSSELINI FOI A LONDRES

O dinamismo de Roberto Rosselini é ponto pacífico. O marido feliz de Ingrid Bergman viajou para Londres com a missão de escolher os artistas que participarão de «Jeanne au Boucher», peça teatral que será apresentada em palcos londrinos. Sabe-se também que Rosselini aproveitará a visita para estabelecer contato com os estúdios britânicos, sendo provável que o famoso diretor venha a realizar um filme na Inglaterra, contando, naturalmente, com Ingrid Bergman para o principal papel feminino.

GANHOU O GRANDE PRÊMIO

No Brasil o nome de Claude Autant-Lara projetou-se quando foi exibido o seu filme «Adúltera», cuja interpretação maior ficou por conta do talento excepcional de Micheline Presle. Autant-Lara continuou filmando e vem de conquistar agora o Grande Prêmio do Cinema Francês com «Blé en Herbe», apresentado no último Festival de cinema de São Paulo. Autant-Lara agradeceu o prêmio recebido com uma promessa formal: realizar outros filmes verdadeiramente bons. Com o seu talento (evidente) será muito fácil.

RITA IRIA PARA A ITALIA

Apesar de seu espôso atual, Dick Haymes haver conseguido uma trégua no rumoroso processo de deportação, Rita Hayworth, visìvelmente desgostosa com as constantes ondas (maldosas, sempre) contra sua pessoa e sua carreira, está resolvida a dizer adeus aos Estados Unidos. Pensou muito e concluiu que deverá encerrar seus dias na terra da arte: Itália. Filmará nos estúdios italianos, é bem provável. Se não o fizer, Rita cuidará dos filhos e do marido, vivendo de suas recordações...

FLAGRANTES

● **Até os animais são temperamentais em Hollywood! No «set» de «Francis Join the WACS», na Universal, o diretor Arthur Lubin tentou durante três dias filmar uma cena entre o chipanzé Bonzo e a mula Francis, mas os dois animais não se suportam e a coisa acabava sempre em briga! Resultado: a cena será filmada separadamente e depois unida no laboratório...**

● **Sôbre o papel de Marilyn Monroe no filme «Como Agarrar um Milionário», Bob Hope disse que conhece uma porção de milionários que gostaria de saber «como agarrar Marilyn Monroe»...**



Veterano ator do cinema de Hollywood, como tantos outros colegas, George Raft fêz sua incursão pelos estúdios europeus onde filmou «Aventura na Algéria», tendo como «estrêla» a lindíssima Gianna Maria Canale, agora firme em Hollywood. Raft, como sempre, compenetrado...

CINEMA BRASILEIRO

Afirma-se que «O Caçador de Esmeraldas» será feito por Luís Flávio Faro. Se tal acontecer êle será mais um bandeirante do cinema nacional...

★

Cyll Farney viajará para a Alemanha é o que dizem nas rodas do cinema brasileiro. O ator da Atlântida filmará partes da versão européia de «Amor Selvagem». Vanja Orico também vai.

★

Fernando de Barros não pára de fazer projetos objetivando próximas realizações. Êle acredita no cinema nacional e não se deixa tragar pelo pessimismo. Tem em seus planos atuais a filmagem de «Arara Vermelha», extraído do romance de José Mauro de Vasconcelos. O filme utilizaria o processo colorido para maior realce de suas imagens.



Quando os brasileiros assistirem «Piovuto Dal Cielo», título original da comédia italiana na qual Renato Rascel, novo «astro» do gênero tem papel destacado, vão aplaudi-lo como grande revelação do cinema. No flagrante, Renato Rascel e Cecile Aubry em um dos momentos da película cujo argumento foi escrito por Zavattini.

Flash Paulista

HÉLIO ABREU

O DIRETÓRIO DO PSD



O PSD de São Paulo aclamou como seu presidente de honra o governador Lucas Nogueira Garcez. A resolução pessedista causou a melhor impressão nos diversos setores, uma vez que a figura do governador do Estado de São Paulo, sua linha de conduta e retidão de princípios constituem uma sadia demonstração de que o Brasil ainda abriga homens capazes de resistir as facilidades que o poder político encerra. Lucas Nogueira Garcez é, sem dúvida, uma afirmação de honestidade numa terra onde tantas interrogações pesam sôbre a honra dos políticos.

★

A MEDIDA DO SUPREMO Tribunal Federal que aceitou, preliminarmente, o pedido de segurança impetrado pela Federação das Indústrias de Minas Gerais contra o decreto que regulamentou as novas bases do salário mínimo, recebeu a integral solidariedade dos homens de ação da paulicéia. Outrossim, perguntam os paulistas o que fará agora o sr. Getúlio Vargas para dar prosseguimento (por intermédio de Goulart) à onda de inquietação nacional...

★

A ORDEM DOS ADVOGADOS do Estado de S. Paulo está empenhada em conseguir a nomeação do jornalista Freitas Nobre, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, para ministro do Tribunal Superior do Trabalho. Freitas Nobre (que além de jornalista é também bacharel em direito) é uma das maiores revelações da «brasileirada» da nova geração.

★

ESTÁ CONFIRMADA a candidatura do sr. Edmundo Rossi, chefe do Serviço de Imprensa dos Campos Elíseos, a deputado estadual. Ao que se sabe, diversos Comités estão em movimento, tanto na capital como no interior em favor do seu nome.

★

DECLARAÇÕES ATRIBUÍDAS ao deputado Martinho di Ciero, dizem que dos candidatos ademaristas a deputação federal, sòmente o sr. Arlindo Maia Lello tem uma cadeira garantida no Palácio Tiradentes.

★

O «CADAVER» DO SR. TOLEDO PIZA será exposto em praça pública em outubro próximo, afirmou o sr. Franco Montoro. O líder democrata cristão quis, naturalmente, demonstrar em suas declarações a sua convicção na vitória do sr. Prestes Maia.

★

O SR. ANTÔNIO DEVISATE recebeu dos seus colegas uma moção de solidariedade por sua atuação à frente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

★

CASTILHO CABRAL, presidente da comissão de inquérito que investigou os negócios de Wainer, não rompeu nem romperá com o governador Garcez. O deputado encontra-se agastado (e com razão) com o PSD de São Paulo, por ter o partido «derrubado inúmeros amigos seus, no interior do Estado».

★

EM DECLARAÇÕES a imprensa italiana, o sr. Antônio Vieira de Melo (ex-diretor da Agência Nacional e atual procurador da Prefeitura do Distrito Federal) afirmou que a nenhum outro homem o Brasil devia mais que a Francisco Matarazzo, o pioneiro da nossa industrialização.

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Maria



(Conclusão da página 31)

Quando tratei de reconhecer nas mulheres que via, as irmãs que deixei meninas, Maria estava de pé junto a mim, com seus grandes olhos sonhadores orlados de largas pestenas. Seu rosto se cobriu do mais inquieto rubor, quando, ao retirar meus braços de seus ombros, rocei ligeiramente o seu busto. Tinha os olhos humedecidos, e sorriu à minha primeira expressão afetuosa, como os de uma criança cujo pranto desaparece à primeira carícia materna.

III

Às vinte horas fomos à sala de refeições, pitorescamente situada na parte oriental da casa. Viam-se dali as cristas desnudas das montanhas sôbre o fundo estrelado do céu. As auras do deserto passavam pelo jardim recolhendo aromas e vinham brincar com as roseiras que nos rodeavam. O vento deixava ouvir, por instantes, o rumor do rio. A natureza parecia ostentar tôda a formosura de suas noites, como para receber um hóspede amigo.

Meu pai ocupou a cabeceira da mes ae me fêz sentar à sua direita; minha mãe ficou à esquerda, como de costume; minhas irmãos e os meninos se acomodaram indistintamente, e Maria quedou diante de mim.

Meu pai ocupou a cabeceira da mesa e me fêz sentar à sua de satisfação e sorria com aquêle seu modo malicioso e doce a um só tempo, como jamais vi em outros lábios. Minha mãe falava pouco, porque em tais momentos era mais feliz do que todos os que a rodeavam. Minhas irmãs se esforçavam em fazer-me provar das iguarias e cremes, e enrubecia aquela a quem dirigia eu uma palavra lisonjeira ou um olhar examinador.

Maria procurava ocultar-me os seus olhos, tenazmente. Porém pude admirar nêles o fulgor e a formosura dos olhos das mulheres de sua raça, em duas ou três vêzes que, a seu pesar, se encontraram em cheio com os meus. Seus lábios vermelhos, úmidos e graciosamente imperativos, me mostravam, apenas por um instante o velado primor de sua linda dentadura. Usava, como as minhas irmãs, a abundante cabeleira castanho-escura, dividida em duas tranças, vendo-se na origem de uma delas um cravo vermelho.

Vestia um traje de musselina leve, quase azul, do qual só se descobria parte do corpinho e debrum, pois uma espécie de gola de algodão fino e encarnado lhe ocultava o seio até à base da garganta, de brancura de estátua. Ao volver as tranças às espáduas, de onde rolavam quando se inclinava ao servir, admirei, de revés, os seus braços deliciosamente torneados e suas mãos tão bem cuidadas como as de uma rainha.

Terminada a ceia os escravos recolhiam a toalha; um dêles rezou o pai-nosso e nós completamos a oração.

A palestra se fêz então confidencial entre mim e meus pais.

Maria tomou nos braços o menino que dormia em seu colo, e minhas irmãs a seguiram para os aposentos. Elas a amavam muito e disputavam entre si os seus afetos.

Já no salão, meu pai, para retirar-se, beijou a fronte de suas filhas. Quis êle que eu fôsse ver o quarto que me haviam destinado. Minhas irmãs e Maria, já menos tímidas, queriam observar o efeito que me causara o esmêro com que estava adornado. O quarto ficava ao extremo do corredor à frente da casa. Sua única janela tinha pela parte de dentro a altura de uma cômoda; naquele momento, estando abertas as rótulas, entravam por elas floridos ramos de rosas que vinham acabar de engalanar a mesa, onde formosa floreira de porcelana azul continha em seu bojo açucenas e lírios, cravos e flores várias colhidas à margem do rio. As cortinas da cama eram de gaze branca atadas às colunas com fitas largas côr-de-rosa; e perto da cabeceira, por uma fineza maternal, a pequena imagem de Mater Dolorosa, que havia servido em minhas orações quando era eu criança. Alguns objetos raros, cômodos assentos e um formoso estojo de banho completavam o enxoval.

— Que belas flores! — exclamei ao ver tôdas as que, do jardim e da floreira, cobriam a mesa.

— Maria recordou o quanto elas te agradavam — observou minha mãe.

Voltei os olhos para dar-lhe meus agradecimentos, e os seus, como que pareciam esforçar-se para resistir aquela vez o meu olhar.

— Maria — disse eu — guarde-as, pois fazem mal nos dormitórios onde nos recolhemos.

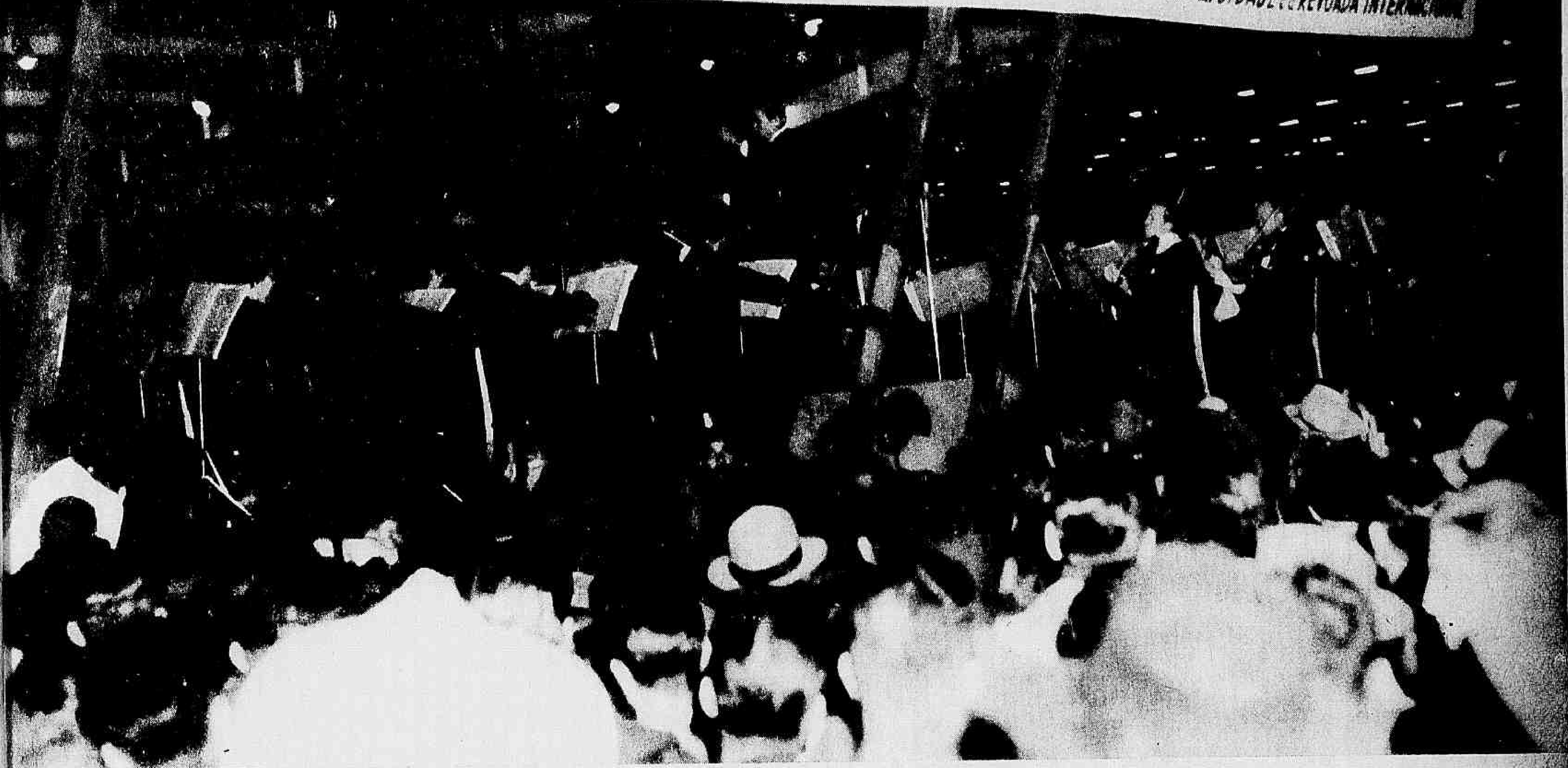
— É verdade? — respondeu. Pois colocarei outras amanhã. Como era doce a inflexão de sua voz!

— Há tantas assim?

— Muitíssimas. Abrem todos os dias.

Depois que minha mãe me abraçou, Ema me estendeu a mão, e Maria cedendo-me por um instante a sua, sorriu como na infância me sorria, um sorriso com as covinhas na face, como era o da menina dos meus amôres infantis, surpreendido nos lábios de uma virgem de Rafael.

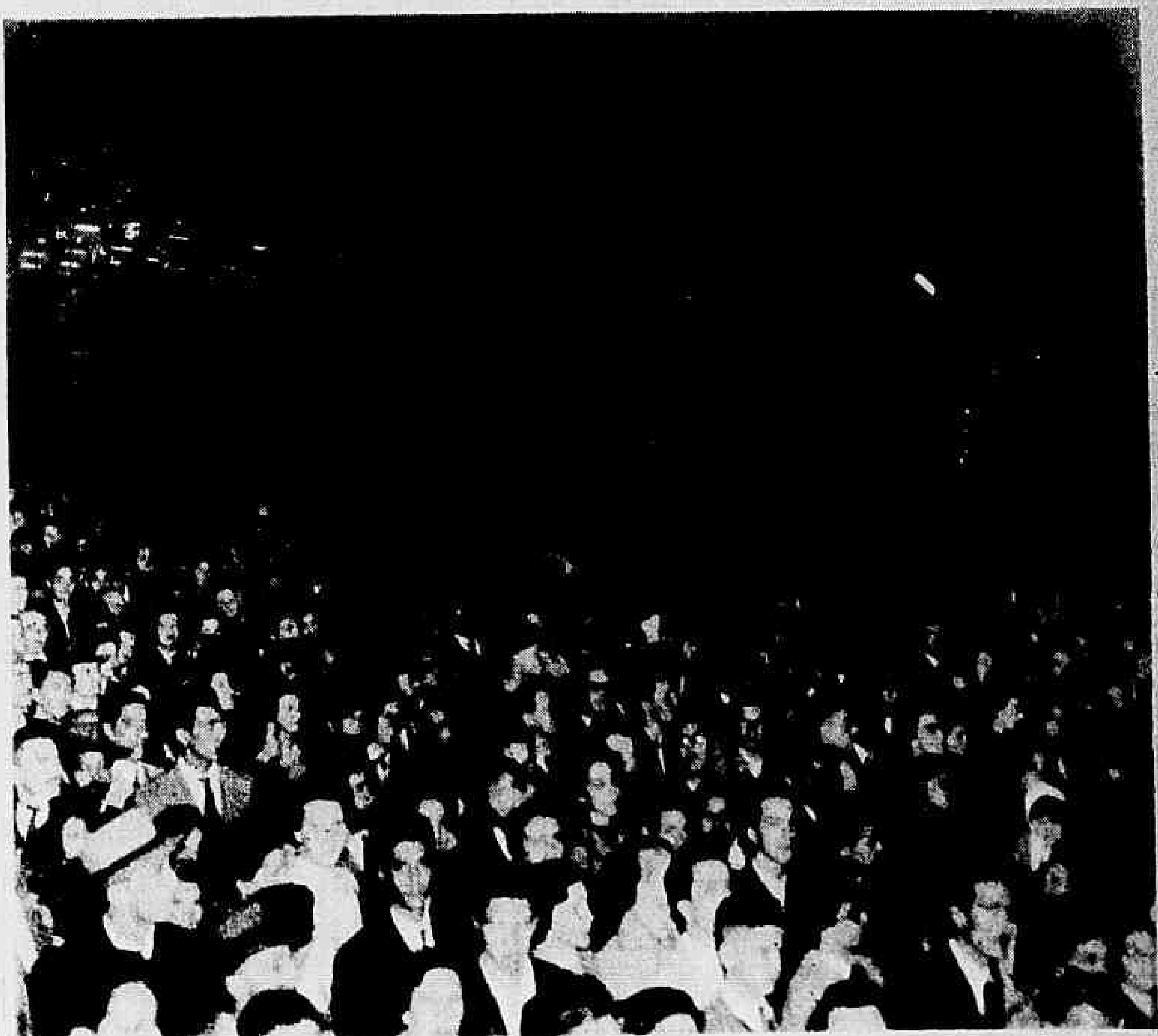
(Continua no próximo número)



CONCÊRTO NO PARQUE IBIRAPUERA

HOMENAGEANDO a cidade de São Paulo, neste ano em que festeja o seu IV Centenário, e com a colaboração da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, ofereceu o LÓIDE AÉREO, domingo, dia 20, num concêrto sinfônico que levou ao Parque Ibirapuera milhares de pessoas. Não obstante o frio da noite e o adiantado da hora o público permaneceu até o final, confirmando, assim, a premissa levantada de que o povo brasileiro tem gôsto pela boa música, faltando-lhe apenas, mais oportunidades para o seu desenvolvimento musical.

Colaborando, ainda, com o Ministério da Educação, com a Sociedade de Cultura Artística e com a Orquestra Sinfônica Brasileira, dirigida pelo maestro Eleazar de Carvalho, vem o LÓIDE AÉREO conjugando seu esfôrço no sentido de que o objetivo pretendido — a difusão da música sinfônica por todo o Brasil — seja alcançado. Assim, para a primeira quinzena de julho, está programada uma «tornée» do Norte que, pela primeira vez, terá oportunidade de ouvir uma orquestra sinfônica, brasileira, regida por um brasileiro, coroando os propósitos altruístas que animam os brasileiros que nisso colaboram, dando margem a que o nível intelectual e artístico do nosso povo se eleve.



O «Country» é mais do que um clube; é uma instituição. O filho vai lá pela manhã, os pais à tarde e os avós à noite.

PETER

● Muita gente pensa que o Country Club é apenas o centro desportivo, digamos assim, o nosso «Café Society». Nada disso. O Country, como é chamado carinhosamente na intimidade, é muito mais do que isto. É tão importante que toma o aspecto de instituição. Lá desfilam diàriamente três gerações da nossa sociedade. Lá aparecem, todos os dias, as nossas melhores famílias que vão conversar, jogar tênis, mergulhar na piscina, fazer nada, comer, dançar, jogar bilhar, descansar do trabalho de todos os dias. Uma única coisa é tàcitamente proibida entre os adultos: falar em negócios. Para algumas pessoas, o Country é tão importante que chega a servir de fronteira — para cá e para lá do Country.

Se você fôr ao clube pela manhã, encontrará Miguelzinho Faria tomando seu café, na mesma mesa que as duas meninas e o menino de Herculano Tomaz Lopez, ou os descendentes de Jaime de Castro Barbosa. Você verá uma legião de crianças, acompanhadas de babás de avental branco engomado, e, pela côr da camisa descobrirá que há muitos americaninhos ali, tomando refresco com bolas de sorvete dentro.

A tarde, chega a campeã Baby Medicis que joga tênis com a vivacidade de seus 18 anos. Na piscina, montadas na grama, conversando, disputando partidas de tênis, você verá a nova geração da nossa sociedade. São as srtas. Vera e Heloísa Dolabela, Marilu Crespi, Carmen Sallem, Nono e Lucília Seve, Silvinha Vidal, Maria Lúcia Mauriti, Gilda Vidal, e muitas mais que não me lembro.

E à noite, enfim, você poderá assistir a uma belíssima festa-«show», as grandes personalidades, não só do nosso «Café Society» como os grandes artistas que nos visitam, por exemplo, Jean Louis Barrault e Madelaine Renauld. Os domingos do «Country» são concorridos das sete horas da manhã à madrugada de segunda-feira. Um belo clube. Muito mais: uma bela instituição.

● **CHÁ DA PRÓ-MATRE**

Como em todos os anos, o chá de pró-Matre constituirá um acontecimento que seis meses depois ainda provocará comentários elogiosos. Neste ano, os modelos da Canadá, próprios para «Sweepstake», desfilarão. Muitas sugestões.

● **A PHILIPS SE CONGRAÇA**

Na residência do sr. e sra. Manoel Ferreira Guimarães foi oferecida uma festa em homenagem ao casal Anthony Johannes Guepin, diretor da «Philips» da Holanda, em visita ao Brasil. A «hostess» ofereceu uma linda água marinha à homenageada e à sra. Abelardo Cunha, cujo marido comemora o jubileu como advogado daquela grande firma.

● **PORTUGAL EM REAL GRANDEZA**

Podemos garantir que os Farias cederão sua casa de Real Grandeza ao embaixador Faria, de Portugal. Na bela mansão dos Farias funcionará a Embaixada e êles se mudarão para outra residência já escolhida, na Urca. O telefone será o mesmo.

● **ELIZETE NO «VOGUE»**

Continua fazendo sucesso no «Vogue» a cantora Elizete Cardoso com seus sambas-canções. O casal Betty Faria é seu grande admirador. Nós, também. Enquanto isto, o sr. Caribé da Rocha já está mandando fotografar as «girls» que tomarão parte no seu misterioso, comentado e esperadíssimo «show». E a sra. Celina Simon faz a decoração do «Sacha's».

● **O DIPLOMATA NÃO SE TRANSFERE**

Parece que a notícia de que o sr. Sérgio Correia do Lago estaria prestes a se casar com uma européia repercutiu no Itamarati. Dizem que o Ministério do Exterior reconsiderou a transferência do diplomata para a Índia, que já estava acertada.

● **A NOTA ELEGANTE**

Uma das senhoras mais elegantes que assistiram ao desfile da «Miss Brasil» foi a senhora Dario Cardoso. Trajava um belíssimo vestido que provocou comentários elogiosos de várias senhoras que se encontravam na mesas próximas. Realmente, um conjunto de grande equilíbrio.



MARILU CRESPI

Marilu Crespi pertence a uma das mais importantes famílias brasileiras, descendente dos Crespi da Itália. É filha do sr. e sra. Luciano Crespi e herdou dêle o gôsto pelo esporte, sendo hábil montadora e excelente volante (seu tio, Nino Crespi, foi grande corredor da Gávea). É uma das diretoras da solidão, vende seguros de vida, trabalha no Itamarati e acha que ninguém deve ganhar a vida sem fazer alguma coisa. Agora, que seu primo, Jacinto de Thormes, o cronista social do «Diário Carioca», embarcou para a Europa, concordou em colaborar no seu programa de rádio. Assim, além de tôdas as suas ocupações, encontrou mais um motivo de distração, produzindo. É quase um «hobby».

CASA-SE O FILHO DO PRESIDENTE

● O acontecimento social mais discutido da semana foi o casamento do sr. Manoel Vargas, filho do sr. presidente da República e sra. Darci Vargas, com a srta. Vera Maria da Silva Tavares. O casamento seguiu a mais rígida norma protocolar, sendo o convite para o religioso distribuído dez dias antes do para a recepção. Protocolo tão rígido que lembrou o dedo do Itamarati. Foi um grande acontecimento social o casamento do filho do presidente com a debutante da «Sombra» e ex-rainha do «Charme». Um acontecimento social perfeito, dentro de tôdas as regras.



Homenagem ao casal Anthony Johannes Guepin.



O sr. e a sra. senador Dario Cardoso foram ver «Miss Goiás».

★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★

A CANDIDATA DA BAHIA ENFRENTOU E VENCEU, COM TÔDA FACILIDADE, A CONCORRÊNCIA DAS COLEGAS E A RANHETICE DO JÚRI ★ TÔDAS MUITO PRENDADAS, MAS NENHUMA SABIA QUEM ERA O POETA MANUEL BANDEIRA . . .



Marta Rocha, mistura de Valquíria e de Iemanjá

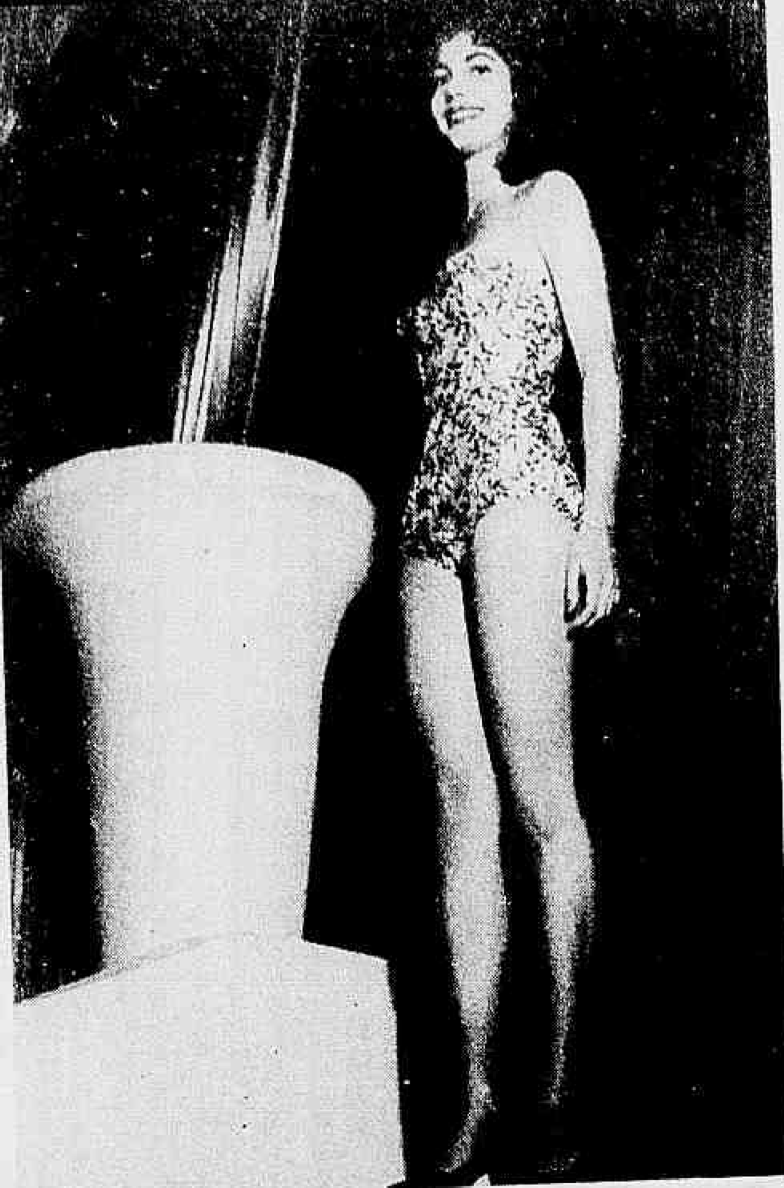
MISS BRASIL, CABELOS LOUROS E PELE QUEIMADA

Reportagem de PEDRO MULLER

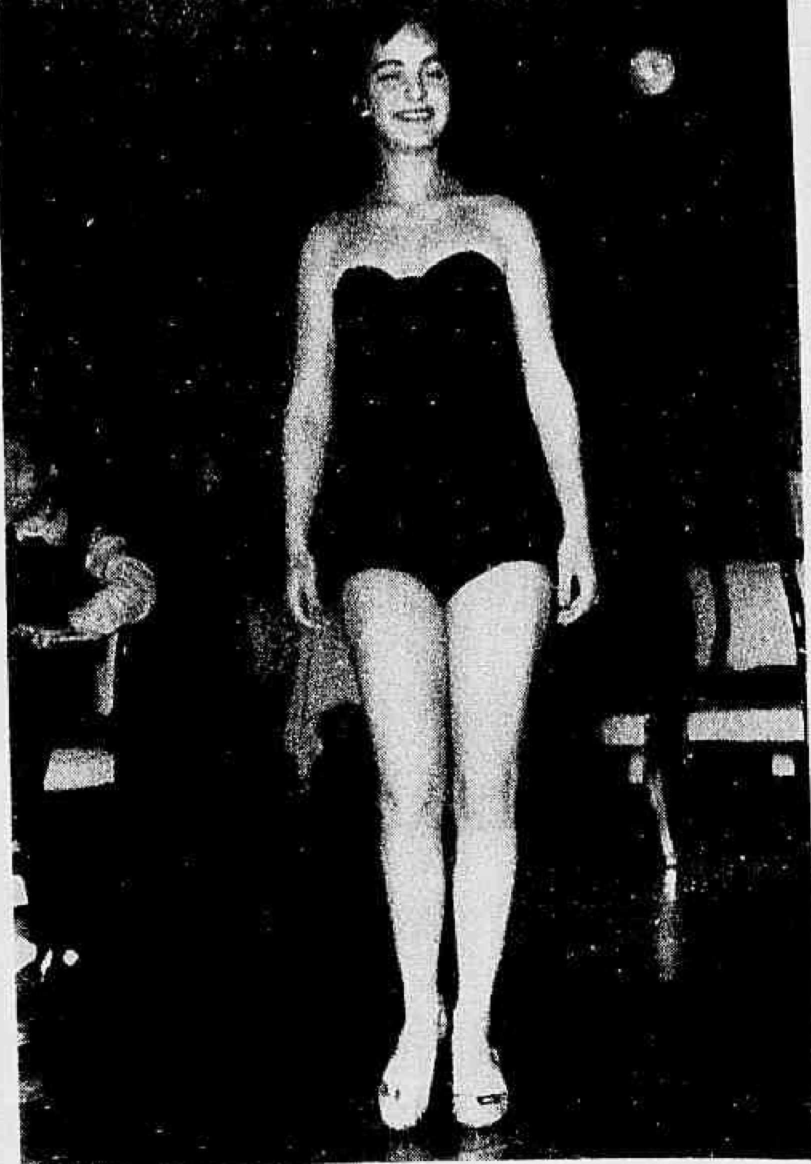
Fotos de ARNALDO VIEIRA



A representante de São Paulo estava sempre sorrindo.



A belèza brasileira de Zaida quase lhe deu a vitória.



A gaúcha fêz grande sucesso em vestido de baile: 3º lugar.

JÁ tinha passado bastante da meia-noite, quando começaram a desfilar as representantes da beleza e da graça dos diversos Estados, concorrentes ao título de «Miss Brasil», no concurso promovido pelo «Diário Carioca», «Fôlha de São Paulo» e Universal International. A vencedora representará o Brasil em «Long Beach», Califórnia, onde se realizará a parada mundial para a escolha de «Miss Universo». A «boite» do Quitandinha se apresentava literalmente lotada, com pessoas de pé, ao longo das paredes, que não haviam conseguido lugares. O ambiente era de nervosismo entre os presentes, aumentado pelo ligeiro atraso na apresentação, pois as representantes subiram a serra acompanhadas de parentes e admiradores, que roíam as unhas de ansiedade.

A MAIOR TORCIDA

Fora de dúvidas, a representante goiana, srta. Dorama Cury Nasser, arrastou o maior número de admiradores: nada menos que dois senadores (Dario Cardoso e Costa Paranhos), acompanhados de suas senhoras, foram prestigiar, com suas presenças, a candidata do Estado. Por outro lado, o irmão de Dorama e seus amigos da «colônia» eram em tão grande número que lotaram vários automóveis, além do ônibus que alugaram para transportar os «fans» da bela morena.

A ESCOLHA FOI À TARDE

A fim de que o júri não fôsse influenciado pela assistência, a escolha de «Miss Brasil» foi feita à tarde, permitida apenas a presença da imprensa (um enxame de fotógrafos e vários cinegrafistas). O júri foi constituído pela sra. Helena Silveira, jornalista paulista e escritora, deputado-escritor Amando Fontes, poeta Manoel Bandeira, cronista Fernando Sabino (substituiu José Pedrosa), Paulo Mendes Campos, poeta (que substituiu o arquiteto Oscar Niemeyer), jornalista Pompeu de Souza (em substituição ao sr. Café Filho) e o pintor Santa Rosa.

O JÚRI FAZ EXAME CULTURAL

O júri assistiu ao desfile das moças em «maillots» e trajando vestido de baile. Após isto, as moças fizeram um desfile, frente à mesa formada pelo júri, e foram submetidas a uma espécie de exame geral. Foi-lhes feita diversas perguntas, tais como o curso que possuíam, as línguas que falavam (a representante goiana falava árabe) e etc. De um modo geral, tôdas entendiam ou falavam um pouco de inglês ou francês, sendo que a representante gaúcha falava inglês, francês e um pouco de alemão, sendo, portanto, a campeão poliglota.

NINGUÉM SABIA QUEM ERA MANOEL BANDEIRA

A certa altura do questionário, alguém perguntou à representante gaúcha se reconhecia ali Manoel Bandeira. Resposta negativa, veio outra pergunta: «Quem é Manoel Bandeira». Resposta: «Não sei». Espantado, perguntou à

"Maillots" e vestidos de baile eram apenas



Êste braço pertence ao membro do júri, senhor Fernando Sabino.



Baby Lomani, «Miss São Paulo», desfila a graça bandeirante.



Patrícia Lacerda desfilou com segurança o modêlo branco.



A srta. Dorama Nasser procurou alguém para conversar em árabe.



seguinte e obteve a mesma negativa. E, por incrível que pareça, salvo a representante do Estado do Rio que ouvira falar vagamente, ninguém sabia quem era Manoel Bandeira.

Logo após o «exame», quando as moças posavam para fotógrafos e cinegrafistas, o autor desta reportagem perguntou à Marta Rocha: «O Bandeira, Manoel, você não conhece; e o Bandeira, tenente? E aquêle anjinho de beleza respondeu: «Claro! Quem é que não conhece o tenente?» Mas, voltando ao questionário feito pelo júri, vale acrescentar que nem uma das moças sabia igualmente quem era Santa Rosa, o que foi o consôlo do poeta.

O júri retirou-se da sala, depois do exame, para dar o veredito, o que levou quase duas horas. Mas, desta vez, o resultado não foi guardado com o mesmo sigilo que da eleição de «Miss Distrito Federal», pois, à noite, durante

«Miss Distrito Federal» parecia ter grande «chance».

simples molduras de autênticas belezas



Os maiores aplausos, à noite, foram para Lígia Beatriz.



O piano maluco perguntou o que é que a baiana tem.



Dorama Cury Nasser foi a que melhor falou ao microfone.

RENDIÇÃO INCONDICIONAL (DO JÚRI) DIANTE DA BELEZA DE MARTA ROCHA



Nesta foto, estão sintetizadas a graça, beleza e elegância da mulher brasileira. As depositárias destas qualidades são: Lígia Beatriz, Zaida Saldanha, Marta Rocha, Dorama Nasser, Patrícia Lacerda e Baby Lomani.

o desfile, um «speacker» disse quem havia sido a vencedora, antes da proclamação.

O DESFILE E A ASSISTÊNCIA

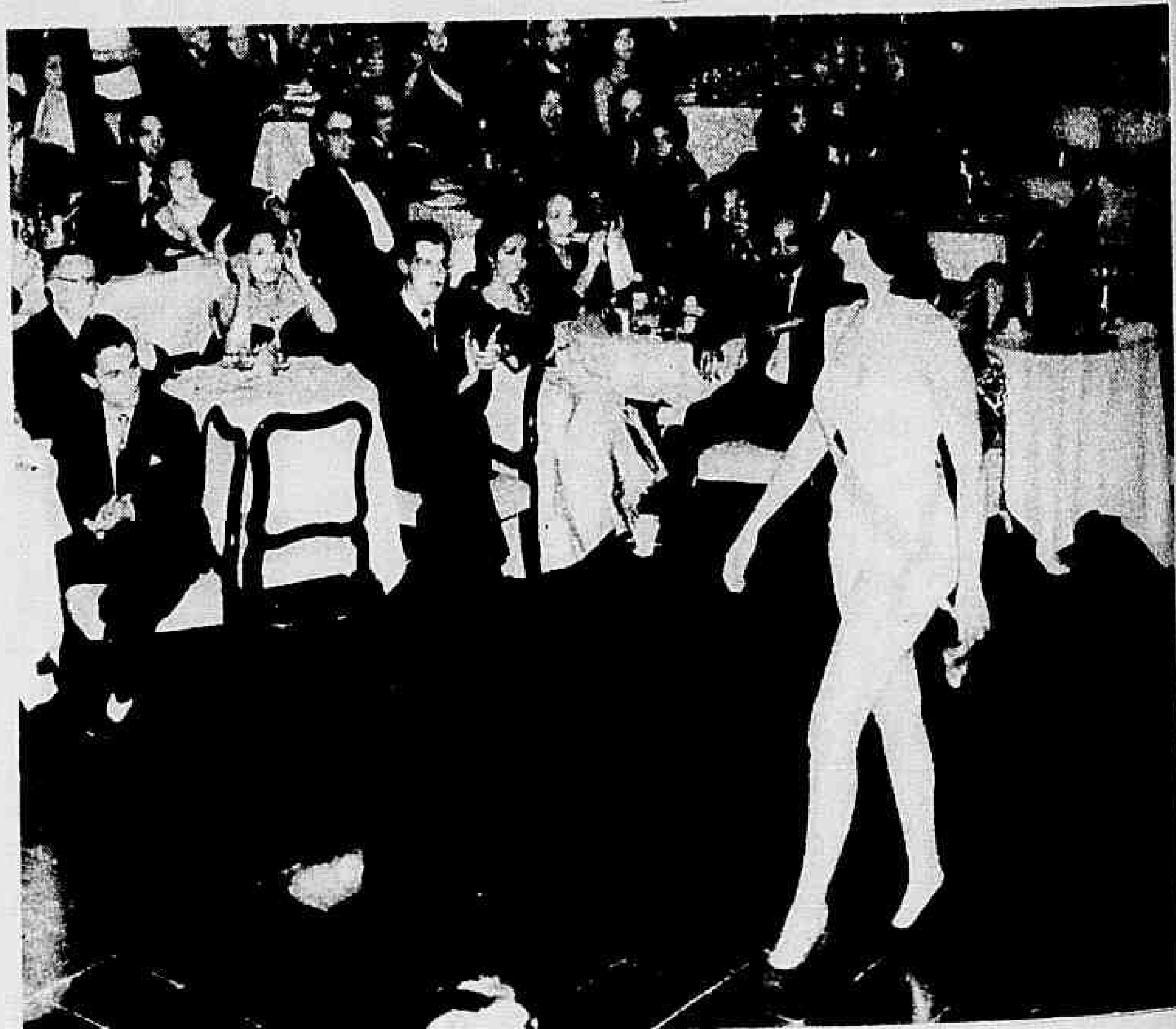
Já era quase uma hora da manhã, quando começaram a desfilar as representantes dos Estados, com exceção da representante mineira, srta. Gilda Avelar, que deu assim seu segundo «bôlo», pois, quando candidata ao título de «Miss» pelo Distrito Federal, deixara de comparecer. Foram passando: Marta Rocha (Bahia), Patrícia Lacerda (Distrito Federal), Zaida Saldanha (Estado do Rio), Baby Lomani (S. Paulo), Dorama Cury Nasser (Goiás) e Lígia Beatriz (Rio Grande do Sul). A mais aplaudida das candidatas, em roupa de banho, foi a baiana Marta Rocha, ao passo que, em vestido de baile, quase que a casa veio abaixo com os aplausos que Lígia Beatriz recebeu. Realmente, estava muito elegante, com um vestido prêto.

A DECISÃO FINAL

Em seguida ao desfile, debaixo de grande espectativa, foi lida a decisão do júri: Marta Rocha, «Miss Bahia» foi escolhida «Miss Brasil». Em segundo lugar, Zaida Saldanha, do Estado do Rio e, em terceiro, a gaúcha Lígia Beatriz. De um modo geral, a assistência recebeu bem a escolha.



Marta Rocha, desfilando como «Miss Bahia», momentos antes do grande instante em que ela foi aclamada «Miss Brasil».



Patrícia Lacerda, com a faixa de «Miss Distrito Federal» faz passear a plástica que arrancou aplausos da assistência.



ZAIDA SALDANHA. «Miss Distrito Federal».



LÍGIA BEATRIZ. «Miss Rio Grande do Sul».



BABY LOMANI. «Miss São Paulo».



DORAMA CURY NASSER. «Miss Goiás»



A VITÓRIA DE MARTA ROCHA, elegendo-se «Miss Brasil», foi a vitória da graça, da beleza plástica e da elegância.



«MISS BRASIL»

Como vocês poderão verificar em qualquer fotografia, Marta Rocha é uma coisa muito mais séria que a falada bomba atômica. Ela é a materialização da resposta ao samba que pergunta o que é que a baiana tem. Tem 21 anos, mede 1,70 cm., 57 quilos, cabelos louros naturais, olhos azuis, filha de professor da Escola Politécnica da Bahia, tem nove irmãos e foi escolhida «Miss Bahia» em votação popular realizada pelo jornal «A Tarde». Em julho, deverá estar disputando com candidatas de todo mundo, em Long Beach, o título de «Miss Universo». Felicidades.

SEGUNDO E TERCEIRO LUGARES

Zaida de Sousa Saldanha (desclassificada na disputa para «Miss Distrito Federal»), apresentou-se como «Miss Estado do Rio», pois ganhara o concurso realizado pelo «O Estado». E' uma grande beleza, cem por cento brasileira. Tem 18 anos, 1,70 cm., 56 quilos, olhos e cabelos pretíssimos. Ganhou o segundo lugar, contrariando, assim, a escolha do júri que a preteriu, escolhendo Patrícia Lacerda para «Miss Distrito Federal».

Lígia Beatriz (Carotenuto), gaúcha, 18 anos, é, como a primeira classificada, descendente de alemães. Já venceu diversos concursos em seu Estado e, quando desfilou em vestido de baile, tinha tanta elegância que provocou os mais entusiasmados aplausos da multidão.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Ao terminar êste trabalho, cabe-nos elogiar os organizadores dêste concurso que, não o realizando na base do voto comprado, como quase todos os concursos que temos notícia, valorizou a plástica, a beleza e a elegância da mulher brasileira, moralizando e permitindo que vença aquela que tem mais mérito, segundo ponto de vista imparcial do júri.

Marta Rocha, já enfaixada «Miss Brasil», é ladeada pela 2ª e 3ª colocadas, respectivamente, Zaida Saldanha e Lígia Beatriz. A Universal International talvez seja o futuro da bela brasileira

Miss Brasil...

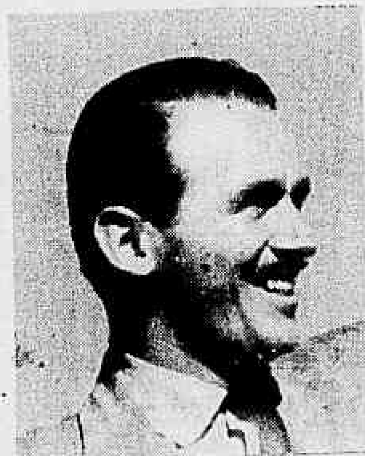


O acadêmico Manoel Bandeira deixa com prazer o seu mundo de contemplações poéticas para colocar a faixa em Marta Rocha, que é uma bela poesia de côr, movimento e formas.

O comodoro de 70 anos casou-se com a modêlo de 23, há uma porção de ministros novos, declara Ademar que é "candidato em potencial a tudo", Mr. Dulles não virá e os húngaros também não


EISENHOWER
Complicações (de saúde).


CAFÉ FILHO
Cinco dias.


FAIRBANKS
Virá.


ARTUR SANTOS
Tudo azul.


PUSKAS
Não virá.


KUBITSCHEK
Tudo quase azul.


EINSTEIN
Não tem culpa.

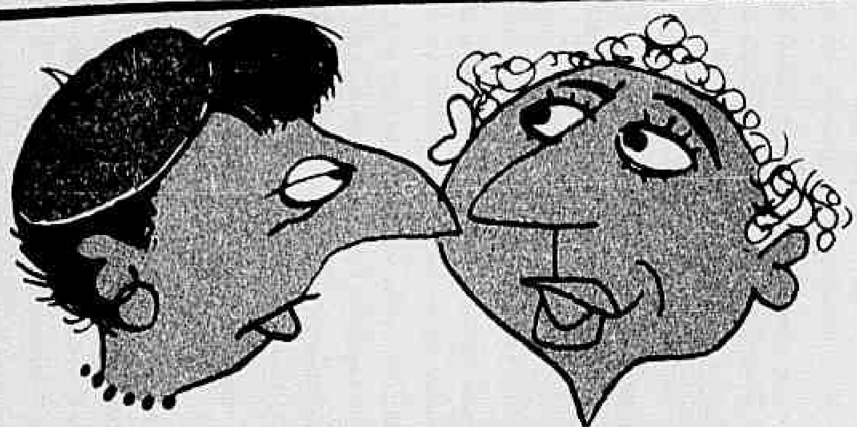
- Anuncia-se que não é muito boa a saúde de Eisenhower.
- Pedro Calmon, o Magnífico, não perdeu as esperanças de ser candidato ao govêrno da Bahia.
- Eden: «Ninguém está ganhando ou perdendo na guerra da Indochina».
- Vai ser arborizada a Avenida Brasil. (Deveriam perfumá-la, também).
- Guilherme Romano apontado para a vaga de Dulcídio.
- A cidade erguerá um mausoléu para os soldados do fogo. (Iniciativa, elogiável, de «O Globo»).
- Douglas Fairbanks Jr. visitará mais uma vez o Brasil, em agôsto próximo. (E Carmen Miranda desmente a sua vinda para uma temporada no «Casablanca». Diz ela: «Quando eu fôr ao Rio é para ficar»).
- Reiniciada, em S. Paulo, a filmagem de «O sertanejo».
- «Não há crise na UDN», afirma o sr. Artur Santos. E acrescenta: «O líder Afonso Arinos continua a merecer a confiança do partido».
- Novo assalto a motorista, em São Paulo.
- O carioca pagará mais dois cruzeiros por quilômetro no preço dos táxis.
- Já há candidatos à vaga de Cláudio de Sousa na Academia de Letras: R. Magalhães Jr., Pedro Bloch, Herman Lima, e outros de menor porte.
- Kubitschek: «Minas começou a tirar o pé da lama».
- Apolônio está substituindo, no Ministério da Agricultura, todo o pessoal de Cleofas.
- Ademar declara: «Sou candidato em potencial a tudo».
- Os jornalistas Edmar Morel e Mário Garófalo serão ouvidos no dia 7 no sumário de culpa dos matadores de Nestor Moreira.
- Também no dia 7: reunião, aqui no Rio, dos chanceleres americanos. Mas Foster Dulles não virá.
- Impasse no conflito guatemalteco.
- Fortalecido, na Itália, o gabinete Scelba.
- «Sou apenas um cientista. E não tenho culpa de terem transformado a ciência em política», declara Einstein.
- Aranha, eufórico: «Caíram as emissões no primeiro semestre dêste ano».
- Café Filho prepara-se para ser presidente da República durante cinco dias.
- Foi mesmo acidental a catástrofe do Braço Forte — é a conclusão da perícia policial.
- Novos ministros: Edgard Sanches (Educação) e Mário Pinotti (Saúde).
- Aviso do Instituto Pasteur: «É fatal a suspensão do tratamento da hidrofobia».
- O comodoro Droully, de 70 anos, conhecido como o «Rei do Chapéu», casou-se com a modêlo Jacqueline Patti, de 23.
- Tancredo Neves, após assistir «S. Excia. em 26 poses»: «Realmente, o Lourival (Genival) só telefona para dar más notícias».
- Complica-se a situação de Padilha (o do escândalo da Cexim).
- Os húngaros não virão mais ao Brasil.
- Premiado na Alemanha o filme brasileiro «Sinhá Moça»



A VITÓRIA NADA QUERIA COM ÊLES

● O jovem ás do volante inglês Mike Hawthorn, no comando de uma «Ferrari», vinha mantendo o segundo lugar no «Grande Prêmio da Bélgica» (um dos quatro grandes certamens automobilísticos do mundo), quando teve de parar, completamente intoxicado pela fumaça que penetrava no seu carro. Havia se quebrado o cano da descarga. O argentino Froilan Gonzalez tomou o volante, mas teve que abandonar a corrida pelos mesmos motivos. Só então os mecânicos consertaram o defeito, e Gonzalez ainda conquistou o quarto lugar na prova. A vitória coube a um outro argentino, o famosíssimo Fângio. No flagrante (da U.P.) vemos Hawthorn, semi-inconsciente, ao ser retirado da azarenta «Ferrari».

FOI TRAIDOR ATÉ À MORTE: SUICIDOU-SE COM UMA PUNHALADA NAS COSTAS



UMA — Costumo escrever uns artigos bem interessantes, mas não gosto que ninguém os leia.

OUTRA — Então por que não os publica num Suplemento literário?

NÃO COMPREENDO...

... porque o ônibus que queremos tomar é sempre o que mais demora.

CUCO

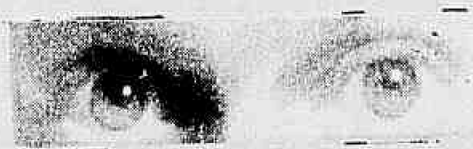
Uma seção meio pancada

leon eliachar

Assinatura do autor, na velha Rússia.

Ilustrado por PIQUI'

PONTOS DE VISTA



CIRCULO é uma reta que sempre acaba onde começa.

●

SAPATO é a condução do pobre.

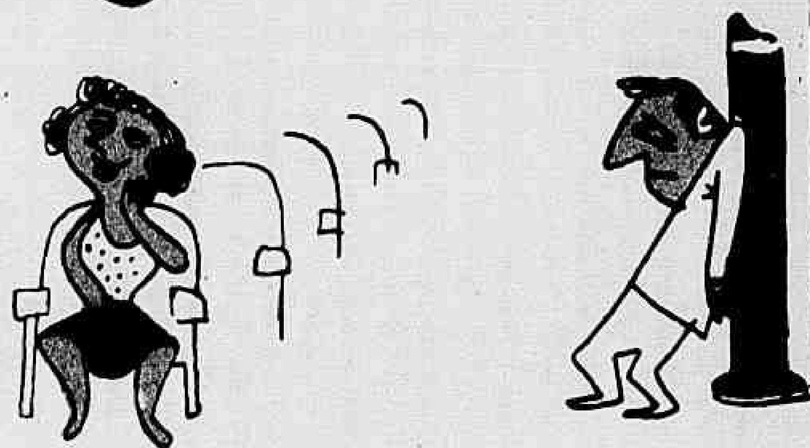
●

BOCÊJO é a forma definitiva de se mandar a visita embora.

●

LUZ é essa coisa que se vê até no escuro.

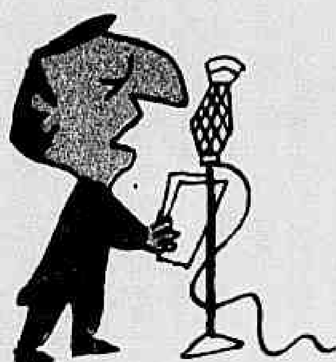
O Encontro



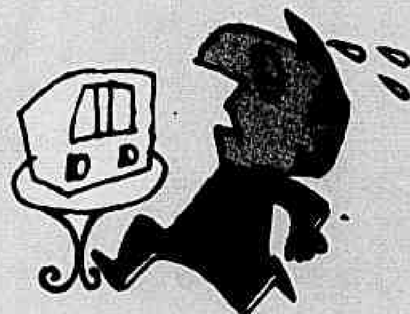
(Conto para ganhar tempo)

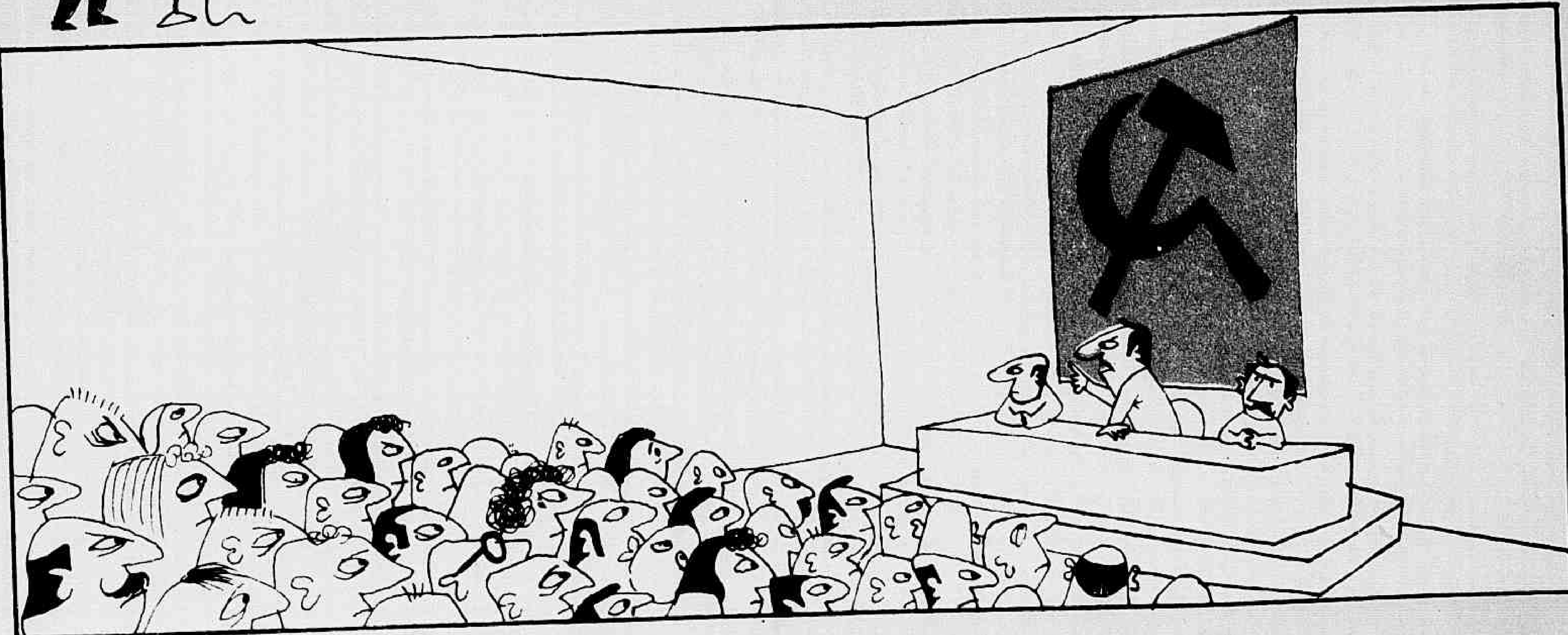
O telefone tocou, êle atendeu, marcaram encontro. Fêz a barba, tomou banho, vestiu-se. Há uma semana que não via a noiva e hoje era domingo, dia de ir ao cinema com ela. Apertou o botão, esperou o elevador, desceu, alcançou a rua e foi esperar o bonde. Fêz baldeação e chegou lá duas horas depois: Méier. Ainda teve de esperar 40 minutos para que ela acabasse de se arrumar. Sua futura sogra serviu-lhe um cafèzinho na varanda, seu futuro sogro conversou com êle sôbre a situação internacional, depois leu um jornal, depois ela apareceu. Saíram apressados. O cinema era logo ali na esquina. Foram correndo. Êle entrou na fila e ela ficou esperando perto da portaria. 38 minutos depois êle apareceu com os ingressos na mão. Entraram. No salão escuro o vagalume indicou: «um» lugar. Ela então correu e sentou.

A MAIOR INVENÇÃO DO JORNALISMO MODERNO FOI O PSEUDÔNIMO. PERMITE QUE SE FALE MAL DOS OUTROS E BEM DE SI MESMO.



ERA UM LOCUTOR MAIS VELOZ QUE O SOM. IRRADIAVA O SEU PROGRAMA NO ESTÚDIO E CORRIA PARA CASA PARA OUVI-LO NO RÁDIO.

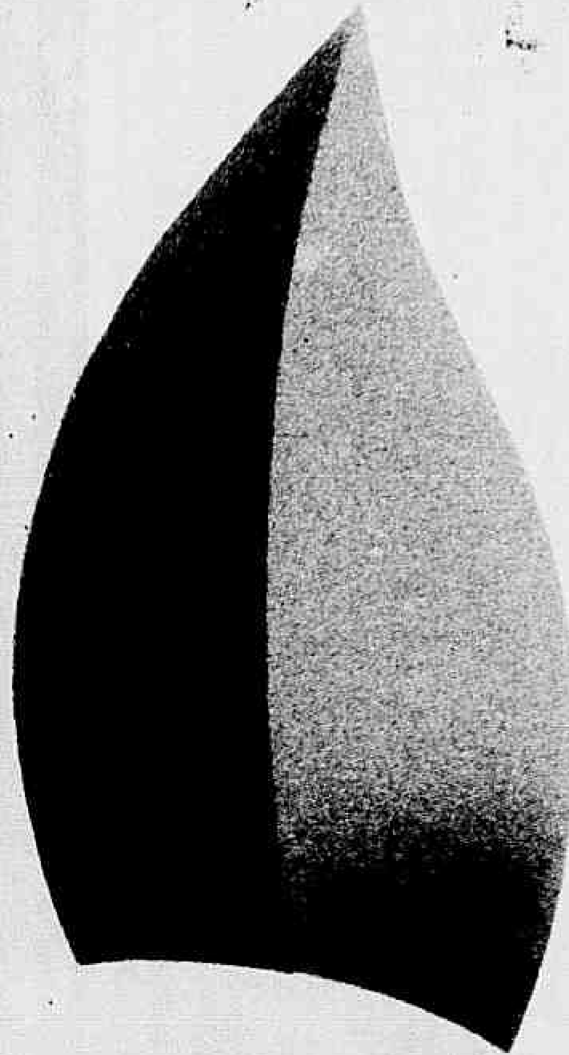




— Os cavalheiros vão desculpar, mas fomos derrotados por 1 voto contra 36.













Há mais de 50 anos a Goiabada marca PEIXE tem a preferência nos mercados, porque é fabricada com as melhores goiabas, rigorosamente selecionadas para manter o seu verdadeiro sabor conservando todos os valores vitaminosos.

PEIXE

Produto das **INDÚSTRIAS ALIMENTICIAS CARLOS DE BRITO S. A.** ★ RECIFE — RIO — SÃO PAULO — MINAS